

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE SOCIOLOGIA

ISRAEL PINHEIRO MATOS

**Regimes de violência:
narrativas ao redor de um lugar “seguro”**

Orientador: Prof. Dr. Fábio Magalhães Candotti

MANAUS-AM

2017

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

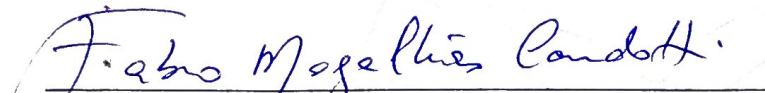
M433r Matos, Israel Pinheiro
Regimes de Violência: : narrativas ao redor de um lugar "seguro" /
Israel Pinheiro Matos. 2017
144 f.: il.; 31 cm.

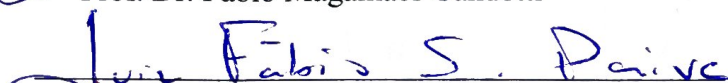
Orientador: Fábio Magalhães Candotti
Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do
Amazonas.

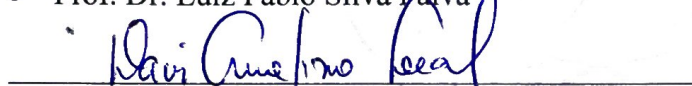
1. Violência. 2. Sociologia. 3. Narrativas. 4. História. 5. Etnografia.
I. Candotti, Fábio Magalhães II. Universidade Federal do Amazonas
III. Título

Proclamados os resultados, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Marluce Lima de Carvalho, Secretária do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Manaus, 26 de abril de 2017


• Prof. Dr. Fábio Magalhães Candotti


• Prof. Dr. Luiz Fábio Silva Paiva


• Prof. Dr. Davi Avelino Leal



Marluce Lima de Carvalho
Secretária



AGRADECIMENTOS

Eu agradeço postumamente a Thalles Mota Serra, amigo e irmão próximo que teve sua vida ceifada em 2003 por conta de uma discussão de um volume de televisão, a saudade deixada nunca pode ser reparada, agradeço por ter podido compartilhar experiências e amizade por um tempo.

Agradeço a minha companheira Aline Ribeiro, amiga, amante e meu amor que me deu forças nos momentos mais difíceis na construção dessa dissertação, não deixando que eu desistisse ou me abalasse diante das intempéries da vida, sua companhia e horas dedicadas para ouvir minhas histórias repetidas foram essenciais para elaboração desse trabalho. Sem seu amor e carinho não teria conseguido. Nossas lágrimas derramadas não foram em vão.

A minha cunhada Raescla Ribeiro, pelo seu ímpeto anárquico e capacidade de escuta e debate sobre assuntos diversos, sendo parte do que hoje posso chamar de família, meus sinceros agradecimentos.

As minhas amigas de curso e colega de insatisfações Fabiolla Emanuelle Vilar e Naiane Alves que entendem como ninguém a trajetória de vida daqueles que vem de classe popular, que com suas contribuições e questionamentos fizeram com que esse trabalho tornar-se uma reflexão crítica da realidade, que compartilharam comigo a graduação e a pós-graduação em um campo do saber rigoroso e de diversas armadilhas epistemológicas.

Necessito deixar um agradecimento especial aos professores Odenei Ribeiro, Marco Aurélio Paiva, Thiago Jacaúna e a professora Marilene Corrêa, que me incentivaram ao longo da pós-graduação propondo questionamentos de ordem teórica e metodológicas pertinentes e importantes para o desenvolvimento da presente análise. E também aos professores do departamento de História da Universidade Federal do Amazonas, professor Almir Junior, professora Patrícia Sampaio, professora Kátia Cileno do Couto. E um agradecimento especial ao professor Davi Avelino Leal, historiador e um crítico de seu tempo, intelectual de admirável saber e profissional de caráter ético indubitável, seu apoio na etapa final desse trabalho foi essencial em todos os sentidos.

Agradeço a Jéssica “Dandara” Santos, Raissa Floriano, Tamily Frota, Rafaela Bastos, Raphaela Martins, Cláudia Pinheiro, Roberta Kelly Lima de Brito, “tio” Eraldo, Matheus José, Túlio Ricardo, Raphael Silva, amigos de militância e companheiras de luta em um campo violento de disputa que é a Universidade.

É preciso agradecer a Herbert Levy, João Eurico Brasileiro, Saulo Almeida Aguiar, Gabriel “Gepeto” Ferreira, Thiago Souza, pelos momentos de lazer proporcionados e necessários em um trabalho árduo e longo como este.

Um agradecimento especial à professora Flávia Melo da Cunha, intelectual e militante notável pelas boas conversas em torno de temas complexos como violência, gênero e conflitualidade. Ao professor Luiz Fábio da Silva Paiva, professor que me apresentou a campo da pesquisa em ciências sociais em 2011. Ao professor Fábio Alves do Rio de Janeiro além de intelectual notável uma pessoa de trajetória admirável que me incentivou bastante nos momentos finais dessa dissertação.

Um agradecimento especial a Fábio Magalhães Candotti, que aceitou o desafio de lidar com “uma máquina de guerra” de escrever, me proporcionando o um ambiente livre para o desenvolvimento das ideias e que buscou ser atencioso e perfeccionista em cada detalhe dessa pesquisa, seu empenho foi reconfortante e principalmente necessário, meus sinceros agradecimentos por tudo, além de ser orientador se tornou um amigo na diversidade.

Um agradecimento especial aos interlocutores dessa pesquisa, que puderam despender um tempo de suas vidas para poder responder e conversar com um jovem estudante como eu, a todos aqueles que não posso nomear por questões de segurança e preservação, mas que saibam que foram mais que colaboradores, foram coautores desse processo e desse trabalho.

Agradecimento a Maria Francisca da Silva, minha vó e apoiadora em todos os momentos de nossa vida.

RESUMO

Esta dissertação é resultado de um processo de interlocução com diversos moradores e trabalhadores de um lugar considerado “seguro” em Petrópolis, bairro de Manaus. Nela pretende-se interpretar sentidos, representações e disposições sociais construídas por indivíduos a partir de suas experiências cotidianas de violência. A pesquisa recorreu a narrativas sobre si, sobre o outro e sobre o lugar como instrumentos de análise para a reconstrução de quadros sociológicos. A análise permitiu compreender a formação de diferentes *regimes de violência* nos quais o *respeito* emerge como enunciado recorrente.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a process of interlocution with several residents and workers of a place considered "safe" in Petropolis, neighborhood of Manaus. It intends to interpret senses, representations and social dispositions constructed by individuals from their daily experiences of violence. The research resorted to narratives about themselves, about the other and about the place as instruments of analysis for the reconstruction of sociological frames. The analysis allowed us to understand the formation of different *regimes of violence* in which *respect* emerges as a recurrent statement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
Capítulo 1 – A construção de lugar seguro.....	17
1.1. Um trajeto sociológico sobre a violência.....	18
1.2. Experiências em um <i>lugar seguro</i>	25
1.3. Cenas da <i>rua da frente</i>	35
1.4. Cenas das <i>ruas de trás</i>	41
1.5. Enunciados Recorrentes de Violências Cotidianas.....	48
Capítulo 2 – Narrativas sobre violência: regimes de violências na Feirinha.....	51
2.1. <i>Aqui é bom de se morar</i>	52
2.2. <i>Respeito é bom e conserva os dentes</i>	60
2.3. <i>Na palavra, na mão e na arma</i>	63
2.4. Compreendendo a violência construtora.....	66
Capítulo 3 – Trajetória de Vida: narrativas sobre si.....	69
3.1 Mudando as escalas.....	70
3.2 Sebastião.....	72
3.3. Falcão.....	86
3.4 A disposição para negociar e para agir violentamente.....	92
3.5 Dona Teresinha.....	95
3.6 Lidiane.....	108
3.7 Disposição para autodefesa.....	121
3.8. Regimes de Violência.....	125
Capítulo 4 – Às Margens da Violência.....	129

INTRODUÇÃO

Mille Davis sem sombra de dúvida é um dos músicos mais importantes do século XX, uma vez falou *“você precisa tocar muito tempo para começar a tocar como você mesmo”*. Durante muito tempo essa frase fez bastante sentido para mim enquanto cientista social – se refere ao fato de os músicos se encontram cercados de referências que estão o tempo todo lhes atravessando, e conforme a prática no instrumento se estabelece aos poucos no corpo passa a reagir e perceber essas referências musicais, sonoras e rítmicas que acompanham uma melodia, uma canção. Isso é um exercício de reflexão, sobre si, sobre os outros e sobre o contexto.

A presente reflexão tem como fio condutor as narrativas de indivíduos em um “lugar seguro” produzidas a sobre si, sobre o lugar e sobre o contexto de violência. Partir dos sujeitos e de suas experiências, uma escolha metodológica que tem como parâmetro a compreensão da violência como um fenômeno construtor de relações, de sentidos e de representações. Compreendendo isto, buscou-se ao longo desse trabalho assumir uma posição dialógica com interlocutores, uma posição dinâmica dentro do campo e uma posição reflexiva diante das teorias da ciência sobre a violência.

As diversas formas de violência, enquanto fenômenos marcam profundamente as trajetórias de indivíduos, tornando-se, em alguns casos, definitivos para suas vidas e elementos estruturantes para determinadas comunidades ou grupos sociais. Nesse sentido, entendemos que as estratégias e formas com que se lida com a violência são estabelecidas através de experiências socialmente apreendidas e compartilhadas. Portanto, a compreensão desses fenômenos sociais envolve, em primeiro plano, a análise da maneira como indivíduos apreendem formas de “administrar” interações face a face; em segundo plano, a interpretação da maneira como esses conjuntos de práticas se cristalizam em estruturas sociais coletivas.

A preocupação sociológica com as relações violentas nas sociedades modernas impõe a necessidade de entender quais estratégias são possíveis para a resolução de conflitos e que produzem colisões subjetivas, assim como estas nos indicam caminhos e maneiras para processos de reconhecimento social – alteridade coletiva – e emancipação humana, apesar de que muitas vezes a violência não seja um cálculo dentro de uma perspectiva positiva de construção social. O processo civilizatório nos apresenta o desafio para a construção de estradas dialógicas, ou espaços comunicativos, onde ações comunicativas estão para além da

ordem instrumental estabelecida por uma instituição burocrática formal organizativa – como o Estado.

A importância em se debruçar sobre análise de violências cotidianas oferece um contraponto à imagem da “violência urbana e difusa” como um fenômeno mobilizador de ações públicas, de aparato estatal e de construção de racionalidades de moradores e trabalhadores na sociedade brasileira, em especial em bairros populares. Recorrer à fala dos sujeitos é estabelecer uma trajetória sócio-histórica do fenômeno da violência em nível microssocial. Trata-se não somente de reconstruir trajetórias de vida, mas de flexionar o *tempo e o espaço social* para uma interpretação de formas de violência – que envolvem não apenas enfrentamentos, mas concessões, acomodações, explicações – que supõe a compreensão das disposições sociais de sujeitos e, portanto, das significações construídas subjetivamente em torno desse processo.

Inicialmente questionava-me a respeito do papel da memória como construtor de marcos históricos individuais. Ao longo da pesquisa, compreendi que não se tratava especificamente da memória, ou da lembrança como campo de análise, mas da narrativa construída pelos sujeitos acerca de si, sobre o lugar, sobre o outro e sobre a violência. Ao longo desse trabalho poderá ser observado de que forma a emergência da fala e da narrativa se tornaram instrumentos centrais de compreensão do que chamo de *regimes de violência*.

O caminho metodológico percorrido envolveu um trabalho de inspiração etnográfica sobre um lugar chamado *Feirinha*, onde buscou-se entender as ruas, as falas, os cantos e as esquinas dos lugares dentro dos lugares, na vida cotidiana de trabalhadores e trabalhadoras, do papel do lugar da moradia, do espaço de trabalho, do bairro como lócus de construções de referências sobre si. Houve empenho em se utilizar como recurso a história oral, para que pudessemos dimensionar o tempo da narrativa de indivíduos, para que dessa maneira alcançasse uma interpretação aproximada da relação entre indivíduo e violência. Para tanto, exercício de uma sociologia reflexiva em escala individual como meios de interpretação da realidade e de conciliação entre interlocutores me indicava os caminhos necessários de compreensão daquilo que o campo acadêmico produzia em relação à violência, da sensação dos indivíduos sobre a violência e das disposições incorporadas pelos sujeitos a partir da violência..

Metodologicamente a presente pesquisa ancora-se como instrumento de campo em duas vias produtoras de significados para cientistas sociais, primeiramente a *etnografia de rua* (ROCHA & ECKERT, 2013) que ampara a etnografia como uma experiência do sensível que

busca apreender as relações sociais de contexto urbano a partir de um ponto de vista, onde o cientista social busca os ângulos subjetivos constituídos através das ações dos sujeitos e das narrativas construídas que delimitam discursos importantes a respeito do espaço e do lugar.

O *olhar devidamente sensibilizado* (OLIVEIRA, 2000) visa construir sua relação de campo na medida em que cada interação social possibilite um entender novo, um interativo que altera o campo de pesquisa de forma profunda, dessa forma buscando romper com o estabelecido pelo discurso científico ao mesmo tempo em que visa atualizar as possibilidades de pesquisa em campo. Em cada descoberta simbólica, em cada possível interpretação do campo, em cada mudança de posição do pesquisador em relação ao seu campo, existe a possibilidade de se entender os arranjos nativos de formas diferenciadas.

O pesquisador não apenas se depara com o significado do arranjo do nativo, mas, ao perceber esse significado e se conseguir descrevê-lo nos seus próprios termos, é capaz de apreender essa lógica e incorporá-la de acordo com os padrões de seu próprio aparato intelectual e até mesmo de seu sistema de valores e percepção [...] é possível postular, de uma maneira sintética, que a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI 2009: 134-135).

Isso propõe um desafio constante ao pesquisador, pois se trata de lidar com saberes complexos e cosmovisões distintas na medida em que se adentra no universo do nativo, este que se apresenta como um espelho social de nós mesmos, a pesquisa em contexto urbano nos apresenta um importantíssimo dilema, que é o desafio da proximidade, questão importante para Antropologia Urbana brasileira, Gilberto Velho busca salientar uma importante reflexão a respeito disso.

Desde Simmel, pelo menos, discute-se e analisa-se a natureza complexa e diversificada da vida na metrópole. O crescimento das cidades, as mudanças e a produção de novos valores marcam fronteiras em relação a uma sociedade tradicional (...) Não só a complexidade e a diferenciação sociológicas, mas a multidimensionalidade do mundo real, expressa em diferentes níveis e províncias de significado, nos termo de Alfred Schutz, apontam para processos de construção de identidades em que o pertencimento a vários grupos, redes e círculos é fenômeno básico a ser investigado e compreendido na sociedade moderno-contemporânea. Deriva daí a importância do estudo de projetos individuais e coletivos nos quais as possíveis contradições e ambiguidades, provindas do multipertencimentos, apresentam-se, pelo menos em parte, subordinadas a uma ação racional. Ao mesmo tempo é esse multipertencimento que permite ao antropólogo pesquisar sua própria sociedade e, dentro dela, situações com as quais ele tem algum tipo de envolvimento e das quais participa. (VELHO, 2003, p.9)

Esse multipertencimento é o que permite mesmo um morador da cidade sendo um pesquisador encarar a tarefa de romper com a naturalização do espaço e produzir um espaço de campo através de uma metodologia que seja capaz de lidar com a multidimensionalidade produzida pelos grupos sociais que estabelecem formas de sociabilidade diferentes.

Viveiros de Castro referenda essa relação de multipertencimento através do que ele propõe como sendo *a alteridade discursiva* em que ambos apresentam uma relação de semelhança, mas que mesmo pertencendo à mesma comunidade estes tem relações antropológicas diferentes entre si.

Mas essa relação precisa e necessita ser um espaço comunicativo de ação social, isso significa que a construção de um espaço de campo perpassa assumir uma relação horizontalizada com a menor violência simbólica exercida, como proposto por Bourdieu (2011). Isso significa que nas relações de *trocas simbólicas e linguísticas* busca-se compreender os sujeitos como construtores de saberes importantes, em uma sociologia da vida cotidiana que se produz e que perpassa nossas relações.

Acredito que na medida em que o pesquisador se coloca como sujeito interativo nessa relação, não traça unilateralmente as normas desse jogo linguístico e de interpretação de saberes. Podemos assumir outra posição nesse jogo de relação de pesquisa, pesquisador e interlocutores.

Oferecendo-lhe uma situação de comunicação completamente excepcional, livre dos constrangimentos, principalmente temporais, que pesam sobre a maior parte das trocas cotidianas e abrindo-lhe alternativas que o incitam ou autorizam a exprimir mal-estares, faltas ou necessidades que ele descobre exprimindo-os, o pesquisador contribui para criar as condições de aparecimento de um discurso extraordinário, que poderia nunca ter tido e que, todavia, já estava lá, esperando suas condições de atualização. (BOURDIEU, p.704, 2011).

Nesse processo, a proposta da *etnografia de rua* se torna o ponto inicial para o desenvolvimento de relações dentro de um espaço de campo de pesquisa social, onde os colaboradores são múltiplos agentes. Tanto o pesquisador pode ser um colaborador para a expressão de discursos latentes, como os moradores, ou trabalhadores tornam-se sujeitos colaboradores para o entendimento da realidade sociológica de nossa sociedade.

A segunda via na produção desse campo de pesquisa leva em consideração a *história oral* como um instrumento de apreensão de elementos importantes da vida cotidiana, que são amparados em uma relação histórica social produzida pelos sujeitos. Desse modo, o resgate dessa trajetória de vida como elementos de análise sociológica se tornaram importantes na

construção dessa reflexão. A história oral se apresenta como um processo metodológico de horizontalização de saberes e conhecimentos no campo de pesquisa, dessa maneira ao mesmo tempo em que é um instrumento metodológico também comporta em si uma perspectiva teórica diferenciada.

Poderia elencar duas características importantes que envolvem a história oral como uma via importante de análise na construção de um campo de pesquisa menos violento possível. Primeiramente, o caráter de transformação social que constitui uma de suas origens basilares como saber científico.

A história oral responde à necessidade de preenchimento de espaços capazes de dar sentido a uma cultura explicativa dos atos sociais vistos pelas pessoas que herdaram dilemas e as benesses da vida no presente. Sua versão do processo, porém, deve ser um legado de domínio público. (MEIHY, 2005, p.24)

O caráter público que tange a história oral reflete uma posição preocupada, acima de tudo, com a coletividade e as relações comunitárias das ações de saberes especializados, no caso a História, dentro de sua responsabilidade social, dentro dessa práxis específica. Phillippe Joutard (1999), ao argumentar a respeito dos desafios da história oral, nos indica que para manter as inspirações originárias desse saber, deve-se ter em mente que *es preciso mantener tres fidelidades a dicha inspiracion originaria: escuchar la voz de los excluidos; sacar a luz das realidades “indescriptibles”, dar testimonio de las situaciones de sufrimiento extremo.* (JOUTARD, p.151, 1999).

Meihy (2006) ainda nos indica o *comprometimento da história oral com a transformação da sociedade* que perpassa um processo metodológico de transformação de saberes. É disso que se trata os processos de rememoração, de construções narrativas onde os interlocutores proporcionam através de seus estilos discursivos o acesso a determinadas realidades. Para as ciências humanas, a questão da *factualidade* se ampara na construção social em que o fenômeno se desenvolve. Não se trata de recompor aquilo como sendo verdade ou mentira – como uma *verdade positivista* – mas de recompor os processos, os mecanismos, as análises que possam nos indicar *realidades “indescritíveis”*.

[...] A subversão do princípio da História que viria do pretérito para o presente e a consagração do inverso – do presente para o passado – aliado a um novo protagonista da narrativa – o narrador – seria a base para uma relação que retraça fundamentos para o saber. Seria então matéria da história oral captar as vozes ocultas pelo saber oficializado, construído por meio de documentos convencionais, principalmente escritos. (MEIHY, p.197, 2006).

As realidades *indescritíveis* não são apenas aquelas do lugar do *não-dito*, mas também do espaço social dos saberes que não consegue uma determinada permeabilidade e evidencia-se na elaboração da construção científica, incluindo a sociologia. Assim a história oral se apresenta como companheira necessária ao sociólogo para compreensão e interpretação das realidades *não-ditas*, pois nos proporciona a inferência sobre os aspectos subjetivos das relações sociais, através da oralidade e das narrativas construídas.

Se, por um lado, valorizar as narrativas, pode ser indicado como o ponto fraco da história oral, pelos críticos que pensam poder reconstruir *verdades*, por outro lado, é justamente porque *sus omisiones, voluntarias o no, son tan útiles para el historiador como las informaciones que demuestran ser precisas*. (JOUTARD, 1999, p 152). Isso nos possibilita compreender as estratégias de ação social desenvolvidas pelos sujeitos em suas relações cotidianas.

Dessa forma a escolha por buscar trabalhar a trajetória de vida dos sujeitos se torna eixo importante na construção de uma análise de campo, isto é, na medida em que se avança no campo, se ignorarmos que os discursos possuem uma temporalidade, corremos o risco de mutilar as experiências produzidas pela oralidade dos sujeitos. Trata-se de uma análise dos processos de subjetivação que envolve as formas de violência cotidiana.

A história oral surge como método diferenciado que nos permite acessar a história da construção de narrativas, levando em consideração a trajetória temporal dos indivíduos em nossa sociedade, que nos permite situar suas disposições sociais para determinadas tomadas de ação, não de forma determinista, mas de forma interativa.

No primeiro capítulo, *A construção de um lugar seguro*, procuro debater o papel do saber em torno da violência e de que forma ele se relaciona para uma compreensão do fenômeno da violência, buscando elencar uma trajetória do conceito. Nesse mesmo capítulo, apresento esse *lugar seguro* através de quadros sociológicos, que podem ser compreendidos como *cenar* (MARQUES, 2016) ou como *figurações* (ELIAS, 2001), mas que se aproximam mais da concepção de *quadro (frame)* elaborada por Goffman (1986). Utilizo esse conceito, de quadro sociológico¹, subvertido pela minha imaginação sociológica para poder apresentar a

¹ O termo *quadro ou quadro sociológico* se apresentará ao longo do trabalho, é utilizado como uma aproximação semântica dos conceitos de *frame* utilizado por Goffman – em *Frame Analysis: Na Essay on the Organization of Experience, 1986* – sendo resultante da análise social ou da inferência de

história do tempo presente desse lugar seguro, bem como seu ambiente social, utilizando a classificação espacial “nativa” que distingue a *rua da frente* e *as ruas de trás*, e apresentando, assim, questionamentos sobre como ele se tornou “seguro”.

No segundo capítulo, *Narrativas de violências*, apresento o conceito de regimes de violência como instrumento analítico de práticas sociais desenvolvidas ao longo do tempo pelos meus interlocutores. Suas narrativas, concentradas no passado, nos permitiram construir quadros sociológicos sobre a história do lugar a partir de formas de conflito e violência que marcaram e desviaram suas trajetórias de vida. Em um segundo momento, ainda nesse capítulo, buscou-se definir essas mesmas formas no presente através de narrativas jornalísticas recentes em torno de acontecimentos envolvendo seguranças particulares. Dessas narrativas extraímos três regimes de violência que condicionam resoluções dos conflitos na *fala*, na *mão* e na *arma*.

No terceiro capítulo, *Trajetórias de vida: narrativas sobre si*, procuro compreender de que forma esses regimes de violência foram incorporados por meus interlocutores ao longo de suas trajetórias de vida. Para isso, optou-se por deixar fluírem suas narrativas sobre si para, então, analisar as disposições sociais que moldam a maneira como lidam com violências diversas. Apresentamos quatro trajetórias de vida e nelas observamos os efeitos que a violência vivenciada (agenciada e sofrida) acarretam nos ambientes familiares, na escola, na rua e da vida profissional.

E, finalmente, no último capítulo, *As margens da violência*, tenho como objetivo elucidar algumas pontas soltas em torno do presente trabalho, consistindo em uma reflexão em torno do papel do *respeito* como valor central para a constituição de diferentes regimes de violência.

um indivíduo sob a realidade, bem como trata-se da aproximação também com o conceito de *figuração*, nos pressupostos de Norbet Elias – em *Sociedade de Corte*, (2001). Em ambos os casos não acredito que poderia me utilizar de outra forma de *quadros* para exemplificar parte do ofício – tanto artístico como acadêmico – empreendido na construção de uma descrição pertinente sobre uma particularidade sociológica, produzida pelos cientistas sociais.

Capítulo 1

A Construção de um lugar seguro

(...) o historiador de costumes obedece a leis mais duras do que as que regem o historiador de fatos; aquele deve tornar tudo provável, até o verdadeiro, ao passo que no domínio da história propriamente dita, o impossível é justificado pela razão de ter acontecido. (HONORÉ BALZAC, 1954, p.10)

1.1 Um trajeto sociológico sobre a violência.

A sociologia da violência é um campo disciplinar que se constrói na medida em que a própria sociologia estabelece marcos teóricos e metodológicos como um saber específico em uma sociedade capitalista que precisa lidar com a questão da multidão (IANNI, 2004) e ou da população (FOUCAULT, 2008). Multidão e População são essenciais para o desenvolvimento da sociologia, não apenas em sua justificativa dentro de uma divisão social de trabalho intelectual, mas também para compreender as formas e efeitos de uma administração sociológica da vida cotidiana, por mais que seja difícil de admitir entre os cientistas sociais, que prezam de forma quase mítica por uma neutralidade positivista recalcada em suas pesquisas, o desenvolvimento da sociologia anda lado a lado com as técnicas de controle populacional, se não em sua produção direta conceitual, nos efeitos consequentes do discurso do Saber sociológico. O estudo da espacialidade, urbana se ancora em situados problemas sociológicos que delimitaram os caminhos de práticas de pesquisa no século XIX e ao longo do século XX, isto é, delimitando objetos de análise. Onde a sociologia da violência foi um campo que se desenvolveu historicamente na interlocução com saberes parciais, para compreender fenômenos como a criminalidade e a “violência urbana”.

A construção de uma abordagem sociológica sobre as conflitualidades pode se originar em dois problemas sociais, recorrentes ao longo do século XX, a criminalidade e a violência, os quais têm sido reconstruídos sociologicamente por variadas formulações. Uma sociologia das conflitualidades, no tempo atual, deve ser situada no contexto dos efeitos do processo de globalização da sociedade e da economia, os quais produzem transformações na estrutura e no espaço social das diversas regiões do planeta, desencadeando novos conflitos sociais e novas formas de conflitualidades. (TAVARES DOS SANTOS, p. 10, 1999).

Esses saberes sociais se estabelecem a partir de campos como o direito e a medicina, campos disciplinares que atuam no controle e classificação da população dentro da sociedade capitalista ocidental, sendo hegemônicos, de certa maneira, no Brasil. Os agentes que detiveram esse discurso desenvolveram políticas públicas de ação sobre “corpos desviados”, isto é, produzindo todo um conjunto populacional marginalizado, que como Foucault aponta, visa situar os loucos, criminosos e “depravados” em um lócus particular na sociedade.

As ciências sociais em sua emergência também buscaram analisar nessa direção à questão da criminalidade ou de espaços marginalizados, como visto anteriormente, as preocupações como esses tipos de espaços conforme a sociedade brasileira também se transformava parece confluir para um intercruzamento de preocupações na esfera política

estatal, na esfera da organização da sociedade brasileira e na esfera científica de saberes sociais, tendo dessa forma construindo práticas em torno dispositivos institucionais.

Produziu-se uma urbanização sociopática, com espaços urbanos fragmentados e segmentados, seguindo um mesmo padrão geral: centros deteriorados e bairros periféricos carentes, habitados por populações vulneráveis; bairros de populações de altas rendas, como forte presença de segurança privada assim como a implementação de condomínios fechados; territórios controlados pelo “crime organizado”; espaços privados de comércio, com controle social por segurança privada; desigualdade social e espacial; violência cotidiana nas ruas; violência no espaço escolar. (TAVARES DOS SANTOS, p.6, 2004).

Essa violência difusa que parece surgir na virada do milênio no Brasil passa a direcionar outras formas de compreensão do problema violência, como tipificações diferenciadas na medida em que, também, os estudos de espaços urbanos tendem se cristalizarem como campos disciplinares no desenvolvimento de técnicas e saberes particulares, cada canto da cidade passa a ser esquadrihado pelos cientistas sociais em suas esferas disciplinares, quer seja na antropologia, na sociologia, na antropologia, na história, entre outros saberes.

A questão do *desvio* como categoria de controle epistemológico surge conforme as próprias ciências sociais se estabelecem em seus regimes disciplinares de saberes. No Brasil, os estudos de populações consideradas marginalizadas e instituições de segurança e justiça como uma preocupação sociológica pôde ser retomado desde o final da década de 70. Apesar do uso de fontes, de estatísticas, de registros institucionais relacionados com o problema da criminalidade possam ser encontrados em trabalho clássicos da sociologia brasileira, sendo utilizados para o desenvolvimento de outras variáveis.

No Brasil, a “violência urbana” torna-se um problema nacional no bojo de transformações sociais complexas, que remontam ao contexto de resistência à ditadura e da luta pela redemocratização, período permeado por crises econômicas e por expectativas de mudanças estruturais como o advento de um novo regime político. A sua incorporação pelas ciências sociais corresponde a um campo de discussões, cujos contornos muitas vezes não são bem definidos, tendo em vista as diferentes perspectivas teórico-metodológicas, objetos de estudo, (sub)disciplinas, especialidades e áreas de conhecimento. Isso deriva em grande parte dos múltiplos sentidos e significados da noção de “violência urbana”, que marcará de forma constante a ligação entre pesquisadores e debate público. [...] (VASCONCELOS, p.16, 2014)

Esse debate público acaba por equacionar elementos importantes para o desenvolvimento de políticas públicas de segurança que visam o desenvolvimento de estratégias para lidar com a questão da “criminalidade violenta”, com o alcance de um debate sobre “direitos humanos” e sobre o acesso da “justiça”, em uma sociedade de movimentos sociais organizados, em um processo de redemocratização política e institucional, dessa forma

os intelectuais preocupados com o desenvolvimento de reflexões sobre a violência se tornam intelectuais empenhados em demarcar determinadas posições sobre a violência nesse cenário. Alba Zaluar, Cesar Barreira, Luís Eduardo Soares, Michel Wieviorka, José Vicente Tavares, Ruben Oliven, Maria Stela Grossi Porto, Luiz Antonio Machado da Silva serão nomes de peso no debate sobre violência que iram nortear discursos acadêmicos sobre a violência no Brasil.

Um leitor familiarizado com a literatura internacional a respeito do tema logo percebe que a discussão acerca da “criminalidade e violência”, no Brasil, tomou um rumo muito marcado pela recente história política do país e o papel que nela tiveram os intelectuais que trabalhavam nas universidades e organizações não governamentais. Torna-se importante, pois, levar em conta a relação entre o campo intelectual e o campo político para entendermos os debates e afirmações reiteradas que ocuparam o pensamento dos que se dedicaram ao assunto. Os últimos 25 anos cobrem um período da história do país marcado por profundas mudanças políticas, sociais e econômicas, das quais os cientistas sociais participaram como pesquisadores e como cidadãos. (ZALUAR, p.3, 1999)

Essas profundas mudanças em um ambiente político acabam se reflexionando no campo acadêmico brasileiro das ciências sociais encapsulando objetos de pesquisa e análise na direção de uma representação da violência urbana como locus privilegiado de explicação sociológica. O urbano aparece incrustado em uma região estranhada desses novos modos de produção de saber do mesmo modo que o saber sobre a violência é alimentado por significados e explicações em torno da criminalidade, das falências institucionais e da violência como rompimento do cotidiano.

Considerada em seus conteúdos de sentido mais essenciais, a representação da violência urbana indica um complexo de práticas legal e administrativamente definidas como crime, selecionadas pelos aspectos de força física presente em todas elas, que ameaça duas condições básicas do sentimento de segurança existencial que costumava acompanhar a vida cotidiana rotineira – integridade física e garantia patrimonial. Violência urbana é, portanto, uma representação que interroga basicamente o crime comum, mas *o foco de atenção não é o estatuto legal das práticas consideradas, e sim a força nelas incrustada*, que é interpretada como responsável pelo rompimento da “normalidade” das rotinas cotidianas, ou seja, do caráter não-problemático dessas rotinas em todos os seus aspectos: cognitivo, instrumental e moral. (MACHADO DA SILVA, 2004b, p.53).

É justamente nesse cenário que a sociologia da violência tende a desenvolver “subcampos” disciplinares, que irão envolver reflexões através de instituições – onde a segurança pública e a penitenciária terão locus privilegiados – em sua relação com projetos e desenvolvimento de políticas públicas. Também reflexões em torno de uma espécie de “violência difusa” que tende a tipificar uma diversidade de formas da violência urbana, envolvendo grupos e relações diversas no seio da sociedade. Ainda teremos um debate

pertinente em torno das representações e da narratividade constituídas através da violência, onde a agência dos sujeitos será levada em consideração.

Essas tendências da sociologia da violência irão situar debates políticos em torno do enfrentamento da violência cotidiana e de estratégias de enfrentamento. Se, por um lado, parte dos cientistas sociais irá defender uma dissociação entre criminalidade e pobreza como fatores correlacionados, buscando romper um discurso neoliberal de situar o lugar da violência em uma região periférica, também teremos a busca por compreender através de mudanças estruturais de que forma a violência se faz presente em uma sociedade redemocratizada, onde práticas de um Estado de exceção perpetuam-se através de atores sociais que se utilizam de uma violência legítima – policiais, agentes de justiça, delegados – e ainda como grupos marginalizados pela sociedade tendem a desenvolver um tipo de uso das violências como fator integrante e estruturante de relações.

Os principais temas a serem investigados, em um programa de pesquisas coletivo e multidimensional, podem ser assim sumariados: o processo de criminalização, urbano e rural; as instituições do processo de criminalização, em particular, a instituição da Polícia, as instituições da Justiça Penal e das prisões; o saber jurídico e médico sobre o processo de criminalização; a fenomenologia da violência; e os fenômenos da violência difusa na sociedade contemporânea, sem esquecer os fenômenos da violência contra o meio ambiente e a onipresente violência simbólica. (TAVARES DOS SANTOS, p.11, 1999).

Dentre os diversos discursos do saber a respeito da violência urbana, que ora pode ser chamada de uma “criminalidade violenta”, ou pode ser classificada como “violência urbana”, emergem também narrativas em torno de uma violência difusa que envolve a agência dos sujeitos com a violência, não somente em torno da criminalidade, mas de um cotidiano despedaçado onde essa violência tende a se reproduzir e ser representada através da sensibilidade dos diversos sujeitos. Cesar Barreira aponta:

Poderíamos dizer que as Ciências Sociais, quando trabalham com os excluídos da história ou os processos de exclusão, têm no horizonte de suas reflexões a recuperação das identidades desclassificadas. Há uma espécie de identificação entre o investigador social e os excluídos da história. Assume-se a ideia de dar voz aos excluídos, a exemplo dos operários, dos camponeses, dos favelados, das “minorias sociais”. [...] (BARREIRA, p.37, 2008)

A emergência da fala dos sujeitos dentro das ciências sociais, e não apenas uma interpretação de eventos, de acontecimentos, perpassar outra perspectiva reflexiva, que entende que o fenômeno da violência se perpetua em relações de uma sociabilidade cotidiana, onde os sujeitos produzem valores e sentidos sobre esse fenômeno, avaliar essa produção analítica é matéria prima pertinente para a sociologia.

Dessa forma a construção narrativa dos sujeitos é de vital importância para a compreensão de violências no cotidiano, como dito o espaço de análise dessa reflexão é um lugar onde a criminalidade violenta ou a violência urbana não são centrais como elementos explicativos. Entendo que se faz necessário reconstituir as narrativas desenvolvidas pelos indivíduos, a relação entre espaço físico e a fala na presente análise tende a surgir na medida em que os colaboradores da pesquisa se utilizam de marcos referenciais espaciais no desenvolvimento de suas explicações a respeito de si e sobre violências.

Os acontecimentos englobados no termo violência urbana, em suma, são fatos de qualidades distintas, com causas e consequências múltiplas, variando de acordo com o contexto histórico e social dos indivíduos envolvidos, sejam como agentes ou vítimas de ações violentas e/ou criminosas (PAIVA, p.2, 2012)

Esses fatos de qualidades distintas elaboram tipos de narrativas que envolvem relações de si, sobre *como foi e como é*, o presente e o passado constituem conceituações conforme os sujeitos elaboram e reorganizam seus discursos sobre si, tanto no que se refere a sua própria história de vida, quando no que se refere de sua história em relação a determinados eventos de caráter violento. Tendo em vista que não se poderiam classificar essas violências de uma só maneira, visa-se compreender como essas relações são estruturantes de um discurso sobre a violência, onde os moradores e trabalhadores do bairro encontram-se como protagonistas e narradores.

A violência muda, e a mudança está também nas representações do fenômeno. Se, frequentes e numerosos esforços são empreendidos no sentido de fornecer uma apresentação objetiva, convertida em cifras, da violência – estatísticas de crimes, de delinquência, de motins, etc. – esta também não deixa de ser altamente subjetiva, ela é aquilo que em um dado momento uma pessoa, um grupo, uma sociedade considera como tal. (WIEVIORKA, p. 1148, 2007)

A mudança não se trata de um caráter estrutural apenas, ela elenca um quadro subjetivo de mudanças sociais a respeito do que se considera violência, tendo sua representação alterada conforme a temporalidade e a dinâmica de relações entre indivíduos, o que auxilia na legitimação de determinadas violências. A interação proporcionada por práticas da vida cotidiana para um determinado conjunto de sujeitos que compartilham valores, sentidos e representações, constitui-se como ferramenta de reconhecimento da violência, lhe atribuindo conceitos e modelando formas narrativas diferenciadas para explicá-la.

Mesmo que pareça como pano de fundo, esses regimes de saberes sobre a violência proporcionaram a emergências de problemas de pesquisa pertinentes, tanto dentro das instituições de pesquisa, como no processo reflexivo do presente trabalho e ainda para entendimento do que chamo de *uma narrativa de um lugar*, que seria a apresentação de um

quadro sociológico de campo de *como foi* e não somente do campo *como ele é*, visando apreender os sentidos produzidos dentro da construção narrativa dos indivíduos.

Rifiots (1998) nos indica que a violência enquanto enunciado dentro das Ciências Sociais encontra-se em suspensão, muitas vezes sendo uma palavra que aciona emoções e explicações prontas nos segmentos discursivos científicos, nos propondo compreender a violência a partir dos sujeitos que a exercem ou sofreram. Mas a violência por ser um elemento discursivo que representa tudo e ao mesmo tempo nada, que se encontra em todo lugar e em lugar algum, nos apresenta diversos desafios na elaboração de modelos analíticos de interpretação enquanto fenômeno. Para tanto, busca-se ancorar-se nas experiências e narrativas de interlocutores que moram e trabalham no lugar, sendo na verdade colaboradores na construção sociológica dessa dissertação.

Ao assumir essa perspectiva recorreu-se ao uso de um instrumento conceitual e analítico que pudesse conter a experiência complexa da realidade na qual os interlocutores estavam imersos, para tanto, se utilizou do conceito de *quadro*, como uma aproximação conceitual com Goffman (1986). Essa construção que se desenvolve a partir dos indivíduos para significar a realidade que os cerca e que auxilia na construção de papéis a partir dessa interação social. Para tanto é importante compreender que, ao se trabalhar em escala individual, as narrativas produzem quadros de realidade diferenciados. A posição assumida compreende que os quadros produzidos pelos interlocutores dessa pesquisa são realidades fragmentadas, que contém em si significados próprios e compartilhados, dessa maneira apresentando a possibilidade de uma análise sociológica de significados possíveis a cerca da violência.

Em certo sentido também busquei correlacionar com o conceito de *figuração* de Norbert Elias (2001), onde esse quadro interacional percorre uma construção de interdependência entre os indivíduos em um processo histórico em vias de ser construído, isto é, em constante construção. Mesmo que em escala individual se tenham discrepâncias nessa produção, isto é, narrativas diversas sobre o mesmo quadro, procurou-se compreender que a construção narrativa de nossos interlocutores se ancora em um processo de interdependência mútua que produz a vida cotidiana no bairro, e nas ruas. E mesmo que ela não seja explicitada, pode ter seu efeito sentido nas histórias de violência narradas por moradores.

Nesse sentido ao apresentar uma análise em *frames*, isto é, em quadros empenho- me em um esforço analítico na direção da compreensão das normas e das práticas que entrelaçam

as relações no cotidiano, na vida ordinária, no dia a dia que estrutura disposições em realidades diferenciadas. Dessa maneira assumir essa perspectiva no impõe o desafio, de compreendermos as realidades produtoras desses quadros, tendo a narrativa como ponto central dessa produção. Dessa forma, entendendo o ponto de vista dos interlocutores, entendendo que estes fazem parte do processo de construção sociológico destes.

Assim, compreendendo que eu, enquanto interlocutor e pesquisador, construo também quadros sociológicos sobre o lugar, sobre os moradores e me coloco em um papel específico nesse jogo de interações complexas. Encontro-me também envolvido em jogos de interação, construindo outros quadros possíveis nesse processo interacional. Não poderia dizer que me utilizo do conceito de *quadro (frames)* e nem do conceito de *figuração* de Elias, em sua pureza conceitual, mas busco turvar esses conceitos e, de certo modo, me encontro em uma posição mais herética, colocando-me dentro dessa construção de uma forma dialógica e menos impositiva.

1.2. Experiências em um *lugar seguro*.

Tendo em vista o caráter impreciso em torno da violência, busquei ao longo dos dois últimos anos apreender a experiência urbana de um determinado lugar dentro da cidade de Manaus. Desde quando adentrei nas ciências sociais há nove anos, sempre tive uma preocupação em minhas reflexões com o tema da violência, enquanto conceito central nas ciências sociais e nas explicações dos modelos a cerca da modernidade, como enquanto fenômeno de produção de sociabilidade, organização social, estruturação.

As preocupações com esse lugar onde se desenvolve a pesquisa surgiram ainda no terceiro ano do curso de Ciências Sociais, na época eu trabalhava como um atendente em uma lan house o período da tarde e a noite, tendo em vista que meu curso era matutino, em certa tarde vi uma confusão em frente do estabelecimento. Dois jovens estavam brigando por algum motivo, um deles correu e acertou a costa do outro com um cabo de vassoura em seguida começaram a se socar, um segurança particular que trabalhava na esquina do outro lado da rua sacou uma arma e foi na direção dos jovens. Ele gritou e os separou, os colocou contra parede iniciando uma rápida revista, depois ligou para alguém do telefone, em seguida uma viatura chegou e levou os jovens para algum outro lugar.

Foi justamente esse evento que me fez desenvolver vários trabalhos ao longo da graduação em torno da Segurança Pública, sobre a autorrepresentação de policiais na cidade de Manaus, principalmente buscando compreender os limites entre o que seria considerado violência e o que não seria considerado violento. Essa cena que descrevi, ocorreu bem antes do início da presente pesquisa, mas de certo modo foi algo recorrente ao longo da minha própria trajetória de vida, sendo um jovem negro crescendo em um bairro que até os anos 90 era considerado de periferia e de classe popular. As relações com Estado era de conhecimento popular no lugar onde cresci, era através da ação policial, quer seja entre meus amigos que seguiram por outras trajetórias que não a minha, ou aqueles que tiveram sua vida ceifada por conta da ação e omissão do próprio Estado, ter certos conhecimentos sobre por que ruas passar em que horários sempre foi necessário.

Crescer em um bairro popular em Manaus requer determinados conhecimentos, saber a hora de chegar, saber a forma de falar, com quem falar e com quem não falar, desenvolver certos tipos de disposições que irão garantir seu respeito no bairro, nas relações de vizinhança e nas próprias relações familiares. Essas disposições são desenvolvidas no dia a dia por isso também a preocupação em entender a violência em seu cotidiano tendo como elemento

condutor a fala e narrativa dos sujeitos, nos apresenta formas explicativas a cerca de como o respeito é elemento central no agenciamento do que seriam regimes de violência nesse lugar.

Essa introdução reflete um pouco da essência desse próprio trabalho. Não se trata de uma etnografia dentro de um modelo malinowiskiano, mas se trata de relatos de campo com inspiração etnográfica, que ora se encontram *junto e misturado* em cenas, diálogos e quadros sociais que implicam certas reflexões. Diálogos esses que se encontram recheados de emoções, lembranças e falas que atravessaram minha vida e dos interlocutores, que instituíram disposições possíveis para entender de que forma em um lugar determinadas violências se tornam possíveis sob construção de sentidos que possam parecer cada vez mais absurdas.

O bairro de Petrópolis é um dos maiores bairros da região Centro-Sul de Manaus, ele surge de um processo de ocupação que se iniciou na metade do século XX, ele é repartido, conforme a fala dos moradores em diversos lugares, isto é, dentro do bairro há diversos lugares que tiveram sua história impressa através das narrativas de moradores, que possuem particularidades conforme as relações dentro do lugar são estruturadas dia após dias. Adentrei esse campo tendo inquietações em torno das formas de produção de violência em um lugar que não é representado como violento, para tanto procurei compreender como a violência é compreendida por moradores e trabalhadores nesse lugar, dentro do bairro.

Minha preocupação inicial foi reduzir ao máximo a distância social imposta por ser um sociólogo e pesquisador nesse lugar – e a violência simbólica que essa relação pressupõe. Minha estratégia, antes de tudo, foi conversar e escutar o que o bairro tinha a me dizer. Procurando buscar meios de aprender como chegar aos sujeitos, sem trazer toda uma carga epistemológica em minha fala e sob a minha autorrepresentação, pois falar sobre violência na cidade de Manaus é buscar maneiras de falar o que poucos gostariam de dizer.

O silenciamento em torno de determinados assuntos, temas e história nos revelam de que forma uma comunidade ou sociedade lida com esse tema, os não-ditos das falas, os desejos por construir uma determinada narrativa nos apresentam questões importantes, nesse caso requer ao pesquisador um trato para conseguir conversar sobre determinados assuntos, muitas vezes *indizíveis* ou *indiscerníveis*, pode exigir também um saber “como chegar”.

Esse “como chegar” envolveu uma maneira de conversar face a face de forma livre, deixado de lado inicialmente instrumentos de anotações – dessa forma evitando parecer um

analista, ou construir uma performance de campo como analista – como apreendemos na academia. Isso significou sentar-se junto em uma mesa na esquina de um lanche, em conversar com jogadores de fliperama, seguranças, motoqueiros, em ajudar muitas vezes uma senhora a levar suas coisas, em sentar tardes de semana para ver o trânsito passar. Isso envolveu buscar construir uma relação de comunicação entre as pessoas, sem forçar conversas, mas buscando deixar fluir narrativas que os sujeitos tinham sobre si mesmos e sobre o bairro.

Meus primeiros dias em campo foram difíceis, o medo de pisar em falso me acompanhava e talvez fosse isso que me permitiu escutar mais do que falar, essa escuta envolvia também me comunicar de modo que tanto aquele que fala quanto eu que escuto entrássemos em momentos de uma troca de experiências não forçadas, mas que pudéssemos deixar as várias histórias fluir muitas vezes por entre a tarde rumo à noite, por entre uma manhã até o almoço, por entre entregas e lanches, ou remédios, a serem feitos. Em segundo momento, depois de várias conversas fiz a proposta para entrevista para algumas pessoas, depois que as pessoas já me conheciam no lugar da pesquisa, passei ser observado mesmo que não pudesse perceber. Em diversos momentos isso pode ter sido o que garantiu minha continuidade no campo, em outros momentos pode ter fechado algumas portas, mas manter-se no campo, olhando, ouvindo, escutando e acima de tudo dialogando é o que tornou possível essa experiência de pesquisa.

Eu conversei com diversos interlocutores, colaboradores dessas experiências coletivas que envolvem o viver em um bairro de periferia em Manaus, boa parte eram mulheres, algumas eram trabalhadoras domésticas, uma pedagoga, uma estudante de ensino médio, outras donas de casa, comerciantes e aposentadas. Outra parte composta por homens, donos de comércios, seguranças particulares, mototaxistas, entregadores do entorno do lugar. A faixa etária desse grupo varia entre pessoas de 19 anos á 76 anos, interlocutores que cederam um pouco de seu tempo para poder contar histórias e narrativas sobre sua vida e sobre o bairro.

O bairro é compreendido enquanto uma construção socialmente compartilhada, mesmo que as interações face a face entre moradores e trabalhadores não seja uma constante, o conceito de bairro é compartilhado como representação, como discurso e como narrativa na construção dos significados dos sujeitos, do mesmo modo quando nos referimos a determinado lugar essa conceituação do lugar nos sugere uma construção estigmatizada em

determinado nível ou familiarizada em outro nível que se refere à forma como construímos um valor particular para um lugar. A descrição de um lugar perpassa uma formalização a respeito do lugar, dessa maneira a descrição do lugar perpassa não somente a formalização do pesquisador em campo, mas das formalizações perpetuadas nos discursos de seus interlocutores, não se busca aqui formalizar o lugar, ao contrário a intenção da descrição dessas cenas é construir um quadro sociológico de potencial análise, compreendendo os significados dos enunciados produzidos pelos sujeitos, tanto como fala, como ações observadas.

Esse lugar, a *Feirinha*, é um espaço de intensa circulação de pessoas ao longo do dia que estão a caminho do trabalho, ou que vão até o lugar comprar alimentos, frutas. A “feira” poderia ser descrita como sendo alguns boxes alugados de um lado para os mais diversos tipos de empreendimentos, tanto lanches, como comércios e distribuidoras de alimentos e lan house. Possui uma esquina com uma Drogaria e ao longo da rua inteira diversos comércios como mercadinhos e materiais de construção, até seu final, onde começa as *ruas de trás* que cortam esse lugar, ruas que também são conhecidas no bairro como sendo *Feirinha*.

A Drogaria possui um enorme letreiro com seu nome que dia e de noite pode ser visto ao longo da avenida principal que corta o bairro; esse letreiro identifica parte de um lugar, que também é um espaço de fluxo de motociclistas que trabalham com entregas, de pessoas que andam pelo bairro apenas para comprar suprimentos médicos. Na calçada dessa drogaria existe uma parada de ônibus, demarcada somente por uma placa, sem cadeiras, sem cobertura deixando as pessoas a sol enquanto esperam o ônibus. Muitas vezes os carros que vão até a Drogaria invadem a calçada e impedem as pessoas de pegar os ônibus que por ali passam, outras vezes são tantos carros que alguns desses ônibus são impedidos de passar na rua. Essa drogaria, bem iluminada, com câmeras à mostra o tempo inteiro, apresentando seus produtos constantemente através de grandes vidraças reforçadas está sempre cheia, tão cheia que chega até mesmo a fazer fila pelo lado de fora, um negócio próspero de longa data no bairro.

Apesar da fala dos sujeitos a respeito do lugar, de sua segurança, em 2012 houve o último assalto à mão armada na região, um conjunto de assaltados em um corola roubaram várias drogarias ao longo da zona centro-sul e finalmente chegaram a *Feirinha*, de acordo com um dos seguranças que estava no dia, foi tudo muito rápido eles entraram, renderam os

atendentes e levaram o dinheiro do caixa, um dos seguranças chegou a reagir disparando tiros contra os assaltantes, eles fugiram, mas não chegaram a sair do bairro.

Esse foi o último assalto no lugar, que existe na narrativa dos sujeitos como um evento marcante. Tirando esse assalto, o lugar é tido como um espaço tranquilo. Todavia, em minhas incursões de campo, pude observar que essa “tranquilidade” não é tão contínua como as narrativas dos sujeitos colocam, existe um tipo de gestão da violência em torno de um discurso de segurança, garantia de patrimônio e acesso à justiça como justificativa para o uso da força sobre as pessoas, essa gestão diferente de outros lugares é agenciada por seguranças particulares que são também agentes de segurança pública.

Existe na verdade uma relação atravessa entre o legalismo estatal e ilegalismos de um consumo em torno de uma gestão da segurança que entra como um fator preponderante na explicação da ação social dos sujeitos e dos agentes que acionam para justificar o uso da força. A presença de armas de fogo, de câmeras de segurança e de segurança particulares funciona nesse bairro como dispositivos que regulamenta a vida cotidiana de moradores, trabalhadores que atravessam esse lugar.

Do outro lado da rua, em uma esquina uma moça que trabalha com lanches, das 8:00 horas da manhã até as 20:00 horas da noite, fazendo salgados pela manhã, aprontando almoço ao meio dia e fazendo lanches e bolos pela parte da tarde, tendo como principais clientes motociclistas que trabalham diariamente e moto taxistas que trabalham pela região, diz sentir-se segura com o lugar, fala que não tem medo e que esse lugar não é violento. Nesse lanche uma relação de amizade constantemente é reforçada nesse viver cotidiano, entre as idas e vindas de trabalhadores, momentos de conversa e de troca de histórias são sempre presentes, algumas vezes se conversa sobre violência, sobre o que os jornais de vinte cinco centavos estampam em suas capas de aberturas, uma violência que parece estar difusa em todo lugar, menos nesse pequeno espaço dentro do bairro de Petrópolis.

Ao lado de seu lanche existe um casal que trabalha em um comercio, essa moça é amiga deste casal que trabalha pelo menos uma década na região vendendo todo tipo de especiarias, de enlatados a grãos, de frutas a refrigerantes, seu mercadinho é bem pequeno comparado aos *hipermercados* que nos últimos anos se espalharam pela cidade de Manaus. Quem administra a maior parte do dia é uma moça, seu nome é Kláudia, ela tem um pouco mais de trinta anos, ela quem atende as pessoas, anota os fiados dos trabalhadores e trabalhadoras que passam pelo lugar, seu esposo chega muitas das vezes chega no final da

noite normalmente para fechar o caixa e ajudar na reposição de estoques, há dias em que ele fica o dia inteiro com ela trabalhando, ele tem um segundo emprego para poder manter a renda familiar, ambos trabalham constantemente, das oito da manhã até a meia-noite.

A decisão de trabalhar até meia-noite só é possível, pois Kláudia e seu esposo compartilham uma sensação mínima de segurança que os permite manter esse lugar aberto até esse horário, essa sensação vem de experiências com a *Feirinha*, devido a um conjunto diferenciado de dispositivos de segurança agenciados no lugar, que envolve câmeras de segurança, grades de ferro e seguranças particulares que atuam nesse lugar, no entanto, existe algo na relação traçadas entre eles a vizinhança que permite a estes uma sensação de segurança, do mesmo modo que outros comerciantes no entorno.

Na esquina desse lugar os estabelecimentos comerciais ao redor da drogaria tendem a ficar aberto até a meia-noite, permitindo aos que chegam tarde comprar remédios e produtos, ou fazer um lanche rápido em uma das várias lanchonetes da região. Diferente de outros lugares no entorno da *Feirinha* que têm que fechar mais cedo, onde a circulação de pessoas é reduzida pelos horários do dia e da noite, esse lugar possui um fluo intenso de passagens de pessoas. No mesmo horário em ruas atrás desse lugar as pessoas fecham suas portas mais cedo, os comércios fecham mais cedo, enquanto esse lugar continua funcionando.

A *Feirinha* só funciona até esse horário por conta dessa sensação de segurança que permite que comércios funcionem até mais tarde, essa sensação ou esse ambiente de segurança me chamou muito atenção no início da pesquisa, de que forma as pessoas construíram narrativas em torno de um lugar, de um espaço que o tornaram um *lugar seguro*, um lugar “sem violência”. Ao ouvir alguns moradores falando a respeito da violência como sendo algo fora desse lugar, algo distante, de certo modo, me perguntei de que forma esse espaço se tornou um *lugar seguro*.

Esse *lugar seguro* é representando como sendo calmo, sem violência e sem conflitos entre seus moradores, o lugar da violência é posto sempre fora da *Feirinha*, em outras regiões do bairro, no entanto, minha experiência de campo demonstrou que existe outros tipos de violência que ocorrem no lugar, mas que não são reconhecidas pelos interlocutores como sendo violência, para exemplificar isso gostaria de apresentar algumas cenas do cotidiano que pude presenciar, ao lado também de quadros apresentados por meus interlocutores em suas narrativas.

Este bairro é cercado por diversos aparelhos sociais relacionados à segurança pública – delegacias, centro administrativos de polícia, escolas militares, pátios de apreensão de carros, sindicatos de policiais – bem como diversos aparelhos de educação e recreação. Existe nesse lugar uma área pertencente à polícia militar que cerca mais de cinco quadras do bairro, delimitada por um muro branco com pouco mais que dois metros de altura. Nesse espaço cercado há campos de futebol, pista de corrida e de caminhadas, quadras poliesportivas, além de abrigar prédios administrativos da polícia. Usarei o nome de *Quartel* ao me referir a esse lugar, do mesmo modo como alguns colaboradores dessa pesquisa o nomearam.

Esse *Quartel*² foi fundado em 1971 no mesmo período em que se dava um processo de ocupação através do loteamento de várias famílias no bairro. Esse prédio surge delimitando sua posição no espaço, buscando impor um determinado ordenamento espacial e social, representando a ação do Estado sobre o espaço no momento em que a cidade de Manaus se expandia, criando necessidade de controle por parte dos dispositivos estatais. Trata-se de um grande prédio que cobre mais de cinco quadras em um bairro – que no início de sua ocupação era cercado por árvores e bosque locais, com poucos moradores – que acabou por definir determinadas disposições sobre o lugar ao longo de sua história. O prédio representou um tipo de política pública implementada no Amazonas na metade do século XX que tinha como objetivo a construção de um aparato de controle social eficaz através do estabelecimento de quartéis em contexto urbano. É interessante ressaltar que parte do pensamento social amazônico demarca como mito fundador da própria cidade sua construção através de um Forte, na fala de Mario Ypiranga, *um Forte que se tornou Vila, uma Vila que se tornou Cidade*. Esses elementos podem ser encontrados em obras de Arthur Cesar Reis e Mario Ypiranga, quando falam da *fundação da cidade de Manaus*.

Apesar de o *Quartel* possuir um amplo estacionamento, em dias de “formatura” as ruas se abarrotam de carros em todas as direções e algumas vezes as ruas adjacentes a esse espaço são fechadas para que possam comportar todos os carros de oficiais, soldados, convidados e agentes de segurança que participam dessa cerimônia. Em dias em que não ocorrem esses tipos eventos o lugar parece vazio. Existe um fluxo constante de circulação de

² Ele é nomeado dessa forma a partir dos próprios moradores, apesar de ser uma sede administrativa da Polícia Militar do Amazonas. Preferiu-se manter a forma como meus interlocutores nomeavam o prédio, consequentemente a região que o cerca.

policiais pelo bairro, para se alimentar tirar fotos, comprar remédios e tendo alguns que residem em casas alugadas ou próprias.

As ruas adjacentes desse *Quartel* dividem-se da seguinte forma: em uma avenida cheia de comércios com esquinas que parecem ter sido organizadas em torno de determinados serviços. Por exemplo, há uma esquina com açougues que possui três estabelecimentos desse tipo um ao lado do outro que concentra uma região comercial dentro desse lugar, duas quadras mais adiante, ainda nessa avenida, encontramos uma esquina de restaurantes, dois estabelecimentos um em frente ao outro funcionando diariamente, das 10 horas às 15:00; há também uma terceira esquina onde se localiza diversos comércios, mercadinhos e lanches, com especializações em Café da Manhã, distribuidora de frios, peixaria, comércios em geral que funcionam até a noite. Existem também oficinas de motocicletas e automóveis, borracharias, drogarias, lan houses, armarinhos e bancas de comida e sucos e guaraná em pó, serviços de periféricos de celular e computador espalhados pelas calçadas.

Um espaço compartilhado entre moradores e trabalhadores, como mototaxistas, atendentes do comércio, seguranças de estabelecimentos, mecânicos, borracheiros, policiais, trabalhadores autônomos, diaristas, operários. O espaço social de convívio entre o trabalho e casa muitas vezes não é tão distante, há trabalhadores que moram no bairro e há moradores que trabalham no bairro, constituindo assim um fluxo constante de pessoas de outras partes do bairro que compram na região. Pela manhã o fluxo de moto taxistas é intenso, *bem como de policiais militares que tomam café e às vezes almoçam na região acessando outros serviços locais, muitas vezes fardados e armados.*

O pessoal do Quartel sempre vem merendar aqui, são a maioria dos clientes, se não fosse por eles acho que o negócio já teria fechado, como abro só para o café boa parte da clientela é de policiais, tem o pessoal que pega rota também, por isso abro bem cedo mesmo.

Aqui é bem seguro, é cheio de policial mesmo, tem os seguranças da drogaria, todo mundo se conhece, tipo todo lugar é perigoso, mas não é como é pra fora, nos outros bairros, nunca tive problema. (Jozy, comerciante)

Nunca fui assaltada, não vou dizer que não tenho medo, meu medo mesmo é de estupro, mas nunca tive problema, tenho esse comércio aqui há mais de dez anos, sempre foi tranquilo e ficamos aberto até as onze e meia, em outros lugares não da pra fazer isso. Trabalho aqui e moro ali em cima, é bem calmo mesmo, quando vejo essas coisas de violência é mais por jornal. (Kláudia, comerciante)

Para se compreender esse lugar proponho que analisar determinados espaços a partir de diferenciações sociais estabelecidos pelos próprios interlocutores. Isso quer dizer, que os lugares dentro do lugar são diferenciados a partir das representações dessas ruas e das

relações que são traçadas nessas ruas. Pode-se dizer que existe dois tipos de ruas ou formas de representar essas ruas, recorrentemente esses termos surgiram em conversas e em entrevistas quando se falava do bairro ou de uma história ocorrida no bairro, se trata da *rua da frente* e da *rua de trás*, elemento descritivo que André Araújo, em *Sociologia de Manaus* (1973), utilizou quando abordava questões de vizinhança da cidade. No entanto, a forma como se fala da *rua da frente ou da rua de trás* nessa descrição se trata de identificar tipos de ruas onde o fluxo, o acesso às paradas de ônibus, o trânsito de carros e o funcionamento de comércios parecem ser de outra ordem e obedece a regras diferenciadas de ordenamento social, outra forma de sociabilidade e de modos de uso.

A avenida principal e as *ruas da frente* contam com um fluxo de automóveis e motocicletas intenso, emerge nas narrativas sobre o lugar relatos de acidentes de trânsito, com mortes, relacionadas tanto a carros como a ônibus da rede de transporte público da cidade. Todavia, essa mesma intensidade de fluxo não ocorre nas *ruas de trás*, do mesmo modo que a intensa circulação de mercadoria em pequenos comércios localizados nessa rua não se dá tão densamente quanto nessas *ruas da frente*.

Nas *ruas de trás* há poucos comércios, quase nenhum lanche, há *vendas* pequenas, existe na verdade outro bairro nessas *ruas de trás* onde *você é visto mesmo não vendo*³, nessas ruas a circulação ocorre de um modo diferente do que nas ruas da frente, ela obedece a horários particulares, os moradores participam da vida cotidiana uns dos outros e muitas vezes se conhecem de longa data, nestas ruas você consegue produtos e *merendas* por um menor preço.

Os locais nesse lugar são demarcados pelo nome das pessoas, o *Lanche do Claudio*, os *Salgados da Dona Maria*, *A Casa da Ray* que é um armarinho. Há também caminhos intrincados que podem chegar a um beco sem saída onde carros não passam, talvez algumas motos. Há caminhos onde somente a pé se podem chegar, com escadarias de madeira, casas suspensas em palafitas, vilas abertas e vilas fechadas, conjunto de kitnets para alugar, espaços arborizados que parecem chácaras dentro de uma área urbanizada.

³ Isso nos indica a possibilidade de um controle especial pautado em regimes de mobilidades particulares e de reconhecimento de sujeitos que participam desse regime, inicialmente enquanto um pesquisador que visitava uma dessas *ruas de trás*, minha presença era notada constantemente, tanto que após alguns dias um dos meus interlocutores me informou que *já estávamos de olho*, esse controle sobre o sujeito estranho no bairro parte de uma quebra de rotina que ao me colocar em campo altera – mesmo que de forma mínima – uma dinâmica estabelecida. Quando perguntei como isso ocorria, ele falou *a gente conversa e percebe que já tem alguém de fora*.

As *ruas de trás* revelam coisas sobre o bairro, suas dificuldades e desafios, apesar de diversos centros comerciais cuidarem do fluxo de capital local, não existem agências bancárias próxima, ou mesmo agências de correio, as paradas de ônibus também estão distantes e em sua maioria não são cobertas, expondo os moradores ao sol e a chuva, que pela manhã se escondem enfileirados atrás de sombras de postes ou de sacadas de centros comerciais.

Há também regiões no bairro em que sua paisagem é composta por palafitas, que cortam o bairro inteiro, inclusive parte desse *lugar seguro*, servindo de atalhos e moradias, são becos e caminhos específicos com elevações e morros que são ligadas por escadarias. Nesses lugares há dezenas de mercadinhos, pequenas igrejas e bares funcionando, são espaços sociais de convivência, onde nas horas de lazer as pessoas tendem a se encontrar, nos finais de semana nesses barzinhos e nessas mercearias. Há sempre grupos de pessoas conversando, *bebendo umas geladas*, ou jogando sinuca, as pequenas igrejas também ficam lotadas durante o final de semana, principalmente a partir do final da tarde de sábado, onde programações inteiras ocupam diversos moradores do bairro em atividades voltadas para igrejas, tanto as evangélicas tradicionais, pentecostais, neopentecostais, como as atividades da igreja católica.

Os lugares dentro do lugar promovem um conjunto de relações a serem compreendidas, desenvolvidas ao longo de um processo sócio-histórico continuado, reproduzidos socialmente na medida em que a vida no bairro ocorre. A vida cotidiana nesse lugar é onde se concentra o interesse dessa pesquisa, principalmente no que se refere ao conflito e violências presenciadas por moradores e trabalhadores do bairro.

Antes de entrarmos nas narrativas puras dos sujeitos, se faz importante apresentar alguns quadros pertinentes que ocorreram durante os campos realizados e elementos que foram compartilhados de uma história recente do lugar. Este é uma região tida como “segura” entre os seus moradores, onde o último crime violento com morte aconteceu nos anos 90, e o último assalto à mão armada na memória dos meus interlocutores ocorreu em 2012. Isto não quer dizer que outras formas de violências não estejam presentes, ocorre que boa parte dos meus interlocutores reconheceu em primeiro momento como violência, o que a sociologia chama de “criminalidade violenta”, ou “sociabilidade violenta”, e “violência urbana”.

1.3 Quadros da rua da frente

Para minha segurança e depois a sua este estabelecimento é monitorado, pense bem e não vá fazer algo que possa se arrepender. (aviso de entrada da Drogaria)

Da porta pra dentro eu sou júri, juiz e executor. (placa na entrada da Drogaria)

Na *Feirinha*, existe uma Drogaria que é vigiada desde sua abertura às 9:00 horas da manhã até a hora de seu fechamento a meia noite, esse estabelecimento cobre uma esquina inteira desse lugar, ela dá para frente de um *Quartel* da Polícia Militar do Amazonas, esse estabelecimento é também lugar de moradia do proprietário, que chegou ao lugar em 2001.

A drogaria começou em 2001, eu trabalho aqui desde o início, logo nos primeiros meses teve assaltos aqui, mas eu não trabalhava aqui ainda, depois que... Me contratou e contratou os outros seguranças não teve mais assalto, porque a pessoa olha e vê o segurança pensa duas vezes antes de fazer as coisas, pelo menos antes era assim... hoje em dia a coisa está diferente, pelo menos fora do bairro, aqui é tranquilo. (Falcão)

Em um domingo enquanto fazia trabalho de campo e andava pelas ruas do lugar conversando com alguns donos de comércio vi dois jovens que pularam o muro do *Quartel*, estavam correndo na direção da rua principal da *Feirinha*, quando um dos seguranças abordou os jovens. Na verdade o que pareceu é que um dos seguranças se assustou com a corrida dos meninos e sacou a arma que tinha na cintura: *Encosta na parede! Anda porra, as duas mãos nas paredes!* Os jovens sem ação alguma começaram a fazer isso, eles estavam de bermuda e camiseta regata, um deles de time de futebol o outro um *tururi* improvisado talvez do Carnaboi ou do Boi Caprichoso, enquanto um deles virava-se para a parede o outro ainda tentou falar algo, mas foi interrompido com um chute no meio do estômago que o fez cair, ele ficou sentado no chão enquanto o segurança continuava a gritar com ele.

Ao redor um conjunto de pessoas visualizava a cena, eu caminhei apreensivo na direção do segurança para tentar acalmar as coisas, ele me viu com uma bolsa de lado, uma calça e óculos quebrado que usava naquele dia, tentei me aproximar com cautela, falando para ele que se acalmasse um pouco, falei que estava todo mundo olhando, informando que os jovens estavam atrás de papagaio. Eles pularam o muro do *Quartel*, porque durante os finais de semana durante um período específico do ano existe diversos *papagaios* – que para fora de Manaus chamam de pipas – que cortam o céu, algumas delas caem fazendo as crianças e a juventude correrem nas ruas, mesmo que em meio a carros e motos atrás desses *papagaios*.

O fato dele perceber que o estavam olhando foi o que fez ele abaixar a arma, mas não guarda-la. *Isso aí é tudo marginal, não presta pra nada*, ele continuou falando. Insisti que os

jovens não tinham feito nada, falando pausadamente com medo de ser envolvido na situação, isto é, com medo de que o *caldo virasse para o meu lado*. Eu já conhecia outro segurança que trabalhava no local, então perguntei por esse segurança que era conhecido meu. Ainda muito agitado, ele disse que estava de folga, mas que sabia quem era, falei para ele deixar os garotos para lá que não estavam fazendo nada, ele insistiu que ambos eram marginais, um deles ainda estava no chão e o outro com mão na parede.

Depois de um tempo ao ver que estavam desarmados, o segurança virou para eles e falou. *Olha não vou querer bagunça aqui não, tão ouvindo? Dessa vez vocês podem sair fora, mas da próxima já sabe*. Os garotos levantaram e foram saindo, o segurança virou para mim e ficou encarando, eu não disse nada, ele ainda estava com a arma em punho, eu apenas sorri e fui andando cautelosamente pela rua. Mas só pude intervir nessa situação devido a diálogos traçados anteriormente com outro segurança do lugar e por já saberem que eu era um pesquisador no lugar.

Na próxima já sabe, nos ajuda entender que existe um modo compartilhado de significados e maneiras de agir no lugar que indica que se faz necessário um determinado comportamento na região, em muitos comércios é proibido entrar de capacete ou sem camisa, a justificativa dessa ação se trata em uma maneira de classificação daqueles que são agentes da violência e do crime – motoqueiros e aqueles sem camisa, com um recorte de gênero, normalmente sendo homens – *isso aí é tudo marginal* é parte integrante de enunciados que visam classificar os sujeitos dentro de uma categoria, essa classificação tem como objetivo o exercício de ação sobre o corpo do sujeito, *é tudo marginal*, pois possuíam marcadores estruturalmente impostos de uma sociedade racista, eram jovens, de pele escura e correndo em um bairro de classe popular, isso acionou determinadas disposições no segurança particular de classificação e de ação naqueles sujeitos.

Sob a égide da *minha segurança e depois a sua* se constrói um comportamento em torno daquele que pode exercer o uso instrumental da violência dentro de forma de administrar a segurança, onde determinados indivíduos se apresentam – como *júri, juiz e executor*. É interessante notar como essa forma de segurança diferenciada é recorrente na *rua da frente*.

Em outra ocasião, em um dia de semana pela tarde, estava tomando um refrigerante em um dos comércios do lugar conversando com um morador jovem do lugar, que era músico e estudava geografia na UFAM, quando do outro lado da rua um homem branco saiu de uma

moto e abordou dois jovens em frente a uma casa de onde eu tinha acabado de fazer uma entrevista. Um dos jovens correu, o homem da moto segurou em apenas um deles, um garoto magro de pele branca, seu cabelo tinha topete e era raspado, esse homem na moto desceu segurou ele pela camisa e o jogou contra a parede, deu um soco no rosto do garoto e começou a gritar, apontando uma arma para o menino.

Porra Saulo, tu roubou da tua irmã caralho, o dinheiro todo do mês seu filha da puta para gastar com droga, tu foi na boca né? A gente tá de procurando desde ontem, porque tu fez isso? Agora eu cheguei cansado do trabalho e tu me apronta essa porra...

Ele começou a ligar para alguém, ainda falando alto, ele sacou a arma da cintura com uma mão e um telefone da outra, depois que viu que o menino não iria mais correr. Informou que tinha achado o garoto. *Anda! Cadê o dinheiro Saulo?* O garoto que já estava chorando puxou do bolso o dinheiro. Nesse dia fiquei sem ação, pois foi tudo muito rápido, um dos seguranças da drogaria ainda foi perguntar o que tinha ocorrido, o *cara da moto* explicou que seu cunhado (Saulo) tinha roubado o dinheiro do salário todo da sua irmã, ele ainda chegou a informar para o segurança que era um policial de folga. O homem colocou o garoto na garupa da moto e saíram do lugar.

Nesses dois momentos, as armas de fogo e seus potenciais acionadores poderiam ser identificados como indivíduos comuns, sem relação alguma institucional com o Estado. No entanto as relações culturais envolvidas dentro da polícia os colocam dentro de um idioma próprio, onde o fato de ser policial mesmo que de folga, justifica em si a sua ação. Nos dois casos mesmo que pessoas tenha visto o que ocorreu, não existiu nenhum medo por parte dessas pessoas dos sujeitos armados, ao contrário, conversando com alguns que presenciaram o ocorrido, eles acharam: *normal, justificável e tem que ser assim para reprimir a bandidagem*. Com justificativa de que a *bandidagem* não respeita mais nada.

Esse *não respeitar* significa que se faz necessário agir de qualquer forma para impedir que a *bandidagem* tome conta do lugar ou cometa algum crime no local, boa parte dos comerciantes e moradores com que falei, acredita que esses aparatos de segurança ao redor da rua e da esquina são necessários já que muitas vezes a polícia enquanto instituição de agenciamento de segurança é considerada *falha, não vale nada e incapaz* de conter a *onda de crime* que ocorrem na cidade.

No entanto, esse fluxo de policiais, em comércios, em lanchonetes, em armarinhos, em acesso aos serviços permite um fluxo de circulação de armas à vista bem constante, como

viaturas de táticos moveis constantemente passando pelo lugar, com rifles, escopetas e submetralhadoras, todo um conjunto de armas de guerra e agentes portando esse armamento em perímetro urbano como parte do cotidiano, o que acaba sendo naturalizado em um cenário comum como a cidade.

Em outra ocasião, seis viaturas com quatro policiais cada parou um carro branco em uma das ruas principais, isso chamou atenção de muita gente, eram seis viaturas paradas, pelo menos uns vinte policiais. No início eram três viaturas, mas foi chegando cada vez mais viaturas de ruas adjacentes. O carro parado era branco, um taxi velho, o homem que dirigia era um senhor de uns 40 anos, ele estava de bermuda com uma camisa de time de futebol, no momento em que cheguei um conjunto de policiais estava revistando um carro.

Enquanto isso um policial falava como sussurrando para o motorista: *Tu acha que vai escapar dessa? Já era, já caiu!* O homem ainda respondeu: *Eu não fiz nada...* o policial interrompendo *Nem adianta falar nada, nem que a gente tenha que abrir o tanque.[do carro]*

Alguns policiais tentavam conter o aglomerado de pessoas que se juntaram, algumas pessoas estavam filmando com celular, eu perguntei para um mototaxista o que tinha ocorrido, ele falou que era *droga*. Continuei observando, impaciente e temeroso que algo de ruim acontecesse. A sexta viatura que chegou era de um grupo tático da cidade, aquele que parecia o de mais alta patente saiu do carro e conversou com o policial que tinha falado com motorista. Eu já havia me aproximado, buscando entender o que estava acontecendo, me esforcei para ouvir o que eles estavam falando, nem precisou de muito, pois eles agiam tão naturalmente denunciando ser mais um procedimento de rotina.

P1: Pela descrição esse é o cara, tá... carro branco, baixinho, preto.

P2: Porra mas tu tem certeza? Se não for vai dar merda... Faz o seguinte, então liga para o dono do comércio, pergunta direito como era o suspeito.

O policial que antes tinha sussurrado anteriormente, então ligou para alguém, começou a perguntar na frente do motorista a descrição da pessoa, eu pude ouvir *tem certeza? Mas ele não era baixinho? Ele era pardo? Num era preto não?* Em seguida ele desligou e falou para o motorista. *Levanta o rosto aí.* Ele tirou duas fotos com celular, depois ficou mexendo, ao que tudo indica ele estava enviando a foto para alguém, em seguida o celular tocou.

P2: E aí viu a foto? Não era? Tem certeza? Não, não, a gente vai levar ele aí para tu ver. Vou levar e tu diz se é ou não, tem toda a descrição. (fala do policial da abordagem)

Em seguida ele falou com aquele que parecia o oficial, as viaturas foram saindo, ele falou mais alguma coisa para o motorista e o colocou no banco de trás de uma viatura, um dos policiais assumiu o volante do motorista e foram saindo para outro lugar.

Aos poucos as pessoas foram se afastando, perguntei ainda para uma pessoa que assistia o que tinha ocorrido, ele respondeu: *Parece que roubaram um mercadinho em outro bairro, tavam achando que aquele era o carro da fuga.* Eu continuei ainda um pouco preocupado com a situação, conversei ainda rapidamente com um mototaxista que trabalha no local.

O que eles (a polícia) podem fazer? Tem que ser assim se não num pega, a bandidagem não dá folga não, ontem mesmo um cara matou a pauladas a esposa, era um drogado de merda, tem que fazer isso. Não adianta passar a mão na cabeça de bandido não, tem que passar o cassete logo. Eu já fui assaltado umas cinco vezes, o cara me deu uma coronhada, não tenho pena de ladrão não, tem que linchar mesmo. (Alexandre, mototaxista)

Ele pareceu desabafar sobre o que estava sentido, um sentimento de revolta por conta do crime ou por conta do roubo, ainda tentei retrucar algo, sobre uma perspectiva de manutenção de direitos, mas foi em vão, pois ao que parece há um distanciamento muito grande sobre o que dever ser os direitos humanos e de como ela é representada no discurso corrente, para os que cometem crimes.

Em uma noite, enquanto estava caminhando pelo lugar, tentando observar como era o fluxo de pessoas pela parte da noite, durante a semana mesmo, um homem passou correndo de uma rua para outra, tentando chegar a uma das ruas principais, atrás dele um grupo de pessoas. Na metade da rua eles começaram a gritar *Ladrão, Ladrão*, um grupo de mototaxistas, trabalhadores, pessoas que estavam em uma parada de ônibus observavam a situação, um dos mototaxistas arremessou uma *perna-manca* na direção do homem, eu me encontrava no final da rua, quando vi o que estava prestes a acontecer eu corri na direção.

Já havia um aglomerado de pessoas cercado o homem e chutando, arrancaram a camisa dele muito rápido e continuaram batendo, eu gritei nervoso: *Hey calma aí pessoal. Aguenta aí, aguenta aí.* Alguém respondeu: *Aguenta o quê? Esse fudido vai ter o que merece.* Ele já estava com o rosto ensanguentado, eu respondi gritando tentando parar a situação, uma voz abafada pelos baques das pancadas que o homem recebia.

Já deu né porra, vão querer matar ele aqui mesmo? Deixa o cara, a polícia vai levar ele. Falei ameaçando puxar a câmera para gravar a reação – como se isso fosse fazer alguma

diferença de fato, sabia que era inútil porque já tinha pessoas filmando com celulares aquela situação, mas acredito que eles acharam que eu fosse puxar outra coisa.

Já deu porque não foi tua casa que ele arrombou né, quero ver se fosse contigo. Alguns ainda apoiaram a fala desse homem, quando alguns policiais que estavam próximos foram contendo os ânimos das pessoas. *É verdade já deu aqui, ele vai ser encaminhado.* Disse um dos policiais, que foi arrastando o homem, no asfalto para a calçada, eu continuei observando e tentando conversar, ao que tudo indica com a chegada do policial e de alguns seguranças do comércio, as pessoas foram se acalmando e seguindo de volta para suas atividades. Uma viatura foi parada e o homem foi encaminhado para dentro junto com os acusadores, pelo que conversei com o policial eles iriam *fazer o B.O e enquadrar o ladrão.*

As cenas da *Rua da Frente* nos indica um *modo de agir*, ao mesmo tempo em que um consenso dessa ação compartilhado pelos moradores e pelos trabalhadores do lugar, os tipos de violência exercidos não são reconhecidos pelos sujeitos desde que aquele que exerce tenha legitimidade para seu exercício. Nesse caso os policiais e seguranças da *Rua da Frente* são os detentores desse poder, existe em torno da ação desses sujeitos um consenso a cerca de como agir. A fala do mototaxista é bem emblemática – *Tem que ser assim mesmo se não num pega.* Isso recai sobre um modelo de policiamento compartilhado no imaginário e na fala dos sujeitos que condiciona o agir do policial, do mesmo modo que a maneira de agir – a ação – é o que imprime um processo reconhecimento da legitimidade desse agente. É na relação cotidiana do agir e do reconhecer que se constrói o que chamo de regimes de violência, que são formas situadas de regulação intersubjetiva de práticas violentas diversas, que dependem de um conjunto de disposições socialmente compartilhadas, tanto para crer – na legitimidade (ou não) de certas violências – quanto para construir maneiras de agir diante de conflitos, determinando sociabilidades e mobilidades.

A meu ver o modo como o sujeito vítima de linchamento correu na direção da *Rua da Frente* tem haver não com uma fuga de outra rua, mas como chegar a um lugar que pelo menos sua vida ainda poderia ser garantida, pois na rua da frente outros sujeitos agenciam a segurança e desse modo à violência. Mesmo que o resultado tenha sido desastroso para o sujeito, a interferência do policial que se encontrava foi essencial para manutenção da vida. Isso requer compreensão prévia de como o lugar rege seus modos de violência..

1.4. Quadros das ruas de trás

No período da minha pesquisa não observei nenhum tipo acontecimento nessas ruas de trás da mesma maneira como nas ruas da frente. A experiência sobre ser um lugar seguro ainda se perpetua na fala dos sujeitos, mas justamente é na fala dos sujeitos sobre a vida cotidiana no lugar que pude perceber que outra dinâmica se instituíam a respeito da violência. Nesse sentido o que posso apresentar a respeito das Ruas de Trás são quadros, construídos através da narrativa de vida de alguns interlocutores.

Por volta dos anos 2000, existia outro bar que funcionava nesse lugar, seu nome era Pacallouca, seu dono um policial militar aposentado que tinha projeteis alojado em seu corpo também trabalhava e dormia no bar, ao longo da semana o bar funcionava até 1:00 da manhã, na sexta e sábado funcionava do anoitecer até o amanhecer, com os garçons ajudando na limpeza do lugar até de manhã, garçons esse que eram adolescentes do bairro, que precisavam tirar uma ponta.

O dono do bar utilizava da fama de ser policial como garantia de segurança ao seu bar, fama essa que era construída através da manutenção de uma rede de amigos e conhecidos que lhe “garantia” no bairro. Também se utilizava de um terçado e uma barra de ferro, como ele mesmo relato mais para frente. As brigas que ocorriam, muitas vezes pela madrugada, eram em sua maioria por causa de alguém que deixava de pagar, brigas de casais, ou desentendimentos entre clientes, que eram apartadas pelo próprio dono do bar.

Eu nunca tive problema, se tivesse qualquer alteração eu tinha um terçado e uma barra de ferro, se o cara não queria pagar a conta já sabia o que ia acontecer, tinha uns amigos também que fazia uma ronda de vez em quando no lugar, nunca tive muito problema não, o pessoal sabia como eu trabalhava. (Dono do Pacallouca)

O pessoal sabia como eu trabalhava. O saber não é algo implícito ele é construído em um processo interativo. Saber como o Dono do Pacallouca trabalhava envolve um conjunto relações estabelecidas anteriormente a partir do que se fala sobre ele na “vizinhança”, que vão construindo aos poucos relações de “respeito”. Essa micropolítica se realiza de uma forma muito tênue entre negociação e controle do quanto você é respeitado no lugar. O *respeito* que se tem é na verdade um enunciado que indica o quanto sua *amizade, seu papel, sua palavra* vale num jogo de relações simbólicas em uma vizinhança, uma fofoca pode ser o suficiente para acabar com esse valor, advinda da pessoa certa pode ser o suficiente para construir ou destruir esse *respeito*.

Devido ao respeito que dono possuía por ser um ex-policial, boa parte dos vizinhos fazia vista grossa quando ele espancava a companheira nos fundos do bar, altas horas da madrugada. Poucas pessoas comentavam esse fato ou ousavam falar algo, entra nessa equação o medo de interferir contra indivíduo por ele possuir uma rede de conexões pelo fato dele ser ex-policial, que lhe garantiria grau relativo de segurança para agir violentamente sem que nada lhe acontecesse.

Eu não sei o que me dava, ela vinha para cima de mim, queria me arranhar, daí não ia deixar, teve uma vez que ela pegou uma garrafa para me cortar, por ciúmes, aí eu perdia a cabeça e fazia merda, mandei ela embora várias vezes, ela sempre voltava, a verdade que ela só foi embora quando deu a merda da luz lá no bar. Que a filha da dona quis quebrar minhas coisas, só não fiz nada em consideração a velha mesmo, porque se não... já era sabe. Eu lembro que tavam me chamando de agiota de velhas, cara aquilo foi demais, para não dar merda de vez eu saí fora, deixei o ponto lá e peguei minhas coisas. Abri uma distribuidora aqui em baixo, mesmo, eu queria é ter paz. (Dono do Pacallouca)

Esse interlocutor conta que as brigas que tinha no seu relacionamento começavam quando, *ela já estava muito bêbada e extremamente alterada, ela ficava com ciúmes por alguma coisa e vinha para cima, eu não quero saber, me bateu levava.* A violência doméstica e de gênero exercida nessa relação era garantida por um trato conivente entre esse interlocutor e a vizinhança que não intervia na violência, apesar de que boa parte da vizinhança sabia o que ocorria. Novamente nos deparamos com a consciência ou o saber como as coisas ocorrem, o que delimita a intervenção ou não, o reconhecimento ou não é em si o agente que executa a ação. Como ele relata, trabalhou por muitos anos no bar sem problemas algum, até que foi despejado pela proprietária do lugar após uma briga severa por causa de contas de luz atrasadas. Essa discussão gerou um mal estar tão grande que levou a uma das filhas da proprietária a invadir o bar e quebrar o que encontrasse pela frente, falando que *não tinha medo de homens como ele, que se ele andava armado ela também andava.*

O que ele fez com minha mãe foi uma sacanagem, ele deixou cortar a luz dela, meteu um monte de gatos aí na luz e na água, depois ele pensa que eu não sei o que ele fazia com a esposa dele, eu devia é ter quebrado tudo, entrada com ferro e quebrado todas as coisas dele. Eu lembro que na época se eu pudesse eu tinha dado um tiro nele, o que eu sei que não tinha medo de homens como ele não, que se ele andava armado eu também ia me armar. (filha da proprietária)

A filha da proprietária, ao contar sobre o caso, explica o fato dele ter deixado cortar a luz da casa de sua mãe como sendo o estopim para um conflito entre eles. O fato da expressão *homens como ele* em sua fala emergir como um mecanismo classificador de como ele agia, tanto na gerencia do bar como no que se refere à violência doméstica exercida por ele, o fato dele ser ex-policial, ser homem branco e dono de um bar dava uma margem de ação sem que

outras pessoas intervisse. Mas quando isso passa a ser questionado – devido a um *problema com a luz* – o valor do *respeito* tende a ser deixado de lado e toda a maneira de agir passa a ser questionada.

O dono do bar relata que adorava muito a proprietária que era uma senhora, que jamais quis fazer mal algum ou como foi acusado por suas filhas de ser um *gigolô ou explorador de velinha*, ele abandonou o lugar logo em seguida e mudou-se para outra região do bairro. Por anos ele espancou sua esposa, que mais tarde se separou, mas o que o incomodou foi o fato de passar a ser conhecido como *explorador de velinha*, isto é, depender economicamente de uma senhora ou tentar aplicar golpes em uma senhora para conseguir dinheiro.

Respeitava muito aquela senhora, nunca tive mãe então ela meio que foi como uma mãe pra mim, mas as filhas dela, todas fizeram a cabeça dela contra mim, tavam me chamando de gigolô de velha, cara só não fiz uma merda por muita consideração por aquela senhora, eu peguei meu beco, mas não queria dar esse desgosto para ela [a senhora]. (Dono do Pacallouca).

Ele fala que não fez nada com a filha da proprietária, porque ele tinha muita *consideração pela senhora* e não queria *dar esse desgosto*, ele afirma que nunca teve mãe, ela havia falecido ainda muito jovem por isso via a proprietária como sendo sua mãe. Envolve que existia certa consideração e reconhecimento da posição da senhora, esse *respeito* que essa senhora possuía era o suficiente para acabar com a rede de relações de vizinhança que ele possuía, diferente da esposa que era espancada, essa senhora e sua filha tinha um determinado conjunto de capital simbólico particular que permitia que *quebrassem* as coisas dele e mesmo assim estivessem justificadas em fazer isso.

O status do agressor e o do agredido interfere de forma pertinente em como as pessoas representam o tipo de violência, como o evento é narrado e na maneira como ele é significado, de acordo a posição ou a pretensa posição que o sujeito possua na ordem da vida cotidiana no bairro, determinados tipos de comportamento sofrem sanções em detrimento a outros.

Eu o conheci ele em 1993, na época eu trabalhava em uma empresa de televisores no Distrito Industrial, ele tinha acabado de sair da polícia, ele foi aposentado por causa de um tiroteio em que ele se envolveu, ele tinha uma bala alojada numa parte do corpo dele. A gente foi namorando um bom tempo, em 1998 ele abriu o bar, passou a trabalhar lá, eu continuei no meu trabalho por um tempo, tinha um espaço no fundo do bar onde ele dormia, eu de vez em quando dormia lá com ele. Não sei quando foi que começou aquele inferno, dele me bater, mas vezes ele ficava puto e eu respondia logo, daí começava ele me batia muito, dava cacetada mesmo. Eu lembro que ninguém interferia, todo mundo sabia que ele era um policial aposentado, todo mundo tinha medo, sabe...

Isso só parou depois que saí de lá, mas eu não conseguia deixar ele, isso era o mais difícil, quando me libertei disso, tudo mudou. (Eleonora, 45 anos)

A violência de gênero rompe os espaços da casa e acaba por ser compartilhada entre a vizinhança, criando narrativas sobre o ocorrido das mais diversas maneiras, esses tipos de narrativas percorrem as falas sobre o lugar e sobre a pessoa. No entanto, o status do agressor, nesse caso, lhe garante uma ação sem sanções morais da vizinhança em relação a isso, mas em relação a ser chamado de *gigolô de velinha* isso se torna motivo de preocupação na fala do sujeito. Por trás dessa fala existe na verdade a preocupação que sua rede relações e de garantias, sua rede de respeito possa ser afetada caso a *velinha* comece a falar que ele era um mal pagador, ou “pilantra”, ou mesmo um gigolô.

A fofoca sobre uma pessoa pode ser tão danosa quanto um próprio evento em si, por isso medo do dono do Pacallouca, em relação a ser chamado de gigolô de velinhas. As nomeações em uma comunidade de sujeitos tem um objetivo bem explícito: delimitar o grau de ação desses sujeitos dentro de uma ordem social estabelecida. Goffman (1974) apresenta, nesse sentido, os efeitos dessas microrrelações como fatores importantes de entendimento do jogo de relação dentro de comunidades fechadas, onde a nomeação, a representação dos sujeitos e o espaço estão a todo o momento interferindo na ordem social estabelecida, envolvendo determinados valores. Mas diferente de um manicômio ou um convento, uma comunidade “aberta”, como uma vizinhança ou um bairro, tem suas próprias formas de nomeação e microrrelações hierarquicamente estabelecidas menos explícitas, muitas vezes violentamente sutis.

Essas microrrelações vão se alterando conforme a chegada ou saída de outros atores passam alterar o jogo de relações, o bar Pacaloca foi um espaço deste em um passado anterior, mas tendeu a modifica-se conforme as relações com os sujeitos foram se modificando, é interessante revelar que a violência em uma comunidade exige dela também formas de tratar do assunto, estratégias de enfrentamento.

Se no Rio de Janeiro e São Paulo, essas estratégias são mediadas por estruturas chamadas de Crime nas periferias, onde existem regras explicitadas que necessitam ser apreendidas por aqueles que fazem parte do jogo. Nas periferias da cidade de Manaus essas regras também estão explicitas, mas a relação com o Crime é de outra ordem, as relações de segurança e/ou controle social do dia a dia não perpassam diretamente o Crime, mas outras formas de ilegalismos que se confundem com o fazer policial, nesse sentido a posição dos seguranças particulares, policiais e ex-policiais nessas estratégias de violência é ponto

fundamental para entender de que forma, um tipo de força por ser exercida para manutenção de certos regimes de violência. O fato de Dono do Pacaloca ser ex-policial, ter uma rede de relações estruturadas que o acompanha até o fim de sua vida, o permite exercer determinados tipos de violência sem sofrer as sanções, desde que continue representando comportamentos conforme as regras do jogo.

Na época do Pacallouca eu pagava para ter segurança, era meus conhecidos, mas todo mundo precisava comer, por isso sempre rolava uma viatura passar pelo bar, mas ninguém era doido de peitar, se isso acontecesse eu tinha uma barra de ferro de baixo do balcão e um terçado grande o suficiente para acabar com a graça do cabôco. Eu nunca precisei, se o cara começasse a se alterar eu já tirava ele na mãozada mesmo. Nunca tive problema com isso, se não fosse o problema da luz, eu estaria até hoje lá, eu gostava muito daquele senhorinha, foi sacanagem o que fizeram comigo(...) além disso todo mundo contrata, todo mundo quer um pouco de segurança. Apesar de eu não precisar, em frente do Quartel o cara não vai meter o louco. (Dono do Pacallouca)

Do mesmo modo, que essa relação entre o público e o privado parece permear as relações de vizinhança no lugar pesquisado, as violências contra mulheres em um passado anterior eram menos expostas que nos dias de hoje, o discurso em torno da Lei Maria da Penha enquanto um projeto político de ação para coibir esse tipo de violência é parte importante para essa transformação, talvez nos dias de hoje o próprio dono do Pacallouca tivesse sido coibido por vizinhos e “enquadrado dentro da Lei”, mas existe ainda uma dificuldade de lidar com esse tipo de violência no cotidiano, às marcas deixadas por elas na história pessoal são tão fortes quanto o medo da violência urbana. Elas parecem fazer parte da própria história que diversas mulheres carregam, em formas diferentes de lidar com esse conflito. Enquanto Eleonora conta sobre um passado que deseja esquecer e o fato de ninguém lhe ajudar, ou mesmo não possuir um lugar para procurar ajuda – já que o agressor era um policial que tinha contatos e influência dentro do sistema. Os quadros de violências domésticas e de gênero mudaram drasticamente após a implementação da Maria da Penha, no entanto, no caso de Eleonora o acolhimento e sentir-se reconhecida enquanto pessoa de direitos talvez fosse um passo tão importante para a denúncia contra os agressores.

O silenciamento nas *ruas de trás* em torno desses casos revela também uma estratégia de enfrentamento ao conflito público de uma coisa que é dita como sendo “particular”, apesar de todos verem o que ocorre, agir para intervir requer também um consenso em torno do modo de agir nessa situação. Lidiane uma diarista que mora em uma das *ruas de trás*, me apresenta alguns quadros pertinentes sobre o lugar.

Vixe lá onde eu moro teve uma vez que sobrinha do Samyr tava apanhando do namorado. Tu acredita? A menina saiu correndo pela rua de toalha e o cara

indo atrás com um fio para poder dá-lhe nela. Olha, aquilo me encheu de ódio, ninguém ia fazer nada, eu corri para o portão e abri, outros vizinhos também se reuniram para ficar olhando. Tu acredita? Eu deixei ela entrar. [Eu estava] com um pedaço de pau na mão. Cadê que ele teve coragem de entrar? Tamanha jovem, sabe, numa situação daquela, ele voltou e pegou as roupas dele e capou o gato dali (Lidiane) .

Ela me conta que ainda teve gente que *fez cara feia* por ela ter abrigado a moça. Na verdade, algumas coisas a levaram interferir: o fato dela ser sobrinha de um conhecido dela, as suas experiências pregressas com esse tipo de violência e a possibilidade de exercer uma violência contrária para impedir que a moça apanhasse na rua. A Lidiane afirma que onde mora o pessoal sabe que ela é “esquentada”, que resolve as coisas logo, então existe certo respeito por ela. Nesse caso, ainda havia dúvidas sobre a maneira como agiu diante da situação. Sanções morais recaíram possivelmente por ela ser mulher dentro de uma sociedade machista, onde o homem é quem possui o “direito de agir”. Lidiane também me conta um relato sobre um linchamento que ocorreu em sua rua no ano passado:

Tinha essa mulher né, que tinha esse homem, que vivia batendo nela, bateu tanto nessa mulher que ela ficou desfigurada, ninguém fez nada. Mas aí ele mexeu com uma menina, ela era filha de um pastor, de uma igreja lá de perto, daí ele mandou bater nele, se reuniram os irmãos lá da igreja, pegaram esse homem e começaram a bater, bater, todo mundo viu, todo mundo sabia o que era, mas ninguém queria fazer nada não. Foi na rua mesmo. Todo nós vimos, deram, deram até deixar ele estirado la no chão. Depois deixaram ele amarrado no poste, chamaram o pessoal da rua para bater nele. O pastor ainda falou que era justiça divina que estava fazendo. Que era direito, todo mundo da rua deu nele. (Lidiane, diarista)

O homem foi espancado até ficar irreconhecível. Ao termino do linchamento, o homem ficou amarrado no poste ao longo da tarde e da noite, quando uma viatura o veio soltar. Lidiane me conta que os argumentos utilizados pelo pastor em um linchamento envolviam “justiça” e religiosidade, pois ele seria *a mão de deus sobre aquela vida*. Novamente, um circuito semântico de construção de um suspeito, legitimação semântica e ação sobre o corpo. Porque essa violência passa a ser incorporada aos sujeitos, isto é, os mecanismos de instrumentalizar passam necessariamente pelo corpo a outro corpo. A “justiça” é o enunciado que acomoda sentidos explícitos, mas existem enunciados não expressos na ação, que condicionam disposições para agir sobre o outro, sobre o corpo do outro, sobre a imagem do outro, devido a essa justificação de empreender justiça. Logo, todos acreditam ter *o direito de empreender uma determinada justiça*.

Mas não é qualquer um que pode exercer e autorizar a violência, é necessário possuir certo tipo de *respeito*, como moeda de troca nas relações para o exercício da violência, o fato da *filha do pastor* ter sofrido a violência que “justificou” a ação dele reunir um grupo de

peças para poder bater nesse homem, amarrá-lo em um poste e convidar outras pessoas para espancar esse homem, sob a égide de *justiça divina*, nos indica que um conjunto de disposições que permitem o modo de punição, o agir sobre o corpo do outro e a classificação do sujeito. Novamente como a placa na drogaria —... *eu sou o júri, o juiz e o executor* — a ação é justificada sob o discurso de “justiça”.

Essa cena nos ajuda entender que não se trata somente do crime, de ser policial, mas que é uma relação complexa que movimenta os regimes de violência no lugar. Quem exerce a violência e quem a sofre depende de um conjunto de classificações analisadas através da vizinhança, onde existe um consenso a respeito de sua legitimidade.

1.5. Enunciados recorrentes de violências cotidianas.

Esse capítulo buscou apresentar um quadro social específico a respeito de um lugar onde o discurso da violência parecia estar ausente. Essa aparência se reconfigura na medida em que os narradores do lugar compartilham determinados sentimentos e discursos sobre a “violência”. Principalmente atribuindo caráter negativo a essa palavra, do mesmo modo que procuram indicar que os eventos que ela representa se encontram fora desse espaço. Como vimos nesse quadro social existem diversas formas de violência que penetram o cotidiano dos sujeitos, formas essas que não são necessariamente reconhecidas pelos interlocutores como violências.

A violência é fenômeno e, ao mesmo tempo, valor analisado constantemente por meus interlocutores quando falamos do lugar onde se vive e quando se faz necessário agir sob o discurso da segurança, ou para manutenção do *respeito* sobre si ou, ainda, para a preservação de certas relações sociais – relações essas familiares, de amizade e de vizinhança.

Em uma análise sociológica podemos afirmar que a violência ao ser positivada na fala dos sujeitos, passa a assumir outras formas, deixa de ser violência para se tornar outra coisa. Desde o caso dos seguranças aos casos de “conflito familiar”, as estratégias de conflito passam a produzir enunciados recorrentes que se perpetuam ao buscar significar e legitimar violências, invisibilizando-as enquanto tais. Essa recorrência se encontra na palavra *respeito*.

O *respeito* se torna a medida para o reconhecimento da violência no cotidiano. Essa palavra esteve presente para justificar as ações, mesmo que ela fosse associada a outras como justiça, segurança e direito. Ela surge como um valor e ao mesmo tempo conceito que define o que é violência ou não. Mesmo que essas ações façam parte do cotidiano dos sujeitos, elas passam pelo crivo do *respeito* que os agentes envolvidos nessa relação possuem. Trata-se de um conceito que complica a definição das posições dos sujeitos da violência, como vítima ou autor, e que se demonstra central para a formação de diferentes regimes de violência.

O quadro social apresentado nesse capítulo é dinâmico, as pessoas apanham, mas existe um revide constante. Os corpos em um bairro e um lugar como esse não são tão dóceis quanto se imagina, se utilizam de estratégias violentas para manterem-se e transitar. Essas estratégias compõem parte da própria história dos sujeitos, resultam de disposições desenvolvidas para manutenção de um tipo de sociabilidade.

Luiz Antonio Machado da Silva (2005) busca compreender como uma “sociabilidade violenta” se desenvolve enquanto um complexo estruturado dentro da organização social do tipo criminosa, tendo como agente desse tipo de sociabilidade o “crime”. Dessa perspectiva, a criação de uma “sociabilidade violenta”, no Rio de Janeiro, é consequência de uma sobreposição, imposta pela força, das regras e normatizações da ordem criminosa sobre a ordem da vida cotidiana.

Nas narrativas sobre a *Ferinha*, muitas pessoas – seguranças, donos de mercadinhos, proprietários de imóveis – se utilizam do discurso em torno da “violência urbana” e do “crime” para justificar seus modos de agir violentos. Essa “violência” é representada na forma de assaltos a banco, latrocínios e assaltos à mão armadas. Desse modo, a *ameaça patrimonial* e a *ameaça à integridade física* estão presentes como discurso de imposição de medos, de forma exterior ao lugar, e justificam a presença de armamentos, câmeras e seguranças particulares e, por vezes, o uso da violência armada sobre “suspeitos”.

Em todo caso, não é “o crime” em si e nem o seu combate pelas polícias que regula a presença de diversas formas de violência no cotidiano desse lugar “seguro”. Para entender a “sociabilidade violenta” exemplificada nas cenas descritas acima se faz necessário compreender as interações sociais no *continuum* entre os conflitos e violências (BARREIRA, 2013). Existe um caráter subjetivo e emocional que necessita ser compreendido no campo da sociologia da violência, algo da vida cotidiana de moradores e trabalhadores de uma sociedade como a nossa que tende a organizar, dispor, acomodar valores e representações que mobilizam sujeitos. Acredito que para, além disso, existem regimes de violência que atravessam os indivíduos, que instrumentalizam subjetividades em torno de objetivos, mesmo que esses objetivos não estejam a mostra.

E finalmente retomando Rifiots (1997) esses enunciados acerca da violência precisam recompor seus campos de análises para compreender que existem formas locais e estruturadas de regulação de violências na vida cotidiana e classificadas através da relação que os sujeitos traçam com situações, espaços e redes de relações comunitárias, que permitem se indignar por determinados motivos e por outros não. Em suma, regimes de violência. O cerne da pesquisa encontra-se em compreender como a violência se torna construtora de relações, de disposições e constitui parte integrante de “lugares seguros”. Para isso iremos recorrer à narrativa construída pelos sujeitos a cerca da violência e seus usos na vida

cotidiana, tentando compreender que a gestão de “segurança” é uma questão de exercício da violência na fronteira entre o que é tolerado ou não tolerado.

A violência, enquanto fenômeno precisa ser entendida de outra maneira, por mais duro que isso seja. Precisamos admitir que por trás dessa máscara de “civildade” não existem rostos violentadores e violentados. A violência significa poder agir, poder sobre o corpo, sobre a mente e – mesmo nos dias de hoje – poder sobre a alma do outro. Ela é instrumento de condicionamento social, de construção de leis e normas e instrumento cerceador de papéis sociais. Ela não pode ser monopolizada porque cada estrutura e estrato da sociedade possuem modos de gestão da violência, normas para seu uso e sanções sobre seu uso, uma gramática socialmente compartilhada no dia a dia, sendo produzida e produtora desde a mais tenra idade até os últimos dias de vida, que instrumentaliza classificações de sujeitos em um continuum social com marcadores pré-estabelecidos.

O Estado não possui o monopólio – como a grande tese sobre a violência que a modernidade instituiu. Possui, na verdade, o aparato para aplicar maciçamente sobre os sujeitos um tipo de violência instrumental legitimada institucionalmente para encarcerar, matar, disciplinar e classificar os corpos. Mas o discurso sobre o “monopólio estatal da violência” serve a um fim, que envolve a produção de uma crença em torno de suas instituições. O enunciado da “violência”, em diversos discursos, compõe regimes de violência, que classificam segurança e insegurança, legítimo e ilegítimo, pessoa e não pessoa, passando a ser construtor de classificações de mundo.

Então, para compreender de que forma os regimes de violência são condição e efeito de disposições sociais para crer e para agir, adotamos um modelo analítico em que os fenômenos discursivos e não discursivos da violência se apresentam de forma dinâmica, resultante da interação entre indivíduos. Assim, contrapomo-nos à ideia de que seus efeitos rompem com o cotidiano, ao contrário é parte estruturante do dia a dia dos indivíduos. Abordamos o seu caráter positivo para compreender como indivíduos diferentes de um “lugar seguro” como a *Feirinha* agenciam a violência ou sofrem de sua agência ao longo de sua trajetória de vida. Buscamos, dessa maneira, uma forma de entender os sentidos produzidos em torno desses fenômenos.

Capítulo 2

Narrativas sobre violências: regimes de violência na *Feirinha*.

*Cada lugar um lugar, cada lugar uma lei,
cada lei uma razão e eu sempre respeitei...*

Racionais Mc

2.1. *Aqui é bom de se morar.*

Em um bairro chamado Petrópolis que se desenvolveu fruto de loteamento e ocupações, que abriga diversos moradores da classe popular, existe um lugar. Um lugar que entre outros lugares não sente os efeitos daquilo que apresentamos antes como sendo a violência difusa, que é não transporece, em primeiro momento, a sensação de medo que outros lugares em seu entorno parecem sentir, onde o estigma daquilo que pode ser representado como “violência urbana” se prolifera nas narrativas de sujeitos, que contam histórias de homicídios, tráfico de drogas, assaltos, ao contrário nesse lugar as narrativas são outras, um lugar que é *bom para se morar*, esse lugar chama-se *Feirinha*. Onde as pessoas afirmam que a violência é externa, onde afirmam que é um lugar seguro, calmo e pacífico, ao me deparar com esse lugar que fala de si, me perguntei, como um lugar desse é possível? Como se constrói uma lugar “seguro”?

Penso que para se construir um lugar assim, um verdadeiro “álamo” em uma cidade onde a violência difusa produz seu efeito de maneira efetiva cotidianamente, onde a força discursiva produz um “cotidiano despedaçado” (BARREIRA, 2008), um sensação de “medo na cidade” (MICHAUD, 1989), construir um lugar seguro, diferente de um “enclave fortificado” (CALDEIRA, 1997), um espaço em um bairro popular, que não é atravessado por muros como um condomínio, ou por concreto como um shopping center em um bairro nobre, mas possui um verdadeiro “mecanismo de segurança” que se aprimora em *ilegalismos* do cotidiano, regidos por um *regime de violência* particular, historicamente produzido,. Para compreender essas formas, precisamos deixar que esse lugar nos guie, através de narrativas de seus moradores, diante disto, se faz importante compreender nas falas dos sujeitos que moram no lugar de que forma esse processo construiu uma representação de lugar que flui de diferentes maneiras ao longo do tempo narrado.

A principal interlocutora a nos guiar por essa compreensão é Dona Teresinha, proprietária de diversos boxes alugados com compõe o que foi no passado o início da *Feirinha*, sendo uma das primeiras moradoras do lugar. Ela narra sua chegada da seguinte maneira.

Quando eu cheguei no Bairro de Petrópolis não tinha rua asfaltada, não tinha luz em poste, era tudo lampião nas casas, a venda do Severino já existia, o meu esposo comprou um pedaço de terra ali em baixo, quase perto do Igarapé, eu lembro que dava para ver um buritizal inteiro do alto, a gente lavava roupa naquele igarapé e tomava banho. Água no bairro só na cacimba.

Não tinha nada no bairro, lá embaixo era o terreno da dona Raquel, quando ela morreu os filhos venderam, lembro que quando falavam que a gente morava aqui era como se fosse um lugar muito longe do centro, o ônibus só ia até ali na Codajás se não me engano, a gente tinha que vir a pé, ou de Rural⁴. O meu esposo tinha uma Rural, a gente ficou um tempo lá embaixo depois nos mudamos aqui para cima, ele montou uma oficina de carpintaria, junto com o compadre Antonio, éramos vizinhos, ele era pequeno, tinha o corpo bem magrinho.

Era tudo de barro quando a gente chegou, lembro que tinha uma capelinha onde hoje é a Igreja do São Pedro, as casas eram bem afastadas umas das outras, a pessoa passava dentro do terreno. Era tipo um interior sabe? Muito mato e barro, lembro que tinha um lugar, que o pessoal se reunia, onde as mulheres iam para meter chifre nos maridos (risos).

Meu esposo que arrumou um trator e aplainou a Benjamim Constant, a nossa rua até lá na Raquel, porque não tinha nada, depois que foi chegando o asfalto, nós montamos vários boxes para alugar e tinha uma vila na parte de trás do nosso terreno. Depois fomos fazendo os boxes, alugando, sempre foi difícil lidar com aluguel, às vezes o inquilino não pagava direito, mas todos respeitavam o meu esposo, então ele resolvia logo as coisas se não pagassem.

Não tinha Quartel quando começamos os boxes, depois que foi chegando, era uma área linda aquela ali, tinha mangueira, goiabeira, todo tipo de fruta, só sei que limpavam aquilo muito rápido, construíram muito rápido, o muro era baixinho, era a época da ditadura, você não podia se reunir na rua, se tivesse um ou três na parada, ou na praça, já era tachado de subversivos, eles pegavam.

Isso que falam hoje da ditadura, que era boa é tudo mentira, a gente tinha que fazer fila para comprar as coisas, e tu tinha que comprar só tanto, o que eles definiam, faltava comida, tinha inflação, a gente vivia assustados, isso que esse pessoal ta pedindo é loucura, é insanidade.

Dona Teresinha é atual proprietária dos espaços comerciais – conhecidos como boxes – responsáveis por formar o que seria o núcleo dessa *Feirinha*, inicialmente se tratava e uma feira e uma vila, mas tarde uma parte do terreno foi vendida para pagar despesas médicas com uma cirurgia que seu esposo teve que fazer, até 1991 a vila ainda existia, depois foi desfeita quando o novo proprietário passou a construir uma casa. Ela explica que sua casa era compartilhada com uma oficina de carpintaria, que conforme seu esposo foi envelhecendo e conseguiu uma aposentadoria como soldado da borracha, as coisas foram mudando. Ela descreve como ocorreu o processo de construção da feira e fala sobre seus primeiros inquilinos.

Primeiro a gente fez os boxes para alugar, o meu marido era carpinteiro, então ele trabalhava fazendo carroceria de caminhão, ele pegou um dinheiro bom fazendo isso e foi aplicando na construção desses espaços, mais tarde fizemos uma vila nos fundos do nosso terreno, dividimos com um muro só para ter mais privacidade. Lembro que boa parte dos inquilinos eram policiais, era tudo de policiais que trabalhavam no Quartel, na época que a gente fez isso, a polícia não mexia com ninguém, não se ouvia essa história de polícia batendo nas

peessoas, de matando gente, o policial no máximo chegava e conversava com as pessoas.

As pessoas respeitavam o meu marido, quando tinha alguma confusão sempre o chamavam ele para falar ou algo do tipo, ninguém fazia nada na frente dele, mas acontece que também tinha essa relação de respeito com ele, tinha com a polícia, não tinha as histórias que a gente escuta hoje em dia, era outro tempo, as coisas se resolviam na palavra. (Dona Teresinha)

O significado em torno de *as coisas se resolverem pela palavra* envolve um marco de distinção temporal onde a palavra resolvia conflitos e afirmava acordos. Em termos maiores todos tem palavra, todos podem afirmar ou negar algo, mas somente quem tem o *respeito* possui um determinado valor com sua palavra, como afirmamos anteriormente o *respeito* é uma medida específica que delimita a capacidade de ação dos sujeitos na vida cotidiana, o esposo de Dona Teresinha era visto como aquele que era chamado para resolver ou julgar os conflitos, ao que tudo indica ele possuía um determinado poder nessas relações instituído através do fato de ter aberto as ruas ou pelo menos ter mediado esse processo, já que pelo relato da senhora foi usado tratores para isso.

Nas narrativas da dona da Feira ela explica que a região já era muito segura e calma desde o princípio, já narra a presença de policiais que moravam no entorno desde o princípio, que vivia no lugar e também pela relação de respeito que era traçada em torno do seu marido. A representação a ação policial é interessante, ela explica que era uma ação mais mediadora que uma ação coercitiva, provavelmente porque esses policiais não estavam em serviço, nesse período a vila e a feira eram apenas o lugar de moradia e não um segundo lugar de trabalho como veremos que irá se tornar no final dos anos 90. Chegar e conversar com as pessoas pode nos indicar que existia uma centralidade na forma como a violência era administrada no lugar, nos apresenta um tipo de regime de violência que encontra sua centralidade na fala.

Isso não pode ser analisado em termos valorativos de ser bom ou ruim, mas precisamos compreender que conjuntos de práticas atravessam as relações nessas narrativas que proporcionavam a possibilidade de resolução pela fala, não podemos também aprisionar essa dinâmica em um passado, mas compreender que ela se apresenta mais explícita nesse quadro sociológico do passado, para compreendemos as características desse regime de violência.

Outro morador, Jorge, filho de um dos primeiros moradores do bairro fala a respeito de como os conflitos eram tratados na época de seu pai e depois como ele passou a lidar com a questão da segurança em seu estabelecimento.

Meu pai trabalhou muito até morrer de coração, ele conhecia o Seu Francisco (esposo de Dona Teresinha), ninguém mexia com ele, porque diziam que ele dava um tostão para não entrar numa briga, mas dava dez tostões para não sair também, meu pai nunca teve problema como roubo da loja dele, eu já tive, nos anos 90 principalmente, na época da galera. Mas no tempo do meu pai, o máximo de roubo era de uma galinha dos quintais de alguém, uma roupa no varal, no máximo. Mas aqui sempre foi seguro, de uns tempos para cá que as coisas foram mudando. (Jorge, comerciante)

Jorge é a segunda geração de um comércio que foi fundado nos anos 70 no bairro, um mercadinho familiar, mas sua família hoje possui três outros mercadinhos em bairros espalhados pela cidade, o nome do mercadinho leva o sobrenome de sua família, ele explica como é feita a segurança no lugar. É importante ressaltar a mudança em termos de décadas a respeito do lugar, entre sua fundação, a respeito dos anos 70 e os anos 90 como sendo momentos dispares, mas que mesmo que todo o discurso em torno do que ocorria no final do século XX no lugar, ainda se perpetuava uma sensação ou pelo menos se afirma narrativas sobre um lugar ser seguro.

Nos anos 90, eu dava uma ponta para a viatura passar por aqui, ficar rondando o lugar, depois fiz um portão de ferro e fui fechando cada vez mais o mercadinho, sempre pegava um moleque lá de baixo ou de outro canto tentando levar mercadoria, mas depois começou a rolar assalto mesmo, ano passado mesmo rolou um aqui, o cara chegou e levou o dinheiro todo do caixa, sorte que a gente sempre leva para casa, eu também tenho dois cachorros de raça isso ajuda a afastar.

Não contrato um vigia particular por que não dá, não tenho dinheiro para isso e a polícia mesmo que devia fazer alguma coisa não faz nada, por um tempo até paguei um pessoal que fazia uma ronda de bicicleta e apito, segurança comunitária sabe, mas isso não deu muito certo, teve uma vez, isso já recentemente, lá pelos anos 2000, que os caras ali atrás, pegaram foi à bicicleta do cara, depois não deu muito certo... (Jorge, comerciante)

Essa mudança espacial, da paisagem é algo que Dona Teresinha relata também, *as casas não tinha muros e nem cerca, era que nem interior as pessoas passavam por dentro dos terrenos, não tinha esse negócio de roubo, todo mundo se conhecia, quando tinha um roubo de galinha, ou de roupa no varal, meio que todo mundo sabia quem roubava, mas depois quando foi chegando mais gente foi crescendo o lugar.* O crescimento do lugar se retrata com a construção de muros, a pavimentação da rua e principalmente por um processo de interiorização das relações, mudar de cercas de madeiras para muros altera a forma como a vizinhança se relaciona, os olhos agora não estão mais presentes na rua, alterando de forma subjetiva o trato entre os sujeitos.

A *Ferinha* se torna referencia de lugar, conforme os moradores e trabalhadores que atuam dentro no bairro passam a interagir com o espaço, criando significados e contando suas histórias em torno do lugar, do mesmo modo que outros lugares do bairro, como o *Campo do*

Penarol, Rua Raquel, Poli, espaços que conforme o bairro crescia construiu narrativas diferentes de lugar. Normando e Ezequiel, ambos moradores da *Feirinha*, na faixa de 30 anos, viveram parte da história de vida passando em alguns desses outros lugares e interagindo de outra maneira com esses espaços.

Considerado, o que acontece é o seguinte, quando a gente é novo, a gente nem sabe porque ta brigando, quando a gente vê, já rolou, já aconteceu, se meteu em um problema. Quando a gente era novo, tipo cada geração tem sua parada, na nossa era isso saca, então tinha a turma do Poli que descia para mexer com o pessoal da Praça, era pau e pedra. Ai entrava no território do pessoal do Penarol, lá era muito perigoso mesmo, tinha que sair correndo. (Normando).

Na verdade, meu primo era galeroso mesmo, eu me metia em briga, mas tinha motivo, às vezes era rixa de colégio, o pessoal do Tiradentes com o Major, tinha essas ondas, mas não é como é hoje em dia, que o cara chega metendo o tiro, não era por tráfico, como é hoje, a gente só se reunia... lembro que um amigo uma vez pegou uma carreira de três perto da São Pedro, porque acharam que ele era da Furtado... Mas ele saiu... Nem lembro quem era mesmo que correu atrás dele. (Ezequiel).

Eles relatam esses acontecimentos como um período distante em suas memórias, *coisas de adolescentes*, talvez uma das melhores explicações seja de Normando ao falar que *cada geração tem sua parada*, isto é, a forma de juventude se relacionar, no final dos anos 90 e início dos anos 2000 – período relatado por eles – perpassa um tipo de sociabilidade em que brigas de ruas se tornavam “necessárias” para se afirmar dentro de um grupo, ou como identidade dentro de um espaço urbano visto como “seu território”. Em suas falas podemos compreender como determinados lugares começam a ser representados como “lugares perigosos”, apesar de eles mesmos não se sentirem inseguros ou com medo por transitarem nesses espaços no período da juventude, o medo da violência ganha forma em falas sobre o presente.

Antigamente aqui era um lugar violento. Até 1997, naquela época era o tempo do galaral mesmo, do flashback, tinha a galera do Panorama, do Besouro, da Caixa d'Água, até isso a droga mudou tu sabia, tu sabe por quê? Por causa que é assim, eu moro aqui né... só um exemplo, eu tenho minha bocada aqui, tu vem aqui em casa pega minha droga, para ter uma segurança, tipo tu saiu alí o cara tomou teu dinheiro, daí tu vai chegar comigo que sou o traficante e vai falar “porra Normando a gente num vai na tua boca, por causa que eu fui lá e o cara tomou meu dinheiro”. Daí eu como traficante chego “Quem foi o cara?” Ai vou lá, vou ter que matar ele, vou ter que fazer alguma coisa, pra botar pânico nele, “hey não faz mas isso aqui, porque tu ta trazendo problema pra mim”. Qual problema? Tu já vai trazer insegurança, vai trazer polícia, já vai trazer diversas coisas, é o que eu estou falando, a droga assim ela faz mal por um lado, mas pelo outro ela deixa as pessoas andar até mais à vontade na rua. Porque gerencia a segurança, ta me entendo como é?

Petrópolis é bom, bairro bom de morar, onde tu bota teus varais aqui tudo fora. Na ZL se tu bota fora leva teus varaus tudo. Na ZL a pessoa coloca cerca elétrica, eles pulam o muro, eles pulam a cerca elétrica e ainda deixam o celular dele carregando na cerca elétrica. (Normando)

Tinha medo não, porque todo mundo era assim, ninguém tinha medo de morrer sabe, a gente brigava, mas não é como é hoje, não era até a morte, nenhum dos meus amigos morreu por causa disso, morreu por outras coisas... Na verdade se tu parar pra pensar todo mundo cresceu e foi abandonando isso, tive meus filhos, a vida seguiu saca. Hoje em dia a gente fica com medo mesmo, mas na Feirinha é de boa, de verdade, nem se compara com outros lugares, porque tipo não tem roubo como é por aí, como aparece no jornal. Tipo na Zona Leste é foda, aqui é bom para se morar. (Ezequiel)

Ao que tudo indica, existe na construção narrativa dos meus interlocutores momentos críticos, onde o bairro de Petrópolis, principalmente em regiões fora da *Feirinha* passaram a ser representados como sendo violentos, ou inseguros e ainda carregando outros tipos de estigmas, nessa situação explicações em torno de “estabelecidos” e “outsiders” (ELIAS, 2000) não seria suficiente para compreender que forma historicamente se desenvolveu uma narrativa em torno de um lugar que seria seguro, calmo e não violento, entre regiões que seriam classificadas como *zona vermelha, perigosas, inseguras*. Na verdade a construção dessa narrativa se deu através de um processo de gestão da violência instrumental do lugar, realizada não necessariamente institucionalmente, mas normatizada através da coerção por um discurso que aciona determinados sujeitos e garantem o exercício de violência destes, que podem ser tanto policiais como o que tráfico.

Novamente recorrer à fala de Dona Teresinha se faz importante, já que ela é a empreendedora de um espaço comercial que mais tarde se tornaria referencial geográfica dentro do bairro e acabaria por nomear um lugar, ela explica sobre a primeira vez que ouviu um caso violento e como era o agir dos policiais no “início” da feira. Isso nos ajuda compreender em parte de que forma nos anos atuais a gestão da violência no lugar, criou um discurso a respeito de um espaço *seguro, calmo e não violento*.

Bem, aqui meu filho nunca teve isso de violência, lembro que a primeira vez que escutei sobre isso, foi no final dos anos 70, uma mulher que foi estuprada na parte de trás de uma igreja ali pra trás, foi horrível, enfiaram um gargalo de vidro nela, lembro que acharam eles um tempo depois... Mas não sei que fim deu.

Então ninguém mexia aqui, porque tinha os inquilinos que eram policiais também, da vila, então todo mundo sabia, não tinha essa história de roubo, na época os policiais conversavam, tinha uma briga, tinha alguma coisa, os policiais chegavam e conversavam e dava para se acertar, ninguém brigava para se matar, não tinha essa história polícia bater, de esquadrão da morte, isso foi já nos anos 90. Que começou isso... Lembro que uma vez, pegaram um ladrão ali na esquina, eu não pude ver, porque meu marido não deixava eu sair pra ver isso, mas soube que bateram muito nele, foi uma coisa horrível.

Sempre aluguei para policiais, tanto para negócios como casas, depois que vendi a vila pra pagar a operação do meu marido, só fiquei trabalhando com os boxes, de lá que eu tiro meu sustento, mas o pessoal sempre respeitava o velho, depois que ele morreu nunca tive problema, porque já era idosa então o pessoal

respeitava meus cabelos brancos. Depois chegou a drogaria, lá pelos anos 2000, eles construíram da noite pro dia, foi muito rápido. (Dona Teresinha)

O espaço primeiramente era seguro pela garantia do *respeito* em torno do marido de Dona Teresinha, inicialmente em um lugar em que todos eram compadres, comadres, vizinhos que se conheciam a agência dessa segurança se construía através da palavra e da certeza de como as pessoas iriam agir. Essa certeza através da *palavra* é parte de um tipo de sociabilidade em que os sujeitos envolvidos na relação se encontram tão próximos que podem se controlar, onde a conversa media as relações justamente porque as relações face a face irão cobrar a manutenção desses valores, desse modo a autorrepresentação destes uns com os outros é ponto fundamental para manutenção das relações cotidianas.

A representação de si nas relações cotidianas é o ponto de partida para se compreender a construção desse lugar seguro, onde o regime é traçada na fala, pois isso envolve que os sujeitos possam classificar suas relações conforme interação, conforme as relações do lugar são ampliadas, outras interações surgem e as histórias dessas interações correm nas falas dos sujeitos, que interagem com lugar, a história do estupro contada por Dona Teresinha, como sendo marco importante da chegada da violência no bairro, colocado fora do lugar em que se vive como que sendo trazida para o lugar conforme o próprio bairro de amplia, esse controle não pode ser mais feito, conforme as ruas passam a ser ampliadas, os fluxos de pessoas aumentam, os muros cortam as próprias relações de interação. As histórias contadas passam a se modificar e conseqüentemente as histórias sobre violência também. Assim um lugar seguro passa a ser construído por grupos de interação, que Goffman (2011) chamaria de ajustamentos, mas que em nosso caso de trata de relações de vizinhança que constroem a fala de um lugar seguro permeado por policiais que moram nessa região e que trabalham nessa região, a produção em torno dessa segurança é descrita na fala de Dona Teresinha, mas que em determinado momento se altera na região.

Essa mudança decorre em um mesmo período em que existe uma mudança de ordem macrossocial no Brasil, durante o processo de redemocratização política, justamente nesse momento início dos anos 90, é que Dona Teresinha nos relata um caso de violência policial, onde pegaram um ladrão e bateram na esquina, diversos casos semelhantes desse tipo de ação irão surgir no país inteiro, como no caso dos esquadrões da morte no Espírito Santo, nos anos oitenta, massacre do Carandiru. Casos mais emblemáticos podem ser citados, como caso da Favela da Naval que, em 1997, durante uma blitz foi empregado todo tipo de violência contra moradores do bairro, levando a morte Mário José Josino (RIFIOTS, 1999).

No caso da Favela Naval estamos lidando com um caso que foi filmado e possui certa permeabilidade nos veículos de mídia nacional e internacional, os tipos de agenciamento de violências empregadas nesse lugar, anteriormente e agora, não são focos de uma narrativa midiática, mas são elementos estruturantes do cotidiano, para tanto o relato de Dona Teresinha em torno dessa mudança na ação policial de seus primeiros momentos no bairro, para em um momento diferente em que o bairro se ampliou e outras relações são traçadas nos indica que o *agir policial* e o consenso em torno dessa ação se modificou, a *palavra* passou a ser substituída por outra coisa. .

2.2 *Respeito é bom e conserva os dentes.*

Tanto Jorge, como Normando e Ezekiel contam que os anos 90 no bairro foram tempos violência, a fala em torno do medo e da insegurança parece fazer parte das histórias do lugar e do bairro, entre as justificativas para isso esta a explicação que Normando dá, ele fala sobre o *tempo do galeral*, citando inclusive diversos grupos que atuavam no bairro. As galeras eram grupos de jovens que se reuniam para se divertir e de relacionar durante os anos 90 até o início dos anos 2000, os discursos midiáticos construíram em torno dessas *galeras* um discurso que tinha com objetivo marginalizar os sujeitos que compartilhavam dessas práticas, sob o signo da violência, do mesmo modo as instituições construíram políticas de “combate as galeras”, criminalizando práticas sociais de jovens que não possuíam espaços para lazer e espaços para se reunir.

As *galeras* aparecem nos relatos de Normando como sendo grupos de jovens que se dividiam por territórios no bairro, a *galera da Caixa d' Água*, *galera do Besouro*, *galera do Panarol*, como vimos na fala de Ezekiel altamente complementar ao que Normando fala, muitas vezes os jovens se reuniam e conflitos acabavam por surgir, a resolução era traçada através de um tipo de violência ritualizada entre os sujeitos, ritual esse demarcado pelo território a qual pertencia, ou por rixas entre colégios, essa violência ritualizada envolvia um lugar específico e tipos de armas particulares definidas conforme a situação, não relacionada com o Crime necessariamente como posto por discursos externos.

Eu não era galeroso, não tinha galera, mas eu morava na Furtado, então sabia que em algumas ruas da [Igreja de] São Pedro não podia passar. Quando a gente brigava às vezes rolava uma roda, outras era rápido mesmo, chegava logo metendo o tapa. Mas uma situação foi engraçada uma vez. A gente se reuniu num campo daqui pra brigar e o brother foi tirar a camisa na minha frente, tipo pra não sujar a farda, quando ele levantou a camisa eu meti o soco na cara dele e a garapa de sangue escorreu pela camisa, não queria sujar a camisa mas sujou (risos).

Tipo a gente só brigava porque às vezes o cara faltava com respeito, tipo é aquilo “respeito é bom e conserva os dentes”, tipo cara mexia com a gata de um brother daqui... Uma vez o cara no colégio correu e deu uma cadernada na bunda da menina, eu estava lá não podia deixar passar aqui e fui peitar ele. Na saída fomos pro campo que tinha atrás da escola. Eu tava puto da vida, o cara era gaiato, ele era lá do Major, era bem maior que eu. E tipo eu já tinha aprendido como fazer tipo um soco inglês com rede de cerca, aquelas com buracos. Eu cortei e deixei direitinho na minha mão. Quando chegou na hora meti o soco inglês no dedo e coloquei a mão para trás, tinha uma galera olhando, o pessoal sabia que ele fez merda. Ele falou alguma coisa, falou para eu bater primeiro, tipo só que eu era menor e mais magro, quando ele falou aquilo sentei a porrada, a garapa de sangue jorrou e ele ficou chorando. Foi só uma pro brother ficar ali, também nunca mais ele mexeu com menina nenhuma. (Ezekiel)

As lutas não eram tensionadas por conta da proteção de territórios visando a gestão de atividades ilícitas. O território era nomeado como uma marca identitária dos jovens um lugar de pertencimento, do mesmo modo que vestimentas, formas de se cumprimentar. O funk e o flashback eram os tipos de músicas consumidas e os conflitos eram resolvidos *na mão*. Isso significa que a garantia do *respeito* é mantida através do quanto você sabia lutar e da maneira como lutava. Ezekiel não foi considerado um *traíra* por ter cortado o rosto do outro com um arame cortado e armado na mão, nem mesmo quando socou o outro enquanto tirava a camisa, porque as maneiras de se lutar envolviam uma capacidade de ser esperto, também o *se garantir* envolvia o quanto de consideração se podia ter entre o grupo social a qual se pertencia. Ezekiel não se definia como galeroso, mas tinha relações de proximidade, principalmente com seu primo, quatro anos mais velho, que lhe ensinava algumas coisas. O principal passatempo de Ezekiel na época era andar de bicicleta, ele tinha *consideração* por conta de seu primo e por conta da forma como agia tanto em casa quanto na rua.

Eu andava de bicicleta o bairro todo, tinha um pessoal que vendia umas peças gringas na Caixa d'Água, mas eu não me metia para as bandas de lá, era muito arriscado. Eu preferia andar por aqui e ir pela banda do Tiradentes. Uma vez uns amigos meus me chamaram por consideração para resolver uma bronca lá no Major. A gente se reuniu, saltei o muro da escola e fui pra lá, tava rolando interclasses deles, aí o pessoal ficava fora, a gente foi acertar a conta com um brother que tinha feito merda com um primo do meu colega, eu fui porque se não iam dizer que eu tinha arregado, mas eu queria mesmo ter ficado na escola. Lá rolou uma roda com o pessoal e rolou o fight, eu lembro que peguei um cara que era grande pra porra, um gordão mesmo, ele tentou dar uma baiana em mim eu segurei o pescoço dele até ele ficar roxo, se ele me levasse pro chão já era pra mim, só sei que conseguimos pegar o cara numa boa e saímos de lá sem problemas. Algumas vezes a gente tinha que ficar esperto para sair correndo mesmo, que nem te falei antes, o meu amigo que pegou carreira na São Pedro, mas ele tava atento, segundo ele ainda chegou a trocar uns socos quando viu que não ia dar saiu fora.

O lance era andar sempre acompanhado, não mexer as gatas alheias, saber a hora de passar e a hora de sair dos lugares. Meu primo que me ensinava as paradas. Uma vez ele me ensinou como fazer uma caseira com cano... isso de PVC mesmo. Mano, fazia barulho, mas era só um tiro, bater um tiro e saí fora. Ele ensinou, mas a gente nunca usou, porque aí a bronca ia ser alta.

O lance começou a mudar mesmo quando um cara morreu com um tiro no final da Manaus Moderna, isso em 2001. Aí deu para perceber que as coisas estavam mais complicadas, aos poucos o pessoal foi parando, ninguém queria correr esse risco. Eu me mudei de lá também, vim morar para perto do Quartel, num kitnet. Aqui nunca teve onda, mas eu sabia que antes tinha tido, eu ouvi falar que tinha estourado uma boca num dos becos daqui. A polícia tinha entrado com tudo e prendido a galera. Num sei o que rolou direito, mas era isso que eu ouvi falar quando cheguei por aqui. Esses lances de juventude ficaram pra trás, tive que criar meus filhos, sustentar minha mulher, me formei em técnico de radiologia. (Ezekiel)

Ezekiel nos apresenta uma narrativa importante para compreendermos como a violência cotidiana era gerida no período de sua juventude. Diferentemente da narrativa de Dona Teresinha sobre os anos 70-80, onde aparece a importância da *palavra*, nos anos 90 de Ezekiel, temos outra dinâmica onde a resolução dos conflitos se centra *na mão*, pois envolve essencialmente o uso do corpo como instrumento de agência de violência. A maneira ritualística empreendida nas brigas, no modo de falar, nas relações familiares entre primos e primas, entre conhecidos e amigos, envolvia outra forma de resolução de problemas e de conflitos.

É importante salientar a existência de um artesanato que esse tipo de regime de violência acaba por proporcionar, ele cita a construção de uma arma de fogo *caseira, um soco inglês* improvisado feito de pedaço de uma cerca de alumínio, esses tipos de equipamentos diferenciam-se, pois são produzidos *in loco* pelos indivíduos. A maneira de se produzir e como se aprende, pode parecer em primeiro momento trivial, mas envolve um desenvolvimento de saber e articulação de técnicas que são aprendidas no dia a dia, isto é, se trata de um conhecimento compartilhado entre aqueles que são *considerados*, que seja por serem parentes, quer seja por fazerem parte de um grupo. Existe nesse processo uma criatividade única, pois cada arma, equipamento de luta que possa ser usado, se torna particular.

Existe um artesanato da violência, que envolve tanto artefatos como esses citados acima, como um artesanato do corpo, necessário para expressar o idioma do conflito nesse regime de violência, Ezekiel cita a altura de diversos adversários em sua narrativa, ressalta isso, pois ele é de estatura baixa e magra, mas ele *sabia se virar*, assim, o corpo é parte dessa linguagem, no modo de andar, na maneira de se portar corporalmente em uma conversa.

A violência é instrumentalizada no corpo para agenciar as relações nesse período. Se compreendermos que quando ele fala *lance* está se remetendo, a uma maneira como as relações sociais eram traçadas, esse lance passa a mudar com a morte por arma de fogo por um sujeito que era considerado onde ele morava, lembrando que Ezekiel viveu no bairro de Petrópolis a vida inteira, circulando pelos diversos lugares, chegando na *Feirinha* em 2001, revelando que no entorno da *Feirinha* as formas de violência eram traçadas de outra maneira.

2.3. Na palavra, na mão e na arma.

O processo de interação entre os sujeitos se modifica tanto por incorporação de técnicas e saberes, como por mudança de perspectivas, sentidos e valores. Nas narrativas dos interlocutores sobre o lugar, o conflito e a violência aparecem de diversas formas, mas de maneira externa, negativizada e impessoal.

Dona Teresinha, em sua narrativa, nos possibilita construir um quadro histórico e social onde a administração da violência é agenciada através das palavras. Os sujeitos que detém o poder de exercer a violência são aqueles que possuem *respeito* suficiente da vizinhança, de seus compadres e de seus familiares, a ponto de legitimar suas ações na resolução de conflitos. Quando os conflitos são mediados através da *palavra*, a violência assume aspectos não corporais diretos, a própria fama dos sujeitos é o suficiente para legitimar a ação destes sobre conflitos.

O quadro social apresentado por nossos interlocutores sobre o bairro envolve tanto um processo de ocupação, onde apesar da polícia está presente enquanto moradores do lugar, sua ação enquanto agentes de segurança não se faz presente, isto é, existe uma diferenciação importante, mas o fato de ser policial cria um ambiente na vila e na feirinha no início de sua construção que traz certa segurança ao lugar, que se constrói através do discurso de positivado das ações policiais, esse discurso é possível emergir no cotidiano se notarmos que o processo de construção da *feirinha* decorre durante o período da ditadura militar, entre anos 70 e 80, justamente um período que não se podia questionar a ação desses agentes correndo o risco de ser preso e torturado. Não se questiona em um espaço público e não iria se questionar em espaços como um bairro que em formação, isso não quer dizer que os policiais resolviam as coisas na conversa somente porque se tratava de uma prática institucional, mas se resolvia na conversa porque ninguém iria querer bater de frente, corporalmente ou através de armas de fogo, com um policial que possuía um consenso de ação que poderia fazer qualquer coisa com você.

Dona Teresinha fala em *não poder ser reunir na rua*, nessa fala ela nos apresenta quadro em torno do período, onde precisamos questionar quem não pode se reunir? Esses resquícios de *não poder se reunir na rua* parece ter afetado a juventude nos anos 90 no bairro, quando a rua é o lugar interditado ao encontro, outros lugares precisam ser criados para se reunir, por isso os encontros para resolução de conflitos em campos, em becos, em lugares longe das ruas principais por onde o aparato de segurança estatal tende a exercer sua

influência. Apesar de não ser um galeroso, Ezekiel aponta que fazer parte de um grupo definido era agir de certa maneira e ouvir determinado tipo de som era muito importante para poder andar na cidade.

Quando a *mão* passa a ser o centro de resolução de conflitos, o corpo é instrumento do modo de agir. Enquanto os conflitos se resolviam *na mão* não havia um medo de que alguma coisa acontecesse incidentalmente, isto é, mesmo que as brigas resultassem em mortes – em raras exceções – não havia o objetivo do extermínio do outro. Em um determinado momento indivíduos que brigavam e se digladiavam poderiam ser vistos jogando bola ou conversando como se nada tivesse acontecido, porque a violência ritual permitia que estes pudessem interagir em outros contextos de forma não violenta.

Essa característica nos revela que o uso de armas de fogo dentro dessas estratégias de conflito e de resolução de conflito não é cogitado, pois significaria *correr o risco* e tornar a *bronca alta*, ou seja, entrar em outro conjunto de práticas sociais que poderia levar a morte. No entanto, com a inserção das armas de fogo no jogo dessa relação um medo passa emergir e ser cogitado nas práticas que estruturam esses quadros sociais, mas esse medo emerge quando se sai de um conjunto de práticas na direção de outra, onde o uso da *arma* passa a ser central no agenciamento da violência.

Os anos 80 e 90, um período de transição nas falas dos nossos interlocutores nos apresenta um segundo quadro importante, no momento em que a polícia parece agir de outra forma, a sociedade também se modifica, estamos falando tanto do processo de redemocratização como as formas como neoliberalismo instituíram-se dentro da sociedade brasileira, criando dessa maneira grupos marginalizados na cidade de Manaus e criando políticas de segurança para conter esses grupos, os *galerosos* citados por Ezekiel são agentes importantes para se entender esse momento, eles foram os bodes expiatórios para o governo local afirmar o discurso de *violência crescente em contexto urbano*, para tanto se criou projetos como galera nota 10 que tinha como objetivo “tirar da rua” os jovens para “coibir” o aumento das galeras na cidade. Isso afeta o bairro de Petrópolis na medida em que diversos grupos de jovens passam a exercer sua liberdade das mais variadas formas, mas que têm na força de práticas de segurança seus corpos marginalizados.

Finalmente chegamos à questão da Feirinha, nos quadro apresentado no primeiro capítulo, onde o lugar é agenciado através seguranças particulares e conseqüentemente através do uso das armas como instrumento agenciador de outro regime de violência, nesse sentido a

circulação das armas é incidental a própria prática policial. O *Quartel* enquanto um prédio de institucional acaba por construir esses tipos de relação em seu entorno, que afeta diretamente as ruas da frente, com uma presença maciça de policiais armados, que acaba passando pelo lugar, construindo um *lugar seguro* que é administrado com uso de aparatos de seguranças advindo do Estado, mas de justificação particulares, através de seguranças particulares, dessa vez a presença do policial não somente como morador, mas como trabalhador terceirizado e informal no lugar.

Não quero cristalizar as narrativas de meus interlocutores, como se não houvesse a presença de armas de fogo no período narrado por eles. Entendo que esses conjuntos de práticas estão em processos constantes de construção na vida cotidiana, são aqui explicitados para que possamos compreender o papel de violências como produtoras de disposições sociais. Ao afirmar existem práticas centradas *na palavra, na mão e na arma* e fazer uma diferenciação entre quadros sociológicos possíveis, se pretende compreender o impacto desse conjunto de práticas e o efeito do tempo sobre os indivíduos.

Também não significa que o uso da *palavra* ou da *mão* sejam melhores ou estejam em outra etapa histórica. Na verdade, são formas diferentes de agenciar a violência local, com regras diferenciadas e crenças diferentes. Como iremos ver mais à frente, o mesmo homem que resolvia conflitos na *Feirinha*, que era respeitado, também era produtor de outras violências não legítimas, silenciadas na narrativa de sua vítima. Esses marcos de diferenciação são importantes para entendermos o quadro social em que se desenvolve esse conjunto de práticas que têm a violência como centro da ação.

2.4. Compreendendo a violência construtora.

Para se compreender a violência nos termos propostos nessa presente pesquisa é importante se afastar de algumas explicações anteriores, entre elas a explicação que colocam a violência no campo da essencialidade ou da particularidade, a violência como acontecimento deslocado de uma cena ou de um quadro social. O que está se apresentando ao longo das variadas reflexões e da apresentação de diversos quadros narrativos é que a violência não está subtraída da sociedade através de *um processo civilizador*, mas é parte recorrente do cotidiano, elemento estruturante e estruturado de nossas vidas; ou seja, a violência não é parte de um desvio de comportamento social. Seja na narrativa de Dona Teresinha sobre a construção da *Feirinha*, quer seja nas narrativas de Ezekiel sobre sua juventude, a violência

surge como elemento estruturante de normas, de modos de agir e principalmente de sentidos desenvolvidos em torno da sociedade.

Walter Benjamin em seu ensaio *Para uma crítica do poder como violência*, (2016) propõe um debate filosófico aprofundado onde a violência como poder instaurador e mantenedor de relações jurídicas, nos auxiliando a perceber o caráter produtivo da violência tanto para normas jurídicas como na manutenção do poder do Direito. É importante salientar que sua interpretação visa analisar o campo semântico da violência a partir de sua funcionalidade, isto é, como um meio e não como um fim, dessa forma nos apresentando sentidos de violência positivados como fenômeno social do cotidiano.

A tarefa de uma crítica do poder pode ser circunscrita como a apresentação das suas relações com o Direito e a Justiça. De fato qualquer que seja a forma como uma causa atua, ela só se transforma em violência no sentido mais forte da palavra quando interfere com relações de ordem ética. (BENJAMIN, 2016, p.59)

O caráter criativo da violência poderia ser observado a partir do acontecimento histórico, como a luta de classes que desenvolveu o direito de greve e ou o avanço do imperialismo que desenvolveu o direito à guerra, utilizados como exemplos de como o conflito e a violência são responsáveis para a construção de ordens jurídicas e morais, onde a violência, por um lado, instaura o direito e, por outro, mantém esse direito. Acredito que a violência atribuída a um lugar, a uma pessoa ou objeto possui assim justificativa histórica em seu discurso tendo como finalidade a organização do poder. Se compreendermos que o poder se encontra rarefeito em nossa sociedade, espalhado e não centralizado, podemos supor que a violência é mecanismo de organização de poder nas mais várias esferas de relações, tanto nas relações jurídicas – onde a lei é a própria afirmação da violência como poder na visão bejaminiana – como nas relações cotidianas – onde regimes de violência sustentam normas de conduta e micropolíticas no cotidiano.

Esse tipo de violência cotidiana nos foi apresentada, ao longo desse capítulo, através de narrativas sobre um lugar “seguro” e através das experiências compartilhadas por nossos interlocutores. Para tanto, os quadro narrativos apresentados nos indicam que a violência pertence a um campo semântico diferente, que sequer é reconhecida como violência, se transmutando em outras formas, como Rifiotis nos indica:

Ao falarmos de violência não estamos nos referindo apenas à realidade concreta, mas a um sistema de classificações e significações que orienta nossa percepção dos fenômenos. Quando procuramos circunscrever o campo semântico da palavra violência, deparamo-nos com um jogo de linguagem onde diferentes tipos de fenômenos são aproximados, enredados numa teia discursiva cuja

amplitude equivale a uma visão de mundo. Assim, aquilo que chamamos de violência recobre fenômenos muito diferentes que não podem ser reduzidos ao crime e à violência institucional. (RIFIOTIS, 1998, p.26-27)

Como estamos ampliando os sentidos de violência, conseqüentemente os quadros narrativos que nos foram apresentados revelam formas diferentes de violência. Insisto no termo regimes de violências, pois se trata de concepções de mundo que estão dispostas para uma explicação a respeito de si, a respeito do outro e a respeito do fenômeno que encontramos nas falas dos nossos interlocutores, que constroem os quadros sociais apresentados nessa pesquisa.

Esses quadros revelam disposições importantes que constituíram o lugar, construíram acontecimentos históricos na vida pessoal dos sujeitos e que condicionaram modos de agir, maneiras de perceber o mundo e condutas de ação dos sujeitos em uma rede de relações complexas permeadas por um tempo e pelo espaço. Mesmo que o tempo seja contado de maneira diferente em cada uma das narrativas, foi possível construir quadros sociológicos em torno desses regimes de violências que não envolvem diretamente explicações como violência policial, crime e violências institucionais, mas a violência em outra forma, no campo da experiência do sujeito. Nesse sentido, concordamos que o problema é:

(...) o de descrever positivamente as situações de violência, procurando identificar como elas são vivenciadas segundo os diversos agentes nela envolvidos. Assim, livrando-nos dos fantasmas que a linguagem suscita em nós, poderemos voltar-nos para os atos e as percepções dos sujeitos, evitando o caminho das grandes noções, como “a” violência, “a” liberdade, que banalizam e tornam anacrônica a percepção dos sujeitos. Em outros termos, com relação à violência, nosso objetivo não está na definição de limites da temática, mas naquilo que Paul Veyne chamou “operadores de individualização” [...] ou seja, reconstruir o conjunto das práticas engendradas no determinado meio social, numa determinada época, procurando identificar, “rostro singular” projetado sobre a sociedade como todo. (RIFIOTS, 1997, p. 10)

A vivência é onde estamos situando a análise dos sentidos das violências no presente trabalho. Os diálogos e as narrativas nos auxiliam na construção desses argumentos em torno da violência e suas conseqüências, do conflito e suas estratégias, tendo em vista que para se continuar atuando em uma sociedade como a nossa é importante compreender os riscos e possibilidades que esses regimes de violência impõem aos quadros sociais dos quais fazemos parte. O diálogo com moradores e trabalhadores desse lugar “seguro” é parte importante na construção desses argumentos já que são estes que compartilham as normas e práticas dessa violência cotidiana, as representações e sentidos que o fenômeno pode proporcionar. É partir do ponto de vista desses sujeitos que podemos compreender a violência em seu caráter positivo.

O “rosto singular” dessas relações é composto a partir dos marcadores sociais construídos na representação do dia a dia. São, na verdade, diversos rostos. Do mesmo jeito que não podemos falar de violência no singular, precisamos também entender que os sujeitos não são singulares em seu tempo, mas que compartilham os augúrios e as adversidades de um mesmo tempo e de um mesmo lugar. Apesar de serem homens, mulheres, jovens, velhos, moradores e trabalhadores, essas diferenças também acabam por revelar formas de violências diferentes, que precisam ser elencadas e compreendidas.

O capítulo subsequente pretende se aprofundar nas trajetórias de vida de alguns interlocutores, buscando traçar de que forma os regimes de violência alteraram disposições pessoais e constituíram-se parte de suas próprias narrativas de si, para dessa maneira compreender a sociologia dos sujeitos. Do mesmo modo como a força de suas falas construíram quadros importantes que nos guiam por essa empreitada reflexiva, é através de sua trajetória de vida que pretendemos entender determinadas violências. A intenção é que possamos deixar fluir ao longo do próximo capítulo a fala dos sujeitos em suas experiências e suas visões de mundo, acreditando que dessa forma possamos entender como suas vivências estão engendradas em um conjunto de práticas sociais e de que forma estão posicionados nos discursos que os atravessam ao longo de suas vidas.

Capítulo 3

Trajectoria de Vida: narrativas sobre si

Os actores não são feitos de um só pedaço, mas pelo contrário são colagens compostas, complexos matizados de disposições (para agir e para crer) mais ou menos fortemente constituídos. Isso não significa que sejam “sem coerência”, mas sim sem princípio de coerência único – de crenças modelos, normas ideais, valores... e de disposições para agir. (LAHIRE, 2005)

3.1 Mudando as escalas

Deixar-se guiar por interlocutores é um passo importante na presente reflexão. Assumindo que nas narrativas dos indivíduos encontramos um emaranhado de significados, de temporalidades e expressões de subjetividades, coloca-nos o desafio de compreender o labirinto discursivo construído em torno da violência em uma escala individual. Essa preocupação advém de propostas sociológicas dentro de um campo de uma sociologia reflexiva que figura com mais expressividade, nas obras de Pierre Bourdieu – e sua teoria de *habitus* – e de Bernard Lahire – com sua proposta de uma sociologia em escala individual.

O debate importante desse campo sociológico foi que nos influenciou para optar por analisar a violência ao longo da trajetória de vida de nossos interlocutores, entendendo que a individualidade assume diversas formas de se representar nas narrativas sobre si. Como instrumento metodológico, utilizou-se da história oral e de seu método de reconstrução para buscar explicitar a sutileza das violências cotidianas que transpassaram alguns dos interlocutores.

Em um primeiro momento, buscou-se apresentar quadros de interação, a partir de narrativas sobre lugar seguro; em seguida buscamos apresentar as formas de interação dos indivíduos ao longo do tempo. Foi possível observar que existem regimes de violência dinâmicos que atuam constantemente na vida ordinária. No presente capítulo, alterar-se a escala de análise para entender de que forma os indivíduos incorporam disposições a partir dos diferentes regimes de violência.

Dessa forma, para apreendermos as disposições sociais, como Lahire (2005) propõe, precisamos nos aproximar do que poderia ser entendido como sua gênese, e para isso se faz necessário reconstruir a trajetória de vida buscando suas recorrências e suas singularidades. Assume-se que são de narrativas sobre si, reconstruções discursivas em que o protagonismo e visão de mundo encontram-se em estado singularizado. As disposições sociais, então, podem ser entendidas como o conjunto de práticas incorporadas que acionam os sujeitos em sentidos para crer e para agir.

É proveitoso distinguirmos as disposições para agir das disposições para crer, às quais podemos reservar o nome de ‘crenças’. Estas crenças são mais ou menos fortemente incorporadas pelos atores individuais, mas não podem ser sistematicamente assimiladas a disposições para agir [...] é importante não pressupor logo à partida que uma crença é uma disposição para agir, é porque assim não poderíamos compreender fenômenos como a *ilusão*, a *frustração* ou a *culpabilidade* (ou a ‘má consciência), que são igualmente produtos da distância

entre as crenças e as disposições para agir, ou entre as crenças e as possibilidades reais de acção. (LAHIRE, 2005, p 17-18)

As disposições sociais são formas de uma realidade incorporada, isto é, o mundo social não se encontra externamente. No caso os regimes de violência, não se encontram em práticas fora dos sujeitos, mas são incorporadas e desenvolvem disposições para crer e disposições para agir. Muitas vezes, essas disposições mais ou menos fortes confluem em crenças e ações, em outras elas podem estar incongruentes entre si, em outras o contexto impede suas emergências. Dessa forma nós incorporamos disposições e as atualizamos conforme o contexto social em que estamos imersos, algumas vezes esse contexto é criado justamente por nossas disposições para crer e para agir alterando o cenário conforme interagimos.

Os quadros sociológicos individuais que pretendemos apresentar nos revelam formas de agir e de crer onde regimes de violência são incorporados ao que poderia ser chamado de personalidades dos sujeitos ou temperamento, mas que são construções socialmente elaboradas no seio da interação do dia a dia, em contextos familiares, do trabalho, em contextos domésticos e em contextos de rua.

Foram escolhidas quatro trajetórias de vida para elencar elementos importantes que nos ajudam compreender de que maneira os regimes de violência acabam por produzir disposições sociais: dois homens e duas mulheres, que narram suas vidas através das décadas. Nos apresentando contextos diferentes e maneiras diferenciadas de lidar com violências sofridas e agenciadas; e de construir estratégias de enfrentamento, resistência, diálogos. Primeiramente Sebastião, um policial que teve uma infância dura, advindo de classes popular. Em seguida Falcão, que desde sua juventude teve conflitos com a lei e acabou por se tornar uma policial que nos ajuda compreender o *fazer pelo certo e fazer pelo errado*. Em seguida temos Dona Teresinha, moradora que administra o que foi a feira que iria nomear o lugar, sua relação com a família e suas filhas. E finalmente Lidiane, uma diarista que desde cedo teve que lidar com a violência intrafamiliar, tendo que criar estratégias de enfrentamento diversas.

3. 2. Sebastião

Sebastião é um dos seguranças que atuam na *Feirinha*. É bem articulado e conversa bastante com diversas pessoas. A gente se conheceu através da música; ele me viu tocando em algum lugar no bairro e trocamos uma ideia sobre o que eu fazia por lá. Sebastião foi bem solícito em expor sua trajetória de vida, e antes que começássemos a conversar, deixou bem claro que entendia a importância de trabalhos como esses “para a sociedade”. A entrevista aconteceu durante seu turno de trabalho, sendo realizada na esquina da *Feirinha*. Ao longo da conversa tivemos algumas interrupções, em função do trânsito, de conhecidos que passavam para cumprimentá-lo e outros conhecidos meus que também vinham dar um “olá”. Mas eram interações de contexto de rua, que de modo algum afetaram o desenvolvimento da narrativa sobre si de Sebastião.

Nossa conversa começou por volta das 19:00 horas e terminou à meia-noite, quando a Drogaria fechava suas portas. Em alguns momentos achei que ele se sentiria cansado, mas deixou fluir sua história sem problemas algum, respondendo com riqueza de detalhes algumas questões que surgiram.

Nasci no que hoje é considerado Cacau Pereira, na época era considerado uma extensão do Bairro do São Raimundo, nasci em casa, na comunidade mesmo. Na BR que corta a comunidade. Bem em frente à Igreja Católica de Cacau Pereira.

Na realidade eram poucos moradores na área onde eu nasci, hoje é bairro, cresceu bastante, desordenadamente, mas cresceu. Até os quatro anos de idade eu cresci ali. A minha infância foi basicamente naqueles corredores, praticamente não tinha nem energia elétrica lá, posteriormente é que foi colocado um corredor pra abastecer a corrente elétrica lá, da parte de lá, haja visto que eram poucas famílias que tinham lá. Era mais ou menos umas doze famílias que existiam naquele local, dava para contar no dedo, então os terrenos eram muito grandes, minha avó morava também ao lado da igreja, ela era zeladora da igreja, Dona Lurdes, éramos seis irmãos, eu era o caçula.

Na época a gente só estudava, meu pai trabalhou um tempo, no antigo DERA⁵, era um departamento que cuidava de latifúndio. Ele trabalhou diretamente também no INCRA, como motorista naquela época não precisava de muita coisa, ele tinha só a quarta série, mas tinha uma habilitação muito boa, categoria E, e ele foi chamado para trabalhar lá. Então de certa forma a gente tinha uma mordomia, porque o salário dele era muito bom. E isso nos manteve por muito tempo, nós tínhamos uma casa lá e um terreno aqui.

A mamãe que estava mais próximo da gente – ela nos incentivava a estudar⁶, o nosso pai era aquela coisa mais antiga de homem, ele trabalhava e chegava

⁵ O DERA era o Departamento de Estrada e Rodagem do Amazonas, localizado atualmente no Bairro da Cachoeirinha.

⁶ A presença materna e sua relação com a educação parece ser um traço cultural marcante, entre as trajetórias de vida no Amazonas, isso se decorrer de uma divisão sexual do trabalho que lança sobre a mulher a obrigação

cansado, às vezes os colegas dele convidavam para sair, então a gente passava a maior parte do tempo com a mamãe mesmo que segurava toda a situação.

O papel da mãe na primeira parte da trajetória de vida de Sebastião atuaria como uma fonte auxiliar para receber as tensões emocionais que o conflito em casa lhe causaria, nessa narrativa seu pai aparece como antagonista, mas diferente de uma narrativa simplista, entre heróis e bandidos, existe em sua construção a respeito de si, o sentimento de perdão em relação ao que seu pai fez a sua família conforme Sebastião fala sobre sua relação com seu pai. O binômio materno e paterno nessa relação serviria de modelo a ser assumido por Sebastião.

A vida escolar de Sebastião se inicia cedo para sua época, acessar a escola durante o período de sua infância não é algo comum, ele deixa claro isso na conversa que temos, mas podemos ver que sua infância já demarcada por um processo disciplinador através da escola. A instituição escola acaba sendo um dos primeiros marcos em nossas trajetórias de vida, tendo em vista que ela é a primeira instituição que passa a regular nosso tempo e nos apresentar os primeiros sentidos em torno da linguagem e visões de mundo, que podem entrar em conflito ou não com o modo de uma vida mais doméstica. Apesar de Sebastião não frequentar a escola inicialmente, a rotina que os irmãos mais velhos possuíam por conta da escola, acaba lhe influenciando mais tarde, na inserção de uma vida escolar.

Por coincidência a escola era bem do lado da minha casa, então não tinha muito como faltar à escola, mas eu não ia para escola ainda porque naquela época não tinha jardim de infância não se trabalhava muito isso, a gente já começava assim aos setes anos, ai deu sete anos e a gente já começava a estudar na escola. E como ficava do lado, só quem participava naquele período era os irmãos mais velhos, que era a Valcrinéia, Sebastiana e o Nonato, e eu ficava em casa com o Adarilton, que era o mais velho coordenava nós dois, eu e a Alcicléia, ficava dividido assim, às vezes a mamãe tinha que vir aqui para Manaus, para área do centro, pra poder fazer o rancho, comprar alimentação, nós fazíamos assim o rancho para um mês. Então não dava muito para ir lá e voltar o transporte era feito de balsa naquele período e às vezes a balsa nem sempre aportava no porto do Cacau Pereira, às vezes ela encostava na Ponta do Ismael e na Praia do Brito então ficava muito na contramão.

Então a mamãe vinha pra cá, para as compras, o nosso irmão mais velho tomava conta de nós ai ela retornava de novo, era essa a nossa rotina. Tínhamos bastante tempo para brincar... Lembro uma vez que a mamãe saiu, e a gente cuidava de umas galinhas, aquela coisa bem de interior mesmo, tinha uma

compulsória dos *cuidados do lar*, mesmo que está trabalhe fora, recaindo responsabilidades em torno da educação e cuidado dos filhos, muitas disposições em torno da relação com a escola são traçadas através de como a mãe representa essa escola para o filho, essas disposições de *cuidado do lar* são impostas através de violências físicas e simbólicas sobre as mulheres.

horta, tínhamos um galinheiro, a gente brincando de índio e de Faroeste, acabamos acedendo uma flechinha com fogo de verdade, acabamos matando as galinhas toda queimadas...

Tivemos que vender essa casa e viemos aqui para Manaus, acho que tinha quatro anos, a gente começou a estudar no jardim e fazer algumas coisinhas, eu estudei aqui na Igreja São Pedro Apostolo, na época tinha o Jardim de Infância lá. Viemos pra cá e não saímos mais até os dias de hoje. Nós ficamos ali na Aristides Rocha.

Estudamos na igreja, tínhamos um preparatório para poder adentrar o primeiro ano, o jardim da Infância, lá estudei com padre Sabino, tinha o Eros que não seguiu a carreira de padre, tinha muitas dinâmicas. Essa época era das vacas gordas, por volta do ano de 1979, foi na época que minha irmã nasceu.

Como já tínhamos a casa aqui, nós viemos morar para cá, naquela época ele tinha estabilidade no Incra, as coisas não estavam indo bem... Mas aquela coisa da amizade, da influência acabou enveredando meu pai para o lado da bebida, do alcoolismo, isso prejudicou bastante a família. Isso sempre foi uma quebra dele, mesmo quando estávamos no Cacau Pireira... A mamãe não, ela sempre cuidou da gente, ela achava que o casamento era pra sempre.

Dois elementos de análise são importantes nesse quadro apresentado por Sebastião que nos interessam. O primeiro envolve sua concepção a respeito da violência doméstica, ele atualiza que sua experiência vivida pregressa no seio familiar envolvia o que hoje seria considerado violência doméstica, que de fato era, mas nessa fala podemos extrair que anteriormente não o era, não somente porque não havia uma lei que conceituava, mas existia um regime de violência dentro de um período histórico apresentado onde esse tipo de conflito intra-familiar deveria ser mantido em segredo e no seio particular, baseado no direito do homem sobre a mulher, esse tipo de verdade, hoje questionada e criminalizada, pertence a outro tempo histórico, mas compõe a experiência de vida dos sujeitos em como definir os papéis sociais a partir do gênero, a violência doméstica e suas representações são elementos fundamentais para manutenção de um poder patriarcal em nossa sociedade, esse tipo de violência tanto simbólica como física dilacera a subjetividade dos sujeitos, mas cria em alguns casos disposições para agir contra esse tipo de violência.

O casamento naquele período era para vida toda, não importava as mazelas e as barreiras que ia enfrentar, e o casamento era para toda vida, eles aguentaram muitas situações, que hoje seria chamado de violência doméstica, tipo papai brigar com a mamãe e querer bater, ela pra nos proteger usava uma faca, eram brigas constantes, quando viemos pra cá, ele passou a beber mais.

E ele acabou se envolvendo em um acidente de trânsito, no qual ele não teve culpa, ele foi fazer uma medição de terreno na altura de Manacapuru, quando eles retornaram em uma noite muito chuvosa, tinha um veículo de um japonês que estava ajeitando a roda de carro, naquele período a jipe trafegava com uma roda lateral, tanto é que depois foi proibido, ai essa roda lateral – quando meu pai viu já estava em cima, meu pai tirou, mas quem vinha atrás, eram dois carros não viu - bateu no carro e o japonês acabou morrendo esmagado pelo carro. Ai teria uma apuração, um inquérito e ele acabou assumindo tudo, só pra safar os colegas, ele era a bola da vez.

Ele acabou sendo demitido por justa causa, seus amigos continuaram trabalhando, mas ele foi a bola da vez, foi pego para Cristo, aí começou o nosso martírio, porque começou a faltar comida, eu tinha em torno de oito anos, e já tinha começado a estudar, naquela época não tinha bolsa família, nem o negócio do governo dá o caderno, nem dá uniforme, nós acabamos padecendo muito em relação a isso. Eu cedo mesmo já sentia na pele a miséria, a fome, não tinha recurso mesmo, os irmãos mais velhos ainda estavam em formação, ninguém trabalhava, papai e mamãe sempre procuraram nos preservar de trabalho. E aí tínhamos que tocar o barco conforme a maré vinha, ia aos troncos e barrancos.

Eu falo para alguns alunos meus, que dou aula pela polícia, que hoje a gente tem tudo, na minha época a gente tinha que escrever a lápis no caderno, para no outro ano apagar tudo de novo e aproveitar. A bolsa que a gente levava pro colégio era o saco de pão, era aquela bolsa que a gente levava mesmo para proteger se chovesse, colocar dentro e levar. Hoje os meninos ganham uma bolsa do governo, aquela bolsa bacana né, às vezes até faz mal uso dela, ou nem usam na realidade. Até o jaleco que usávamos na época tinha que ser comprado, mamãe tinha que mandar fazer. Então o custo era muito elevado pra gente, que tinha época que não tínhamos realmente renda e o papai, fazia um bico aqui e outro ali.

Eu tive que começar a trabalhar de dez para os onze anos quando estava na quinta série, como não via outra maneira de ganhar dinheiro, eu ia colher alumínio, saía de quintal em quintal perguntando se alguém tinha fogão velho, ou fio velho, porque eu aproveitava o cobre, isso me dava um dinheirinho né dava a possibilidade de trazer alguma coisa para dentro de casa, fora o que o papai já trazia. Então eu pegava, vendia, até que um dia eu levei para a Empilhatec aqui no bairro, eu ia fazer onze, aí o dono me viu assim e perguntou quantos anos eu tinha e se eu estudava, respondi que tinha a quinta série e ele ficou muito alegre de ver uma criança que tinha estudo, ele era analfabeto. Ele falou que sempre me via por ali, com uma roupa mais humilde, então ele me fez uma proposta de emprego, naquela época não tinha menor aprendiz, então achei aquilo bacana, porque houve a possibilidade de ganhar dinheiro melhor, eu ganhava por semana, eu comecei a trabalhar.

Eu acordava às cinco da manhã, me arrumava, o expediente começava às seis da manhã, a gente tomava café e ia começar a separar os alumínio, as peças, até meio dia quando eu ia para escola, entrava uma hora naquele lugar em que estudava e a noite eu estudava para o outro dia. Quem ajudava muito era minha mãe, ela tinha aqui um apoio, ela era analfabeta e ela procurava ensinar da maneira dela, não tínhamos dinheiro para reforço, às vezes a gente só comia o chibé, só a farinha com água, uma pimentinha e tava feito o almoço.

*Muitas formas de conter a fome à noite, porque muitas vezes não tinha, era sonhar que eu estava dentro de uma padaria, sonhando que tava numa padaria eu comia vários pães lá e então eu ia alimentando minha mente de forma que eu adormecia e no outro dia já estava de pé de novo para tocar o barco pra frente. **Se eu parasse o mundo ia desmoronar na minha cabeça.***

Jessé de Souza, ao considerar as relações familiares de classes populares, que ele divide em duas frações, os batalhadores e a ralé, atribui à família principal instituição constituidora de disposições sociais que servirão para manutenção dos sujeitos em uma fração de classe ou sua mudança para outro extrato social, mudança essa que não ocorre, o autor acaba por trabalhar que determinadas configurações familiares degeneram as disposições dos sujeitos que definem o sucesso ou o fracasso social, o ambiente citado por Sebastião seria

classificado dentro de um modelo degenerativo, acredito que o Souza ignora que o conflito familiar é parte da própria dinâmica familiar, em maior grau ou menor grau, no caso de Sebastião o conflito entre o pai e família se torna o eixo mobilizador para o desenvolvimento profissional de Sebastião, graças à figura materna que constitui a crença no *estudo e no trabalho duro*, que mais tarde em sua fala ira aparecer como, disposição para *disciplina*. O conflito intra-familiar é parte do que lança os sujeitos em trajetórias de vida diferenciadas conforme esse ambiente familiar é rememorado criando o sentido de vida para os sujeitos, também é nessa relação de conflito familiar que constituímos nossas primeiras experiências em torno de estratégias de enfrentamento de conflitos.

No caso de Sebastião esse tipo de *sofrimento familiar* é parte de sua narrativa para apresentar uma trajetória de superação, nesse ponto chegamos ao segundo elemento importante, justamente é esse ambiente familiar que impõe a Sebastião sua “vontade” de construir outro tipo de família afastada desse conflito, para tanto seu ingresso no mundo do trabalho ainda cedo envolve tanto uma imposição social e econômica, quanto à potencialidade de afastamento desse ambiente, sua saída para manutenção de si ao longo de sua juventude, aliada a disposição para *trabalho duro* desenvolvida na relação com sua mãe, nos ajudam a compreender de que forma ele irá ingressar na polícia militar.

Eu aproveitava para fazer amizade, na época que era o primeiro batalhão aqui, tinha várias castanholas na frente e os soldados tinham preguiça de varrer isso, como eu fazia isso, eles chegavam “preto tu quer varrer isso”, depois eles perguntavam se eu queria uma comida melhor e fui fazendo amizade. Com o passar do tempo eu iria la pegar comida, era um dos poucos que ia pegar comida lá e que hoje trabalho ai.

Meu pai ainda continuava na bebida, ele passava o dia inteiro fora quando chegava trazia um peixe já podre e um punhado de farinha, isso já à noite, como ele já estava com muito álcool na cabeça dele, ele mandava minha mãe preparar aquilo, ele comia primeiro e o que sobrava, só as espinhas ou o caldo, ficava para gente. Não tinha muita coisa, era o pirão que a gente fazia com farinha. Eu não o culpo, sabe, eu amo bastante meu pai, mas na época era assim mesmo. Eu ficava muito triste.

Eu tinha na minha mãe todo apoio. Era pessoa que precisava assim para aconselhar, para dar força, para dizer “você consegue, sabe... uma palavra de incentivo do pai não tinha, que fazia muita falta. Porque a maior parte dos tempos ele passava com os amigos, passava na bebedeira, não tinha dinheiro, ele conseguia piorar uma coisa que já estava ruim. Então nossa vida era essa coisa. Quando ele pegava um trabalho mais fixo, as coisas melhoravam um pouco mais, a mamãe podia fazer um rancho para o mês todo, quando faltava minha mãe mandava eu ir para a Panair com a vizinha pegar as encomendas dela, farinha, banana, então eu ia com ela com maior prazer, quando voltava ela dividia conosco porque ela sabia da nossa situação.

Teve um tempo que meu pai voltou a trabalhar no Cacau Pereira e minha mãe de costureira e de lavadeira, isso era que dava para ir aguentando, quando dava

o final de semana a gente pegava umas bermudinhas e ia para fábrica onde meu pai trabalhava, porque se a gente não fosse no sábado ele iria estourar o dinheiro todo. Ai a gente juntava todo mundo para ir pra lá, a gente pegava umas peças de roupa que a mamãe fazia a gente vendia fiado pro pessoal e na outra semana a gente pegava o dinheiro, tanto do papai quanto do pessoal que trabalhava na empresa.

A gente andava uns doze quilômetros de estrada para poder chegar lá, íamos no pé duro mesmo, não tinha ônibus e não tínhamos carro, andávamos o ramal todo. Na travessia tinha vários bois, eu até brincava, a gente passava pelos bois, eu tava de camisa vermelha ele começou a me seguir, eu corri para subir nas arvores, passei mais de uma hora em cima da árvore, eu tive que tirar a camisa até eles saírem. Eu lembro que era bem divertido, tinha uns primos que moravam lá, uns conhecidos, a mamãe vendia as peças de roupa era muito legal.

Na realidade por eu ser o mais jovem, eu sempre participava da vida dela, na batalha mesmo, porque os outros tinham vergonha de vender, outros tinham vergonha de pedir, eles eram mais acanhados.... Eu não metia a cara mesmo, vamos lá e é isso ai. Porque se não for assim ninguém tem nada

As estratégias do dia a dia fazem parte de um planejamento racional da vida cotidiana, nesse sentido a disposição para planejamentos a longo prazo, como de meses ou anos, é parte importante na construção de um ambiente que possa acomodar os sujeitos para construir disposições que lhes permitam equilibrar as disposições para crer e as disposições para agir, as estratégias de compra para o mês e também de apoio mutuo entre a vizinhança de Sebastião em sua juventude, o senso comunitário desenvolvido em sua fala parece ser também o que lhe mobiliza muitas vezes para trabalhar e para viver,

Sebastião possui desde cedo uma disposição para negociação, tendo a fala centro para resolução de problemas, conflitos e situações em que suas condições sociais e econômicas acabam por lhe impor, tanto as *amizades* desenvolvidas com os policiais do *Quartel*, quanto a fato de auxiliar a vizinha nas compras da feira, ou em ajudar a sua mãe a vender as roupas, demonstra a disposição para crer na fala e a disposição para negociar como mecanismo de defesa de uma criança que precisa lidar como situações incertas na vida, a disposição *trabalho duro* em seu caso precisa ser sempre aliada a possibilidade de conversação, tanto que o primeiro trabalho na Empilhatec ele só consegue pelo modo como mesmo criança consegue conversar como o dono do lugar.

No caso dos policiais do *Quartel* podemos observar que é traçada uma relação mais objetiva, através de possibilidade de comida, ao mesmo tempo uma relação menos explícita, visando à construção de laços que possam criar um ambiente de acomodação para si. Isso não é feito de forma consciente, mas é um acontecimento interacional em nível subjetivo, onde

um lugar seguro individual é construído conforme Sebastião se relaciona com a comunidade, um *lugar emocionalmente seguro*.

A gente foi crescendo, aí fui estudar no Tiradentes, na época não tinha muro, tinha muita incidência de galeras no ano de 84, naquela época era um modismo, tinha uns punks, uns cabeludos, era pouco mais tinha, depois surgiu os góticos que ficavam naquela situação, tinha a galera do menudos, várias crenças várias gostos, e para a gente estudar a gente tinha que pagar tudo, o jaleco.

Tinham disciplinas mais duras, hora cívica toda sexta, a gente vivia a beira da ditadura militar, a gente sentia os efeitos, estudei até o sexto anos, depois fui para o Benjamin Constant, depois participei da banda na ETFAM, uma bolsa e fui me empenhando. Não era filho de músico, mas tocava flauta.

A nossa vida na adolescência tinha o estudo, tinha a brincadeira, eu lembro que ao lado do Quartel, tinha as brincadeiras, tinha uma igreja presbiteriana, tinha eu e o padre Hudson⁷, às vezes o pastor não estava, a gente pulava e ficava brincando, depois a gente pulava de volta, coisa de adolescente.

Daí passei o período lá no Benjamin Constant⁸, aos trancos e barrancos, o meu irmão mais velho ajudava, bancava, no sentido de ter uma roupa, ele era coordenador do grupo de jovens da igreja, passamos boa parte na catequese, me lembro que pude fazer duas vezes, uma vez aos nove e outra aos dez, minha mãe e meu pai trabalhavam, meu irmão coordenador dos jovens, fui convidado para coordenar um grupo bíblico composto só por senhoras... nunca tinha aprendido tanta coisa quanto aprendi naquele período.

Era muita troca de experiência de pessoas mais adulta que eu, eu ficava assim poxa quanta riqueza eu tinha aqui, a gente pegava as senhoras no final do mês, íamos fazer o passeio no jardim zoológico, no INPA, e relacionávamos a vida e a bíblia, não adianta só ler a bíblia sem ter uma prática.

Sebastião não têm problemas com a Escola, na verdade a disciplina imposta pela instituição não lhe parece ser pesada, ele aceita tanto no Tiradentes quando na escola Benjamin Constant, por acreditar na necessidade do processo escolar, podemos observar ao descrever os grupos de jovens – *góticos, galerosos, menudos, punks* – ele os descreve com certo afastamento, se incluindo talvez no grupo que não fazia parte desses grupos, podemos afirmar através de sua narrativa que ele pertencia talvez ao grupo jovens religiosos, devido a sua própria narrativa em torno da sua relação com a igreja. É importante ressaltar que essa relação com as galeras em 1984 é de outra forma, tanto que Sebastião sente os efeitos da representação do discurso a respeito das galeras, mas elenca diversos grupos sociais dentro da escola, os punks, os góticos, os cabeludos, os *menudos*, ou seja, grupos relacionados a uma cultura de consumo diferenciada conforme faixa etária e relações possíveis de consumo.

⁷ O Hudson é amigo dele de infância que atualmente é padre na mesma região.

⁸ Escola de ensino médio que se localiza no centro.

A farda, no caso do jaleco, é mecanismo de distinção imposto por uma política educacional baseada no militarismo, acaba que a farda representa nesse caso um dispositivo de poder para designar o sujeito em seu papel social, em uma sociedade em que a escola como instituição pública se institui recentemente, nos últimos 40 anos, no Amazonas a experiência escolar, enquanto instituição de passagem obrigatória para se inserir dentro de uma ordem produtiva, a partir de uma *disciplina* tendo a farda como esse elemento entre aqueles que podem acessar a escola e os que não podem.

A igreja acaba sendo outro espaço de sociabilização onde Sebastião aprimora sua disposição para negociação, à *palavra* é parte importante do próprio desenvolvimento dele, o grupo bíblico, as trocas de experiência que ele indica, acabam sendo mecanismos para reforçar suas disposições para negociação, tendo em vista que também acaba desenvolvido um tipo de “vocação” para o professorado, no sentido de torna-se um articulador de ideias por conta do grupo bíblico com idosos, o que envolve assumir responsabilidades junto à igreja e junto à comunidade, novamente essa relação comunitária reaparecer como uma força discursiva dentro de sua narrativa.

Com 18 tive que ir para as forças armadas, tinha operações boinas, já era os anos 90. Eu queria seguir carreira, porque era uma questão de honra, meu irmão mais velho foi para P.E, meu outro irmão no BIS, então eu queria muito ir. E tipo eu queria ajudar minha mãe, então que fui fazer, no ano que entrei eu fiz a prova e já sai como Cabo, já me destaquei porque eu gostava de estudar, no ano subsequente, engajei como Cabo, na época tive oportunidade de passar quase oito anos ou a dez, se eu chegasse a dez saía como sargento.

Então quando eu passei no ano seguinte tentei a EMBE – Escola de Material Bélico do Exército – entende a parte de engenharia, como um sargento de carreira, aos 19 anos conheci uma menina. Tipo muita coisa por não ter tido uma preparação do pai, tipo olha tu pode usar isso, a gente não tinha essa educação. Conheci essa menina então a gente começou a namorar e ela engravidou, daí trouxe ela para minha casa, só que eu tinha passada na EMBE, aí eu tinha que viajar, em Minas Gerais, aí ela disse aguenta um pouco, já tava ganhando como cabo, bem. Mas se eu viajasse seria um ano e quatro meses, se eu ficasse ia ter que ser dez anos. Daí eu fiquei, e joguei essa chance fora, aí fiquei como Cabo.

Nós moramos juntos, cuidamos do nosso filho, depois veio o segundo filho e o terceiro, mas nesse meio período a gente saía muito, depois que nasceram a gente ficou muito em casa, a gente criou uma rotina em torno daquilo, daí eles foram crescendo, quando mais velho inteirou o dezoito, não deu certo, a gente resolveu se separar. Nós nos separamos e fui morar alugado, nesse período já estava na polícia.

Quando saí do exército, eu entrei na SPP, uma empresa de segurança particular, todo mundo que saiu do exército naquele tempo foi para essa empresa, tava todo mundo na massa mesmo, todo mundo sabendo atirar, desarmar a guarda, então todo mundo queria aquilo. Naquela época era seis serviços e folgava um, hoje em dia é dois por um, às vezes um por um. Como

tava muito sobrecarregado, fiz uma prova para Thompson lá no Distrito no almoxarifado, daí eu pensei que tinha que pensar algo melhor.

Tinha um colega que já tinha passado, eu não queria mesmo seguir essa vida, mas ele foi lá pagou a inscrição, só sei que eu me inscrevi, tinha só três meses para me preparar, aquela questão o estudo é fundamental como falo pro meus alunos. Se você tá preparado a oportunidade vem e você abraça ela, aí gabaritei matemática, português e redação, foi meu forte, eu gosto de redação, passei em 58 da lista, aí fiz o curso e exames, de quatro a seis meses e entrei na polícia até hoje.

Aos 18 anos Sebastião precisa ingressar nas forças armadas, nesse momento ele nos diz que sente muita vontade de entrar, tanto por conta de seus irmãos mais velhos que serviram como também para poder seguir carreira, acaba que têm seus planos de seguir carreira interrompidos por conta do relacionamento desenvolvido durante esse período, nesse momento podemos ver que disposição para crer em um modelo familiar se sobrepõe a sua crença em uma carreira, pois ele abdica do concurso na Escola de Materiais Bélicos do Exército para poder ficar perto de sua companheira e de seus filhos.

Sebastião acaba seguindo uma carreira que o leva para ramo da segurança, indo trabalhar em uma empresa de segurança particular e mais tarde por conta de relações de amizade acaba entrando para a polícia através de um concurso, ele ressalta a questão do preparo, nesse momento de sua narrativa ele evoca seus conhecimentos escolares como sendo importante para poder passar no concurso, o estudo e a disciplina desenvolvida no seio familiar se tornam parte importante para conseguir ter sucesso e passar nesse concurso.

A entrada na polícia não é narrada como sendo algo difícil, na verdade se mostra como um período mais fácil de sua vida, pois devido a suas disposições para a negociação, acaba se envolvendo em projetos sociais desenvolvidos pela própria polícia, projetos como *Formando Cidadão*, *Proej*, entre outros projetos desenvolvidos, o trabalho social aparece como vocação, sendo também um lugar seguro onde pode atuar junto ao senso de comunidade que desenvolveu desde a mais tenra idade, no período em que frequentava a igreja, agora volta ser acionado dentro da instituição policial, apesar dele desenvolver esse senso anteriormente ele procura meios de adequar esse senso a sua profissão.

E como eu tinha um trabalho com jovens da comunidade já, e como meus filhos tavam na adolescência a gente fez uma quadrilha de dança folclórica, aí o comandante ouviu falar do que eu fazia, naquela época tavam fazendo um programa Formando Cidadão, abrindo o Quartel para comunidade, aí eu comecei a levar o projeto em 2006. Aí deu certo, tinha karatê, futsal, basquete, o pessoal da terceira idade, por incrível que pareça era algo que deixava elas vivas, tá fazendo uma caminhada...

Quando o Comandante viu que dava dando muito certo, ele resolveu me propor um desafio de ir lá pro Henrique Oliveira⁹, não tinha nada lá, não tinha policiamento, a viatura passava de seis em seis horas, aí eu fui lá pra boca do lobo, uma ONG, todos os projetos funcionavam dentro do Quartel, mas esse funcionava numa ONG. A Petrobras ajudava a bancar uma parte dos custos, a aceitação do público lá foi bem grande, até os traficantes sabiam que funcionavam lá, eles mandaram alguém para ver o que tava acontecendo, verificar se a gente não tava fazendo nada contra eles, ou se tavamos puxando informação.

Na verdade o que a gente tava querendo era que o jovem voltasse a sonhar de novo, a gente dizia o seguinte “ou você estuda, ou você vai enveredar por esse caminho aqui... ta vendo o traficante ali morreu, o galeroso ali morreu, então você vai por esse caminho? ” A primeira coisa que a gente fez foi um painel chamado a Janela dos Sonhos, foi fantástico, um queria ser engenheiro, outro advogado, foi lindo. Ai quando eles começaram a compartilhar esse sonho, vamos fazer isso dar certo agora.

Uma das premissas do militarismo é a ordem unida, então o que é disciplina? “Disciplina é a capacidade de fazer tudo àquilo que você não quer hoje, para ter tudo que você quer amanhã”. Isso é disciplina.

Hoje você quer cortar seu cabelo? Não... Mas se você for pro mercado de trabalho isso vai te favorecer? Isso não vai te dar um futuro melhor depois? Isso é disciplina. Na Educação, você se comporta? Às vezes tem um andar de maneira errada.. você quer fazer isso? Não... mas isso vai te dar um outro futuro.. isso é disciplina.

E a gente foi levando, formamos várias turmas boas, tem menino hoje que tá na seleção brasileira de handbol, por incrível que pareça. Pai e mãe separados tinha tudo para dar errado, a gente entrou ali, começou a semear essa questão dos sonhos na cabeça e as coisas foram dando certo. Tem menino hoje de São Gabriel da Cachoeira que hoje em dia é cabo.

Quando eu cheguei lá eu sofri assim uma represaria, por parte de alguns, tacavam carne podre, ovo podre, eu pegava e falava “Ta vendo isso aqui pessoal? Isso é só uma mola propulsora para impulsionar a gente para mais sucesso, isso significa dizer que a gente não vai sair daqui. E quanto mais fizerem, mais a gente vai ficar.” E a ONG na época não tinha toda essa estrutura que tinha antes não, era só uma garagem que tinha na frente, então ficava tudo aberto.

É durante esse período que podemos observar que Sebastião elenca a *disciplina* como ponto fundamental em sua visão de mundo e seus sentidos de ação, tanto que na realização de sua vocação para trabalhos sociais ele expressa como esse valor é fundamental para mudança na trajetória de vida dos sujeitos, a negociação e a disciplina acabam sendo valores e conceitos essenciais na vida de Sebastião, tanto em sua profissão como na sua vida cotidiana. A capacidade de poder ter autocontrole, determinação e planejamento para poder alcançar determinados objetivos, seu conceito de disciplina nos revela como encontrou uma acomodação diante de tantos momentos de incerteza em sua infância, tanto pela influência de

⁹ Bairro fictício.

sua mãe, como pelo ideal de família que acabou construindo que se realiza também no senso de comunidade ou no senso comunitário que expressa em sua narrativa.

São esses valores e sentidos que regem as ações de Sebastião em diversos momentos, mesmo em momentos críticos a disposição para crer na *palavra* e a disposição para negociação são partes importantes de sua própria narrativa de si, isto é, da forma como se autorrepresenta em um mundo de incertezas. Em seguida Sebastião narra um acontecimento que marcou sua trajetória de vida que nos revela um quadro social onde regimes de violência atuando mutuamente criam diversas situações onde ele se encontra no centro desse quadro.

Aí no dia 05 de agosto de 2010, como nós dávamos aula de flauta, eu e uma colega, nós levávamos algumas flautas e os meninos não deixavam a gente até a gente pegar o ônibus. Ficava bem na frente do terminal mesmo.

Quando chegamos lá, eles ficavam perguntando sobre a Flauta, nisso a gente entretidos, um garotinho chamado Edison, acho que ele ia fazer uns 12 anos... Foi quando um camarada encostou... encostou uma escopeta na cabeça da criança e foi falando “Não te mexe não, se não o menino aqui vai ser o primeiro”.

Daí eu fui falando “Irmão, fique tranquilo...” comecei a verbalizar com ele, na verdade entendo que ele era mais uma vítima da sociedade, de uma sociedade que a gente precisa mudar do que propriamente um réu ali naquele momento. Então eu entendi ali a agonia dele. Na verdade, tinha feito um assalto em uma fábrica ali no Distrito, tinham acabado de descer, como eu tava fardado e com o rádio aqui [ele aponta para o ombro], o que passou pela cabeça deles foi: “ele vai denunciar a gente”, daí chegaram e abordaram o moleque e chegaram colocando a arma na minha cabeça.

Eu falei “Irmão fique tranquilo, ninguém vai reagir, não faça nada a ninguém, mal a ninguém”, daí eles pediram a arma e o rádio, daí eu falei “pode pegar, ninguém vai fazer nada, eu não vou reagir, tenha certeza disso”, aí quando ele pegou a arma e o rádio ... ele puxou o gatilho, ele trouxe o cão a retaguarda e acionou o gatilho... fez tec era meio dia em ponto, eu senti um gosto de sangue. Quando olhei para o lado, minha colega tava com olho arregalado e assustada... eu pensei é hoje!

Fez tec, daí eu senti aquele gosto de sangue na minha boca, mas não deflagrou a capsula, aí o outro que tava com a Magno 44, foi pela frente, disse “pera aí que vou definir ele agora”. Daí ele veio pela frente e o cara de trás disse “não, o pessoal da ROCAM tá vindo aí, bora sair fora, bora sair fora.” Quando eles saíram fora, eles pegaram o beco, eu liguei para o coronel, eles ficaram tão afim da arma e do rádio, que esqueceram o celular da colega.

Aí eu liguei pro Coronel na hora, falei “Coronel alterou aqui, levaram a arma”. Bixo o Mauazinho foi sitiado, como tínhamos muitos amigos... saiu até no jornal, criticaram muito a gente, tipo porque o policial não reagiu, que tinha que reagir, mas ninguém viu o que tava acontecendo naquela hora, se eu tivesse reagido, podia ter pegado nas crianças ou na colega.

Durante mais ou menos um mês o pessoal trabalhou, até os traficantes estavam com raiva deles, porque tinham levando policia para lá e porque tinha sobrinho de traficante que participava da nossa ONG que tava começando a melhorar em casa e no colégio. Então nós em certo sentido tínhamos uma escolta dos traficantes, porque eles não queriam que fizessem mal pra gente. Resultado, eles

(os traficantes) foram lá, atrás dos dois moleques, prometeram tocar fogo na casa da mãe do cara e na casa da mãe do outro lá, iam tocar o terror, matar todo mundo.

E de repente a arma apareceu, graças a Deus, não demorou mais um tempo apareceu o rádio, mas o cara foi levar lá no DP do São Lazaro, daí ele se apresentou e foi autuado. Daí eu fui lá conversei com ele, falei. “Eu entendo, você são jovens, mas não voltem mais para lá os traficantes estão com muita raiva de vocês, vão querer matar vocês, por favor, não voltem”.

Daí eles choraram até, eles tinham 17 anos os dois, então eu falei “Vocês fizeram a maior burrice da vida de vocês, não eram para ter feito isso, então quando vocês mexem com esse pessoal do tráfico, eles vão atrás de vocês, vocês levaram polícia para lá, olha prenderam até o irmão do Júlio, daí eles não gostaram disso por isso estão atrás de vocês, não voltem para lá”

Resultado, deu três meses eles fugiram da delegacia de menor, nessa época que eles fugiram, um descobriu que o outro tava tendo envolvimento com a namorada dele, ai foi lá e matou, com a mesma Magno 44 que ele apontou na minha cabeça, ai esse ficou naquela de se esconder no mato e ir pra casa dele. Os traficantes pegaram ele e levaram ele para estrada do Marapatá e deram 25 tiros nele. E eles ainda mandaram me avisar, me mandaram o vídeo para mim. Foram 25 tiros na cabeça e no tórax...

Depois dessas mortes eu não me senti bem não, eu me senti bem triste, eu pensei comigo mesmo “Meu Deus me deste o privilégio de viver não deixou aquela munição ir para cabeça e deflagrar, em contrapartida são jovens, inexperientes, vítimas de uma sociedade que a gente ta vendo aí falta ensino bom de qualidade, falta muita coisa.”

A disposição para a negociação de Sebastião é o que proporciona todo o desenrolar desse quadro, é sua tomada de ação, sua posição em um jogo de relações que foi administrada previamente através da palavra que garante que tanto que os traficantes, como a polícia trabalhem para fazer a arma e o rádio aparecer. Sebastião é confrontado diante de regimes na arma, ainda mantém-se se utiliza da palavra para buscar resolver a situação. Ao que tudo indica, pela sua postura diante do evento, pela posição no jogo de relações dos assaltantes que eram jovens, vemos que ele não sofre diretamente com o roubo da arma e do rádio, tendo que responder burocraticamente, mas aciona toda uma rede de relações, tanto policial quanto do tráfico. Ele lamenta o final trágico da história, dos acontecimentos, mesmo após a morte dos assaltantes ele os percebe como sujeitos das circunstâncias, ele os coloca como vítimas.

O contexto, construído por ele, faz com que tanto polícia como o tráfico em sua narrativa trabalhem juntos em torno de um objetivo comum, recuperar a arma e o rádio, Sebastião possui a crença que através do diálogo exista a possibilidade de cessar o conflito, a crença no diálogo e na disciplina como mecanismo de mudança individual, ainda se encontram na forma como ele procurar manter a situação sob controle. Ao buscar conversar com os assaltantes, que cometeram um “erro” tanto com a polícia quanto com o tráfico, na verdade ele aciona sua disposição para a negociação na tentativa de findar e avisar aos

assaltantes dos perigos nos quais *se meteram*. É importante ressaltar o caráter da reação pública do fato de Sebastião não ter reagido no momento do assalto, como se ele tivesse deixado levar suas armas e rádios, ele fala que se sente mal com essa situação, mas que não havia outra saída a não ser dialogar naquela situação, já que a arma estava apontada para sua cabeça e havia o risco de qualquer reação atingi a criança ou sua parceira. Mesmo assim ao sofrer sanções por não ter reagido como esperado, isto é, a partir de um consenso do que seria uma ação policial, ele mantém-se firme em seu posicionamento e na crença do dialogo.

Comecei a trabalhar aqui [Drogaria] na mesma época que aconteceu isso, em 2010, o patrão aí me deu oportunidade, eu tinha uns amigos que me ajudavam, nessa época também eu estava me separando, pensa no inferno astral que tava na minha cabeça... Chegava em casa não via meus filhos, ela já tinha ido embora levou tudo e inclusive os filhos e então eu tava a mil...

Eu passei por tanta coisa, mas eu botava aquilo na cabeça, no exército passei por tanta ralação, tipo se eu passei uma montanha, porque não vou passar uma ladeira, será que não consigo passar por cima disso, uma coisa de cada vez. Vir trabalhar aqui me ajudou, vendo gente o tempo todo.

Eu até conheci uma menina aí, ela mora lá no Japiim, tipo eu peguei o telefone dela e liguei, pensei que não ia dar em nada, mas deu, liguei para ela a gente foi conversando, aos poucos fomos nos conhecendo, hoje estamos namorando juntos, não estamos morando juntos ainda, mas estamos aí. Nunca deixei faltar nada para os meus filhos, minha relação com a ex-mulher depois que passou o divórcio ficou mais tranquila, trabalhar aqui me ajudou muito entende.

Sebastião encerra sua narrativa buscando demonstrar o caráter de superação em sua trajetória, vindo de classe popular, alcançando certa estabilidade financeira, mesmo quando sua vida privada – casamento, filhos, cônjuge – encontra-se de certo modo instável, ele busca afirmar que suas experiências no exército foram desafios maiores a serem enfrentados. Ele fala de um *inferno astral* pelo que estava passando, mas mesmo assim acredita que irá superar. Ao narrar sua chegada ao lugar de trabalho, como segurança particular na Drogaria, o faz de maneira a elencar o caráter positivo do lugar, que de certo modo ajudou a equilibrar a instabilidade da vida privada e do trabalho, ele narra sua experiência de trabalho como sendo algo tranquilo.

Sua narrativa é composta de detalhes importantes que revelam uma trajetória de vida de um jovem de classe popular que, com vínculos forte em torno das comunidades e locais de trabalho a qual fez parte, boa parte da construção desses vínculos podem ser observados a partir de sua relação com a ordem produtiva criando disposições de crença em torno do trabalho e da comunidade. Começando a trabalhar ainda cedo tendo que conciliar os estudos e uma vida de conflitos em casa, lidar com a fome cotidiana em um período em que não onde acesso a seguridades sociais eram privilégios sua visão de mundo envolve o que ele chama de

disciplina, construindo teorias a cerca da possibilidade de ascensão social através da disciplina, através dele podemos sentir o discurso oficial da instituição policial que o atravessa, buscando eximir o caráter violento dessa instituição através de suas disposições para agir na comunidade.

Ele finaliza respondendo questões a cerca do lugar e sobre o que seria a violência:

Aqui não é uma área vermelha, é tranquilo trabalhar aqui, quase não tem nenhuma alteração, a gente conhece quase todo mundo da rua, sempre conversa e troca ideia com o pessoal.

Acredito que a violência tem haver com a falta de amor no coração das pessoas, tem haver com a falta de respeito pelo ser humano, porque se você tem isso você não vai ser violento, também o lance de bebida, como eu tive um pai assim, eu penso nisso saca as pessoas tinham que se tocar disso que a bebida é legal, mas a pessoa abusa e começa ser violento. Acredito que só educação, uma sociedade mais justa para reduzir a violência, não tem jeito, porque tem o tráfico de um lado dando oportunidade, tem o pessoal que consome as drogas que financia, tem um sistema prisional falido, não tem como melhor assim. Tem que ter uma educação, um governo que invista nisso.

Seus sentidos de violência transpassam de certo modo a questão do respeito e do amor como sendo valores que interferem ou que devido a falta desses valores a violência emerge como um fenômeno comportamental, catalisado pelo uso externo, que é representado pela bebida, sua experiência pregressa com um pai alcoolista nos ajuda a entender como a bebida se torna um ponto importante a ser controlado, mas ele também analisa a violência de modo estrutural, elencando o tráfico de um lado, o consumo das drogas de outro e um sistema penitenciário falido como elementos constituintes de violência.

Sua representação de violência recai no que seria caracterizado como violência urbana, com uma diferença que e através de um processo educacional que haveria uma saída para essa violência, apesar de não entrar em detalhes de como seria essa educação, ele acredita que em uma política educacional como mecanismo de transformação desse quadro de violência.

3.3. Falcão

Falcão é um dos seguranças mais antigos na Drogaria, ele é o mesmo segurança que aborda os jovens atrás de papagaio, ele é deve ter um pouco mais de 40 anos, fizemos a entrevista durante o horário de trabalho dele, na rua e durante o dia, no período ele me conta que houve um arrastão em Adrianópolis e o patrão estava muito nervoso com aquela situação, mas que mesmo assim toparia conversar porque entendia a importância de trabalhos como esses que estava realizando. Não fica claro se ele conversou com Sebastião sobre a entrevista, mas ele sabia que eu era um pesquisador que há meses estava naquela região.

Durante a entrevista há diversas interrupções, mas isso não atrapalha a narrativa de Falcão, ele pede para ter seu nome modificado e prefere focar mais em seu trabalho como policial do que assuntos relacionados à sua vida pregressa, falando pouco sobre a sua vida particular. A conversa transcorre sem problemas, ele é objetivo e procura ser prático na descrição de sua trajetória, prefere muitas vezes que eu pergunte sobre determinado assunto, também se coloca a disposição para outras entrevistas depois.

Eu prefiro que meu nome não apareça, pode usar outro nome mesmo, eu nasci aqui no bairro mesmo, em 71, eu tive uma infância tranquila, naquela época tinha muita brincadeira nas ruas, então cresci numa boa, minha mãe era professora de ensino médio então tínhamos uma estabilidade boa, éramos cinco irmãos, eu era do meio. Eu fui para escola particular aqui no bairro mesmo, naquela época era um pouco mais caro, mas acabou me ajudando um pouco. Eu não precisei trabalhar muito cedo, mas também não éramos ricos, dava para estudar, eu estudei no Tiradentes, naquela época era tipo uma escola militar, tinha hora cívica e tudo mais...

Falcão fala pouco da infância, fala sobre brincadeiras de rua, mas acima de tudo fala de como sua mãe que era professora lhe ajudou muito, inclusive construindo certa estabilidade econômica que lhe permite estudar em uma escola particular desde cedo, algo que ele reconhece que lhe ajudou, podemos inferir que se trata disso lhe ajudou a fazer o concurso para a polícia militar. Conta que não precisou trabalhar cedo, uma vantagem durante seu período escolar, já que o trabalho infantil era parte da vida de outros colegas, ele fala a respeito da escola de ensino médio que frequentou o Tiradentes, fala a respeito da hora cívica e de ser uma escola militar.

Eu entrei para a polícia em 1991, bem novo mesmo, mas antes disso eu aprontei algumas...

Na verdade, quando eu era criança aconteceu uma coisa que me deixou muito marcado, um policial aqui do bairro teve a casa roubada, o cara levou bastante dinheiro parece, o policial achou o cara, trouxe ele ali pra baixo e degolou o cara na frente de todo mundo, isso foi algo que me meteu muito medo, tipo o caso foi abafado, não saiu em canto nenhum, mas me lembro muito disso, lembro que isso me atormentou por muitos anos. Então tinha medo de ficar até

tarde na rua, naquela época era a época dos militares, então não tinha isso de crime, as pessoas respeitavam os policiais, a bandidagem respeitava a polícia...

Mas mesmo assim eu acabei me envolvendo em brigas de rua. Nos anos oitenta tinha já as galeras, mas ninguém se matava não, as brigas eram de mãos nuas, sem armas, no máximo usava um cinto que tinha na farda do colégio para amarrar na mão e ir para porrada.

Eu lembro que me pegaram de jeito, ali atrás da São Pedro, me bateram muito eu fiquei um tempo arriado, mas prometi que ia pegar um por um, foi isso que eu fiz, depois que melhorei sai na caça, fui pegando um por um... Quando foi no último eu fui pego, faltando só um para acertar as contas a polícia me pegou eu era de menor fiquei um tempo detido, na época o centro de detenção de menores ficava ali na Torquato, fiquei uns três meses lá. Acho que foi esse tempo que fiquei lá que me deu vontade de entrar pra polícia sabe, depois que sai fui pro exército, fiquei até os vinte anos quando rolou a oportunidade de fazer um concurso e entrei para polícia militar.

É importante notar que para Falcão, o medo de andar na rua se correlacione logo em seguida com a questão da ditadura militar, que ele vê como aspecto positivo, mas também com sensação de que a polícia poderia fazer qualquer coisa com quem estivesse na rua, apesar desse medo mais tarde ele iria incorporar modos de agir na rua, onde o conflito e a briga seriam parte de sua sociabilidade enquanto jovem, enquanto adulto acredita que fazer qualquer coisa com quem estiver na rua – suspeito, o criminoso – seja necessário. O que temos em Falcão é a disposição incorporada para agir nas ruas, conforme um tipo de sociabilidade comum na juventude de sua época, sua relação com as galeras parece ser de negação, mas ele indica que já existiam nesse período, tanto que ele apresenta as regras do não uso das armas para resolução do conflito.

Temos um quadro explícito sobre a rua na visão de Falcão, sendo a rua como palco “natural” de violência física, onde regimes de violência centrados na mão e na arma parecem compor um quadro sociológico muito pertinente, tanto os conflitos no qual ele é envolvido – como um agente da violência – seguem um conjunto de práticas e normas estabelecidas, mas que ao que tudo indica Falcão rompe essas normas, pois acaba entrando em conflito com a lei ainda jovem, sendo levado para um centro de detenção.

Falcão não nos dá muitos detalhes a respeito de sua vontade de entrar na polícia após ter passado pelo conflito com a justiça e com sua detenção ainda na juventude, também não revela para gente o grau de violência que sua “caça” resultou, mas podemos compreender quer a sua relação dentro de centro de detenção e logo em seguida com o exército que acabou por incorporar boa parte de comportamentos e disposições em torno da disciplina e do militarismo como ideal de possíveis transformações no mundo, do mesmo modo que o Sebastião. A diferença que essas disposições para crer se acomodaram na subjetividade de ambos de modo

diferentes construindo disposições para agir diferenciadas sob o mesmo ideal. A construção em torno do militarismo como sendo um ideal positivado, que visa proteger a sociedade de fatores externos, pode ser traçada ao longo da consolidação dos Estados modernos, no entanto, no caso do Brasil de sua polícia militarizada é instituída desde o início do século XX tendo como objetivo ação ostensiva e de repressão ao que é considerado crime, o militarismo acaba sendo mecanismo de distinção social entre o civil e militar, visando imbuir o soldado policial ou o policial soldado de uma acepção em relação ao resto da sociedade ao mesmo tempo que constrói hierarquias rígidas que visam manter e controlar a mobilidade social dentro de sua estrutura, nesse sentido ambos interlocutores (Falcão e Sebastião) compartilham de um sentimento em torno da disciplina militar, apreendido anteriormente, mas que acaba se atualizando na polícia, que compreende o crime através de uma guerra e compreende sua ação como necessária para contenção desse crime, ocorre que para Sebastião essa guerra precisa ser travada através da palavra, enquanto que para Falcão essa guerra só pode ser alcançada através da arma.

A entrada de Falcão para a polícia demarca sua trajetória de vida, sua disposição para agir violentamente se perpétua mesmo com estrutura disciplinar da polícia, sua relação com signo de policial perpassa um sentimento saudosista de um passado onde a polícia era mais respeitada, talvez tendo absorvido memórias e experiências de policiais que já se encontravam na instituição antes dele. É importante ressaltar que uma disposição para agir violentamente acaba entrando em conflito como uma disposição para agir disciplinadamente, apesar de ambas se relacionarem com autocontrole, mais intensamente ou menos intensamente.

Na época que entrei as coisas já eram precárias, mas não era como hoje, o soldado não tem promoção, na época que entrei tinha refeitório você escolhia se comia no Quartel ou se almoçava, dava para comer, mas hoje em dia tá uma miséria, esse governo acabou com a gente, a corrupção sabe, o próprio governo negociando direto com as facções, isso acaba deixando a polícia do jeito que está, esse governo dos trabalhadores é o governo dos empresários.

Então quando fui recruta tive que aprender como as coisas funcionavam, é aí que a pessoa escolhe se quer fazer pelo certo ou fazer pelo errado, o policial escolhe nesse momento com quem quer se relacionar. Fazer pelo certo é fazer as ocorrências padrão, sem desvio e sem negociação com a bandidagem. Mas aí você escolhe como vai fazer seu trabalho, só sei que na época que entrei era melhor, tive a sorte de aprender com policiais mais antigos como fazer as coisas, tipo um meio termo, porque quando você começa a trabalhar na rua você entende que tem uma diferença entre teoria e prática, a prática é mais importante, porque no final do dia você quer voltar pra casa.

Já matei bandido, isso acontece, toda vez que tu mata tem que passar por uma consulta psicológica, no fundo você não quer fazer isso, mas vai dar chance de

morrer? Muitas vezes por causa de uma dúvida, um momento que seja você vai pro caixão e já era. Com o tempo você vai aprendendo identificar quem é suspeito e quem não é, tipo tem um jeito de andar, tem um jeito de se comportar, você sabe que tá numa área vermelha então fica mais atento. Isso deixa qualquer um em estado de alerta, por isso rola muito estresse, por isso rola as merdas, no fundo a polícia não tinha que matar, era para ter estrutura para poder parar o cara sem precisar, mas tu sai não tem colete, a viatura daquele jeito, acaba vai ter gente morrendo.

O *fazer pelo certo* ou o *fazer pelo errado*, é importante que as condições apresentadas em sua entrada na Polícia, nos revelam a importância de saber como e com quem se deve relacionar. Novamente o saber fazer é tão importante como próprio fazer, isso envolve tomar consciência de como os outros sujeitos dentro do ofício estão agindo, saber como dança a música do dia a dia dentro do trabalho, nesse fazer pelo certo ele classifica como sendo executar as ocorrências padrão, isso quer dizer sem desvio ou sem jeitinho, mas também nos indica que não é possível fazer sempre pelo certo e nem sempre pelo errado, já que ele mesmo fala de um meio termo onde existe uma diferença importante entre o que ele chama de teoria e prática, precisamos entender que ao expressar isso ele nos indica que: 1) existe um discurso expresso publicamente que seria um tipo ideal de ação policial, não necessariamente nos termo weberiano, mas existe esse modelo ideal, afirmado e desenvolvido pela instituição policial, esse discurso teórico envolve “aquilo que deveria ser” ou “aquilo que poderia ser”, que se apresenta em torno do que institucionalmente se espera do policial, a ocorrência padrão; 2) existe outro discurso expresso particularmente sujeitado a razões de prática do cotidiano, que envolve a “representação do que é”, falo em representação, pois nesse sentido mesmo aquilo que é, só o é em perspectiva de ação do sujeito, assim múltiplas representações “do que é” estão sempre em disputas. Ocorre que os primeiro e segundo pontos estão em disputas e são incorporados na ação dos policiais, nesses dois casos são incorporadas em disposições para agir através da fala – no caso do Sebastião – e nas disposições para agir pela arma – no caso de Falcão – de todo modo nosso interlocutor nos apresenta uma teoria explicativa que nos ajuda entender de que forma esses discursos são incorporados e produzem disposições tão distintas.

*Pelo que eu lembro eu sempre trabalhei como segurança desde que entrei para a polícia, antes não era regulamentado, mas desde 2015 passou a ser, **antes o bandido respeitava o policial**, hoje em dia os cara entram para ganhar ou perder, para matar mesmo, então tá cada vez mais difícil trabalhar, morreu um segurança agora em dezembro e teve também aquele assalto na Djalma Batista ano passado, daí tu tira. Aquele assalto do micro ônibus, mas o que mais tem é esse tipo de assalto, então isso é porque o governo recebe dinheiro para fazer as coisas e não investe, é simples assim.*

Eu comecei a trabalhar aqui desde o começo em 2001, na época o Patrão sofreu uns cinco assalto em três meses de atividade, foi quando ele me contratou e os

outros seguranças também, foi aí que as coisas se acalmaram mais, porque os cara viram o que aconteceu. Então eu tive que trabalhar como segurança principalmente porque acabei sendo afastado por uma bronca aí que rolou, aí quando tu tá afastado tu só recebe o salário base mesmo, ou então quando tá com processo administrativo tu fica meio parado.

Então eu comecei a trabalhar, em mercadinhos mesmo, lanchonete, tipo era um terceiro turno, para poder viver com o mínimo de conforto, o mínimo de condição de vida.

***Trabalhar aqui é tranquilo**, depois desses assaltos nunca mais teve isso por aqui, não tem o tráfico, nas áreas vermelhas que o bicho pega, aqui mesmo é tranquilo, a gente tem que ficar atento a quem anda de moto sem camisa, tipo ontem mesmo um velho acabou levando os produtos, eu não tava de serviço o velho levou na calça deles os produtos, aí tem câmara, tem os atendentes e ninguém viu o velho saindo com os produtos, depois que foram ver.*

Eu tava aqui em 2012 quando rolou o assalto aqui eu tava por aqui, rolou uma troca de tiro sim, mas os caras não saíram do bairro pegamos eles ali no João Paulo, eles tavam cheirados, meteram uns três assaltos ali na Boulevard e depois vieram aqui, fizeram isso mas só deu pro deles. A gente pegou eles muito rápido, nem deu tempo deles saírem.

A fala de Falcão o coloca em uma situação de guerra, ele se considera um guerreiro desse modo, já que não a mais *respeito pela polícia* acredita que seja necessário fazer o que for preciso para manter-se vivo, essa disposição para crer nessa guerra é consequente de um regime de violência centrado na *arma*, já que nesse regime de violência o extermínio do outro ou a vida em si se torna algo que pode ser findado em qualquer conflito, como ele mesmo coloca *às vezes por causa de uma dúvida, um momento que seja, você vai pro caixão (...)*, o medo e o respeito são valores que caminham lado a lado para definir quem age primeiro e porque age, individualmente Falcão pode ser somente um segurança, ocorre que os regimes de violência centrados na arma que pudemos observar acabam produzindo maneiras de agir onde os sujeitos *entram para ganhar ou perder*, isto é, sem meio termo, a guerra se torna cotidiano, é a partir desse cotidiano que se calcula seus passos.

Falcão é um homem cujo sua trajetória de vida nos apresenta dois momentos importantes, em sua juventude uma relação ambivalente de medo com a rua, ao mesmo tempo em que lhe permite agir dentro do regime de violência em que se resolvia as coisas *na mão*, tendo inclusive buscando um acerto de contas com outras pessoas por conta de uma briga que o deixou acamado e arriado como ele mesmo diz. O segundo momento é quando ele entra para exército e depois para a polícia, quando passa incorporar outra forma de enfrentamento ao conflito, com posições severas em torno da sua própria ação policial. Falcão introjeta o discurso da guerra ao crime, como sendo única via de ação para reduzi-la a violência.

Violência para mim é corrupção, quando desvia o dinheiro que ia para a merenda, por exemplo, quando tu ver os políticos mesmo negociando com o

bandido, isso é violência, violência é a pessoa ter tanto dinheiro enquanto outra ta morrendo de fome. Para mim, pra parar com isso só se parasse com toda droga, até a cerveja e a bebida, porque a maioria das ocorrências que a gente faz de homicídio assim quando não é tráfico é por causa de bebida, os caras bebem começam a brigar, o cara bebe e vai bater na esposa e nos filhos, esse lance da bebida também tinha que ser proibido, tolerância zero mesmo.

Um colégio militarizado também, com hora cívica, com ordem unida, essas coisas, porque assim a criança vai aprendendo, e tinha que matar corrupto, não tem história não, foi pego desviando tinha que ser pena de morte que nem na China os cara metem logo o tiro na cabeça. Melhorar a estrutura também da polícia, hoje a gente não tem nem colete direito, armas também melhores, um treinamento tático melhor, porque os policiais querem fazer as coisas, a chega na policia civil é maior onda, ai vai da um tempo que tem dinheiro o judiciário solta e fica desse jeito essa sensação de impunidade.

As explicações do que seria a violência para Falcão se acomodam em enunciados como a corrupção, poderiam ser traduzidos como um processo de deterioração da credibilidade em torno das instituições públicas, na figura do governante, uma crítica em todo caso a própria concepção de Estado, mas não uma crítica que envolve uma reflexão de vias emancipatórias, mas através de um recrudescimento conversador, tendo como base uma disciplina militar e o extermínio do corrupto. Em sua fala estão incorporados os discursos de guerra às drogas – *só se parasse com toda droga* – que fundamente boa parte da ação policial na contemporaneidade, o discurso do militarismo como vias de salvação – *colégio militarizado [...] porque assim a criança já vai aprendendo* – e finalmente o extermínio a impunidade – *através da pena de morte*. Esses discursos que perpassam suas crenças envolvem formas de agir para que de mude o quadro, tendo a policia como o centro de uma reforma, melhorando os aparatos técnicos tanto materiais como humanos, que permita que os policiais que *querem fazer as coisas* possam intervir sem outras instâncias lhe impedindo.

3. 4. A disposição para negociar e para agir violentamente.

Ao longo dos capítulos anteriores quando comecei a desenhar o conceito em torno de regimes de violência procurei através de quadros sociológicos, essencialmente apresentados através das narrativas de meus interlocutores, demonstrar de que forma esses regimes de violência tendem a atravessar a vida cotidiana. Através dos quadros apresentados puderam-se observar a existência de conjuntos de práticas perpassam os sujeitos e são incorporadas dentro de um processo moral de normatização, tanto em formas para crer, como formas para agir tendo como agência da violência ponto central de intersecção, que chamo de regimes de violência.

Os regimes de violência são os conjuntos de práticas sociais interdependentes referentes ao modo de agir e crer incorporados em torno de conflitos, agressões, imposições violentas, que constroem hierarquias e distinções sociais no dia a dia, que tendem a se alterar ou se consolidar conforme os indivíduos interagem, no tempo e no lugar. Nesse sentido para compreensão analítica, tendo como base a própria experiência dos indivíduos com a violência, emergem dessas práticas pelo menos três tipos de regimes de violência diferentes, regimes de violência na palavra, na mão e na arma.

Isso complexifica nossa experiência sociológica, pois demonstra que esses regimes estão dispostos de maneira dinâmica buscando formas de se afirmar e negar suas disposições, ou mesmo reforçando-se mutuamente em maneiras de agir correlatas. Em nossa trajetória analítica partimos de quadros de interdependência de sujeitos, para finalmente nesse capítulo, partir para análise de casos para dessa forma compreendemos como as pessoas são atravessadas pela violência – na forma desses regimes – de diferentes formas. Em outras palavras:

O mundo social está em nós tanto quanto está fora de nós. Na origem tanto das nossas tristezas como das nossas alegrias, individuais e coletivas, ele diferenciou-se e complexificou-se a ponto de produzir o sentimento que o íntimo, o singular, o pessoal, se distinguiria, por natureza, da sociedade (como dois objetos claramente distintos) e chegaria mesmo a opor-se a ela. [...] O indivíduo, o foro interior, ou a subjetividade como lugar da nossa última liberdade é um dos nossos grandes mitos contemporâneos. Podemos gostar de participar nos mitos ou tentar desfazermos-nos deles. (LAHIRE, 2005, p.36)

Os quadros sociológicos individuais nos auxiliam a entender, de que forma a vida dos sujeitos foram afetadas pela força desses regimes de violência, para tanto apresentar a história de vida dos sujeitos envolveu correr riscos de ordem metodológica, mas riscos necessários ao se buscar se utilizar de instrumentos como a história oral, que nos permite

acessar não uma história de quadros gerais somente, mas também acessar as histórias em escalas individuais que nos ajudam a compreender os efeitos de realidades *indescritíveis*, como propõe Meihy (2006).

Assim, temos Sebastião e Falcão, dois policiais militares que trabalham como seguranças, ambos tem origem de classe popular, ambos frequentaram o mesmo colégio de ensino médio em o mesmo período, ambos passaram pelo exército, suas diferenças encontram-se na trajetória individual de cada um, mas que nos revelam como os regimes de violências transpassaram de modo diferenciado suas vidas, ambos incorporaram maneiras de agir diferenciadas diante da violência. Enquanto Sebastião se utiliza da “conversa” para buscar resolver conflitos e situações de violência *na palavra*, Falcão busca essa resolução do que ele considera crime e violência *na arma*. Temos duas formas tipológicas em disputa dentro de um agir policial, que não são formas produzidas através das diretrizes estatais e institucionais, não são consequentes de uma socialização militar (nem do exército e nem da polícia), mas decorrem de processos de sociabilização anteriores à profissão, que acabam se atualizando no campo profissional de cada um.

Em primeiro momento, através de Sebastião, vemos a disposição para negociar – onde a conversa, a escuta e os diálogos se tornam parte central do seu agir policial – poderíamos dizer que Sebastião seria o arquétipo do policial comunitário. Seu senso comunitário, no entanto, foi produzido anteriormente, quando frequentava a igreja e se relacionava como seus vizinhos. Criou dessa forma diversos lugares emocionalmente seguros para poder construir uma disposição para crer *na palavra* e uma disposição para agir negociando. Ao longo de sua vida, ele construiu “respeito” conforme articulava-se em suas redes de relação, cultivando dessa forma habilidades de escuta e conversa que mais tarde seriam aproveitados em trabalhos comunitários empreendidos pela própria polícia. Esse senso comunitário ou essa vocação comunitária é parte de sua própria personalidade, exercendo assim a resolução de conflitos interpessoais como um jogo de relações onde o poder da sua fala se torna central, tanto para seu trabalho – como instrutor ou orientador – quanto para sua vida privada – na construção de relacionamentos.

Com Falcão, em segundo momento, podemos observar sua disposição para agir violentamente, que em primeiro momento pode parecer impulsiva e antiordem, mas que se institui como um modo de fazer que se acomode dentro do policiamento ostensivo e repressivo. Cabe ressaltar que apesar de encontrar na polícia um contexto para atualização

dessa disposição, ele a incorpora anteriormente, na adolescência, durante seu tempo de rua, dentro de um regime de violência centrado *na mão* – como vimos, por exemplo, no caso de seu “acerto de contas”. No entanto, essa disposição para agir violentamente passa a ser centrada *na arma*, podendo acabar gerando *brincas* sérias ao longo de sua carreira policial, mesmo que “extrapole” ou entre em conflito com os códigos, ordens e rituais do Estado.

O *respeito* entra como valor central na narrativa de ambos. Ao significar a violência, Sebastião fala sobre “*a falta de respeito pelo humano*” no sentido de “falta de amor no coração”. Respeito é, portanto, amor ao outro – conceito que provavelmente se relaciona com sua formação católica, sua atuação no grupo bíblico e senso comunitário desenvolvido desde a infância. Esse senso comunitário é parte uma disposição para crer no **amor ao próximo** como elemento que impediria a emergência da violência no cotidiano. Podemos compreender que quando está na função de instrutor e orientador em projetos sociais desenvolvidos pela Polícia Militar, acaba por reforçar essa disposição para crer no **amor e no respeito**, assim reforçando a sua disposição para negociação. E construindo uma autorrepresentação fortificada sobre si como policial e sobre a instituição policial enquanto aparelho pedagógico.

Para Falcão, o *respeito* aparece quando relata a “*falta de respeito*” que a *bandidagem* tem pela polícia. Sua preocupação se ancora em uma posição de autorrepresentação enfraquecida da policial, enquanto instituição capaz de conter o avanço do crime, onde em um passado falseado detinha valores que proporcionavam respeito à função de policial e a própria instituição. Nesse sentido, **respeito e medo** se confundem na narrativa de Falcão, essa associação pode ser encontrada desde a narrativa onde um policial degolou uma pessoa na rua de sua casa, transpassando o risco de ser morto na função de policial.

Nos dois casos, nas duas falas, apesar de ter sentidos muito diferentes, o respeito aparece como um grau de medição das ações quer sejam reconhecida como ações violentas ou não, acaba que esse enunciado aciona conjuntos de sentidos, noras e crenças que justifica a ação dos sujeitos. A violência encontra-se em um campo semântico medido pelo *respeito* enquanto uma moeda simbólica que media as relações dentro de regimes de violência. Em um quadro sociológico um indivíduo pode ser *respeitado* por suas disposições para agir mais fortemente do que por suas disposições para crer, enquanto que em outras situações a disposição para crer se sobressai em relação a disposições para agir, e ainda pode haver situações que ambas precisam ser equilibradas para que esse valor – *respeito* – se torne efetivo no jogo de relações.

3.5. Dona Teresinha

Realizei três entrevistas como Dona Teresinha, ela é uma senhora de pouco mais de 75 anos, ela vive em uma casa bem grande de dois andares, junto com sua filha mais velha e seu genro, nossas entrevistas ocorreram pela parte da tarde, antes do início de suas novelas da qual não perde um capítulo se quer, ela gosta de ver televisão e de conversar bastante. Cheguei até ela através de conversas com outros moradores, ela acaba sendo uma das primeiras moradoras da rua e a fundadora do que seria considerada a *Feirinha*. Ao narrar sua trajetória de vida, notamos em que em diversos momentos ela sente-se cansada e muitas vezes sente uma tristeza em relação a alguns assuntos, mas ela se mostrou extremamente interessada em poder contar sua história. Ela é uma moradora na rua da frente, entre a rua e sua casa existe um grande quintal, com diversas árvores – como abacateiros, jambeiros – que deixam o lugar fresco e com sombras.

Em 1940, de acordo com André Araujo (1970), a cidade de Manaus contava com outro aspecto durante esse período, que envolveria uma constituição de uma relação de compadrio e vizinhança, principalmente nas classes populares, impulsionado também por um viés extremamente etnocêntrico e sua representação de progresso, no sentido cosmopolita, as interpretações sobre a cidade que perpassam os autores amazonenses do período, tendem a negativizar as regiões mais populares da cidade já nesse período. De acordo com Maria Luiza Ugarte Pinheiro (1999), a representação a cerca de Manaus envolvia a imagem metropolitana, de uma cidade com aparatos tecnológicos e arquitetura moderna no meio da Selva.

É nesse contexto sócio histórico em que Dona Teresinha nasce, uma cidade como limites periféricos bem estabelecidos, onde o centro da cidade se torna espaço para aqueles que possuem status político e poder econômico. Ela nasce em um bairro de classe popular, predominantemente operário, que mistura uma cidade em vias de se “modernizar” com práticas e experiências de uma vida ribeirinha.

Nasci em 10 de outubro de 1940, no bairro do Educandos¹⁰. Em frente a uma serraria que se chamava “Serraria Pereira”, vivi lá até a idade de cinco anos, quando minha mãe morreu e minha tia me levou ao interior, fui parar no rio Arari, aonde eu fui criada de casa em casa...

Eu era muito pequena, quando deixei Manaus, mas lembro do Educandos, que era muita gente, sempre tinha alguém trabalhando e levando as coisas, caixas, a

10 O bairro do Educandos é uma região portuária, que se desenvolve ao redor de Fábricas e Galpões de Estivas de produtos alimentícios.

serraria onde eu nasci, vivia cheia de madeiras, ao ar livre, quando chovia ficava aquele cheiro de madeira molhada, sabe, é um cheiro específico. Eu morava o que chamavam de cortiço, minha mãe morreu muito cedo, não tínhamos muito, vivi lá até a idade e cinco anos, quando minha mãe morreu e minha tia me levou ao interior.

Lembro que em frente à serraria onde eu nasci, eles traziam aquelas toras de madeira pelo rio numa jangada, eu lembro vagamente do barulho da serra cortando aquelas toras. O meu pai era capataz da serraria. Eu morava naquelas casas que chamam de palafitas hoje em dia, o telhado de palha, assoalho de madeira, era alta, a gente aumentava conforme a cheia e a seca. Era na beira¹¹ mesmo, morava todo tipo de gente, trabalhadores, bebums, dona de casa, as pessoas viviam bem naquela época, não havia muito carro, as pessoas que tinham dinheiro pegavam jipe, que nem se pega taxi agora, eu era bem nova, acho que vive até os cinco anos lá, quando me mandaram pro interior.

Ela morreu de parto, ela não conseguiu ter o bebê, naquela época não se tinha condição de ir para hospital, então tinham as parteiras, lembro que nesse dia se reuniu várias parteiras, era um montueiro de gente em frente de casa, todos estavam preocupados, quando minha mãe faleceu foi muita tristeza. A minha tia acabou, me mandando pro interior, para casa de outras pessoas.

Tinha uns carros pretos, a gente já sabia que era gente do governo, que ia ali na beira comprar alguma coisa, a gente que não tinha nada, que tinha que trabalhar muito para ter pouco, ninguém tinha carro, no máximo carroça para levar as coisas e só algumas pessoas. Quem sabia fazia canoa, mas tinha também os barcos grandes feitos de madeira, que servia para levar e trazer as pessoas. Naquela época não tinha muito carro não, mas já tinha, não tinha ônibus para aquela parte da cidade, o lugar mais longe era o São Francisco. Eu lembro que fui embora da cidade num barco desses, que chamam hoje de recreio, eu lembro que chorava muito, porque tinha acabado de perder minha mãe.¹²

Eu fiquei até os oito anos, quando me devolveram. Isso aconteceu depois que me queimei com café quente, fui fazer o café e a vasilha era uma lata de óleo que era quadrada, hoje em dia é de plástico né, mas antigamente vinha em lata, ai quebrou aquela veia e caiu em cima de mim, fiquei com esse meu lado todinho queimado¹³... Eu era uma criança muito travessa, rebelde, não levava recado para casa, desde criança eu respondia... aí me deram para outra casa.

Nessa outra casa, a dona da casa eu chamava de Moça e o marido se chamava Domingos. Nessa casa tinha uma bolsa feita de borracha tirada da seringa, que eles botavam tabaco dentro, eu fiquei mordendo borracha porque era gostoso, eu tinha nove anos, também não me quiseram nessa casa por causa disso. Me

¹¹ A beira representa a margem, a parte da cidade que fica virada para o rio, até os dias de hoje diversas palafitas no Educandos podem ser avistadas próximas ao rio, casas de alvenaria ficam mais nas encostas de barranco nas partes mais altas. Durante o tempo da cheia se aumenta os assoalhos de palafita conforme o nível do rio, no período de seca se improvisa escadas e caminhos feitas com ripas de madeira, em regiões como no São Raimundo, Educandos, Mauazinho, Colônia Antonio Aleixo, ainda podem ser avistados esse tipo de construção.

¹² Logo em seguida Dona Teresinha retoma sua fala a respeito de sua história de vida no interior do Estado do Amazonas

¹³ Ela indica o lado esquerdo do corpo, essas latas de óleo de cozinha eram comuns até meados dos anos noventa, o veio que ela fala era uma haste improvisada para segurar a lata de óleo, o café era aquecido nesse tipo de recipiente.

mandaram para a casa de uma tia chamada Delcídia, ela tinha dez filhos, eram meus primos.

Eu ainda lembro eu tinha cinco irmãs. A mais velha tinha 14 anos, essa minha tia deu ela para um cara, para ela morar com ele, ali depois de Itacoatiara, num lugar chamado Costa do Surubim. Eu me lembro como um sonho, ela era bonita, ela era branca, de lá até hoje eu não sei notícia dela. Eu tinha três tias, a mais velha era a Delcídia, depois a Julieta e a Ambrosina, minha mãe se chamava Maria Florismina. Tinha dois tios, um chama Gerônimo e o José, ela me deu para a casa desse José, ele era o cão chupando mariola!

Quando ele bebia ele batia em todo mundo, ele pisou em cima do meu peito com essas botas de borracha, não em mim, tinha três filhos, Hilda, Hilza, Manoel e Moisés. Quando ele ficava de porre batia em todo mundo, a gente corria e se escondia, pegava canoa ia pra rio se esconder dele até passar quando passava a gente vinha para a casa. Uma vez eu corri tanto, ele me jogou no capinzal, botou aquelas botas sete léguas no meio do meu peito e começou a me dar murros, até hoje eu tenho essa dor na minha costa e peito, acho que por causa disso, ele chutava com aquela bota.

Os filhos todos fugiam, se escondiam nas árvores, caíam no rio com a canoa, eu era lerda não sabia subir, mas eu corria, eu me lembro como hoje, oh senhor...

Um belo dia ele me deu para uma família que me criou, se chamava Antônio Monteiro e Juraci, lá fiquei muito tempo, mas muito tempo mesmo, até uns quatorze anos, depois dessa família, tinha uma cara que era engraçado lá... mandou um bilhete para mim, a velha pegou e me deportou de novo para casa desse tio, fiquei um ano lá. Eu apanhava muito deles, da minha tia que era mulher dele, das primas, eu era o pato feio, a rejeitada. Iam capinar o roçado e me deixavam sozinha no roçado para a onça me comer, batia o pé e eu não queria capinar, eu não queria trabalhar, tava cansada não queria trabalhar, tenho meu corpo todo marcado de ela jogar terçado na minha costa, um terçado rabo de galo, a ponta é pra cima, ela jogou de um jeito que não furou. Eu fiquei sentada em cima daquele pau até anoitecer.

Dona Teresinha teve uma infância instável, sendo empurrada de lugar em lugar, ela se sente deslocada, uma *rebelde* como se classifica, isso advém de um sentimento de abandono familiar, em sua infância há rupturas de laços familiares que impediram desenvolver uma estrutura afetiva em torno de sensação de acolhimento, o que a torna uma pessoa extremamente desconfiada e ao mesmo tempo alerta sobre possíveis riscos de abandono. Por causa disso, Dona Teresinha possui um caráter antiordem como mecanismo de preservar sua subjetividade, ao negar normas impostas e afirmar-se enquanto pessoa sofrendo com sanções e violações físicas, por uma questão geracional e por uma questão de gênero, acaba por incorporar uma disposição para autodefesa e enfrentamento.

Ela relata duas coisas com pesar, por vezes seus olhos ficam vermelhos, a primeira lembrança que ela nos conta é o fato de sua mãe ter morrido ainda nova, ela nunca ter conhecido ou convivido direito com suas irmãs, o fato de não ter acesso a sua biografia familiar parece ser um pesar, ressalta o fato de ser criada de casa em casa. A vida familiar e a segurança/insegurança da casa serão elementos recorrentes em sua narrativa. Dona Teresinha

sofreu as consequências de uma prática comum no Amazonas, os casos de “crianças que são pegadas para criar”, isso ocorre de diversas maneiras, muitas vezes um conhecido do interior ou de outro lugar fazem um acordo, não necessariamente financeiro, onde a criança passa a ir morar em uma casa, muitas vezes sob o pretexto de se educar ou de ir para um lugar melhor, o que acontece é que a criança passa assumir afazeres domésticos, ao longo de toda sua infância e adolescência. No caso de Teresinha, que teve sua infância e adolescência entre os anos 1950 e 60, em uma região em que essa prática de troca de crianças era rotineira, nos apresenta o caráter violento de uma pessoa que é lançada de lugar em lugar, é importante ressaltar que essas crianças que são pegadas para criar em sua maioria são mulheres, o que nos indica uma divisão sexual do trabalho, onde o lócus dessas meninas e adolescente é um lócus dos afazeres domésticos, como uma obrigação a ser cumprida em troca de um teto e de comida. Muitas vezes sendo submetidas à exploração sexual por parte de famílias que recebem a criança, práticas entre famílias de classes populares, internas as relações de parentesco.

Esse tipo de prática cultural foi sendo combatida a partir do momento que o Estatuto da Criança e do Adolescente passou a vigorar no país, no entanto ainda se perpetua no estado Amazonas, mesmo nos anos 1990 e 2000. É importante afirmar que esse é um resquício de uma política colonial, onde as crianças das classes populares se tornariam potenciais mão de obra para os poderosos da região. No caso de Dona Teresinha ela sofreu dessa prática que a empurrou para um casamento compulsório, ela nos apresenta que esse “da para casar” só ocorria com pessoas que de alguma forma eram mais poderosos do que a família que dá a criança, o “dar para casar” acaba sendo um mecanismo de troca em uma relação de poder, onde a figura do *coronel de barranco* se torna ponto central dessa análise.

O *coronel de barranco* é representado como um indivíduo herdeiro de poder econômico e poder político de uma determinada região, um indivíduo que possui prestígio e riqueza suficientes para impor normas, sanções e exercer a violência contra todos os seus subordinados ou aqueles que ele considera subordinados dele, são normalmente proprietários de terra – latifundiários – ou compõe parte de grupos políticos oligárquicos da região amazônica.

Fiquei nesse lugar até casar, tava com um ano, vi um motor todo branquinho no rio, o motor – me lembro como hoje, era o Santa Fé. Eu falava “lá vem a minha madrinha me buscar” e a minha prima disse “Mamãe, olha que a Tereza ta dizendo? Que a madrinha dela veio buscar”, ainda apanhei por causa disso. Mas foi uma realidade, ela foi me buscar mesmo, quando fui pra lá foi que me casei.

Eu casei com um homem chamado Manoel Vieira Palheira... ele me abandonou, arranhou outra mulher e foi viver com outra mulher. Me deixou em um tapirizinho¹⁴, o cara me deixou lá no meio do mato, chorava como um cachorro. Sozinha. Era a lei dos mais fortes, antigamente era coronel de barranco, a palavra da pessoa que criava... que a gente vivia como empregada ou não, era a lei, não tinha essa história de dizer que não quero, não vou, eles pegavam você e levavam. Eu não pensavam em nada, eu vim pensar já estava morando em Manaus.

Quando estava no interior, quando estava sozinha e Deus. Ele desapareceu por três dias, a dona do tapiri ia me levar para a casa da mãe dele, aí veio uma lancha da Petrobras, o comandante se chamava Raimundo, ele me deu carona – passagem – até o Rio Arariá, numa fazenda chamada Bela Vista, a chatinha¹⁵ passava lá para vir para Manaus. Eu vim junto com a lenha, eu entrei na chatinha de noite. No porão que era de graça, de manhã tinham uns homens lá, um deles disse. “De onde apareceu essa remelenta” foi a primeira rejeição que tive.

Esse homem me abandonou no meio do nada, cansou, num sei, só sei que ele foi embora um dia e não voltou, eu passei fome lá, fiquei um tempão sozinha nessa casa, eu voltei e peguei o motor para ir para Maués, para a casa dos meus parentes que estavam lá, passei um tempo, depois saí de casa em casa, onde me aceitassem eu ficava.

A “lei do mais forte e palavra da pessoa” são elementos constituintes de um regime de violência centrado na palavra, esse tipo de socialização onde o indivíduo se encontra cada vez mais interdependente onde o parentesco e o compadrio, onde as redes de relações são construídas pautadas em formas hierarquizadas onde determinados indivíduos agenciam a violência através do poder econômico, do prestígio político e das relações de parentesco instituídas em uma rede de relações complexas, onde diversas famílias compartilhavam conjuntos de valores que permitiam determinados tipos de violência. No caso de Dona Teresinha, por ser mulher, por ser órfã, as violências físicas eram tidas como normal de sua trajetória de vida, principalmente na sua infância e juventude, mesmo assim ela incorpora convicções – disposições para crer – que precisa resistir o máximo possível para poder preservar a si, ao mesmo tempo em que desenvolve maneiras de enfrentamento – disposições para agir – que podem ser desde recusar-se a capinar, manter-se resistente diante das tarefas e quando possível fugir das violências que sofria.

¹⁴ Tapiri é um abrigo temporário, muito utilizado na floresta para trabalhos em regiões distantes de cidades ou comunidades, um tapiri é construído e desfeito em tempos determinados justamente para evitar o deslocamento que possa demorar muitos dias para a cidade.

¹⁵ Chatinha era um barco, também chamado de motor ou “motô” que era responsável pelo transporte entre comunidades.

Quando finalmente consegue um barco para sair daquela situação, Dona Teresinha realiza sua fuga para cidade, na cidade ela se encontra perdida diante outras formas de socialização, acaba indo morar na rua durante um tempo antes de poder de estabilizar em um lugar longe dos seus parentes.

Acabei encontrando um senhor que me trouxe para Manaus.¹⁶ Aqui em Manaus, eu não sabia para onde ir, acabei dormindo na Praça da Matriz, lá uma senhora que era paraense me levou para a casa de uma conhecida na Praça 14, quatro dias depois esse homem que me trouxe veio me pegar e me levou para a casa de uma senhora que vivia no beco do Macedo, perto da Duque de Caxias, depois desapareceu de novo. Ele me levou para que eu trabalhasse nessa casa, pra mim trabalhar na casa de família não deu certo, porque eu não conhecia dinheiro, não sabia ler, não sabia o nome da cidade, eu não sabia o nome do ônibus, eu não conhecia dez tons¹⁷.

Aqui em Manaus, eu fiquei alí atrás da Getúlio Vargas, onde tem um monte de casas, o lugar se chamava Vila Operária, depois fui morar na Praça 14, onde conheci o Francisco com que iria morar até o final da vida dele. Chegando em Manaus, a cidade já tinha mudado um pouco do que eu me lembrava, tinha alguns prédios, lembro que nunca tinha visto o Teatro Amazonas, mais perto do Mercado tinha o Hotel Amazonas, o Palácio Rio Negro, que eram lugares que se destacavam, eu passei um tempão na rua, eu dormia na praça mesmo, ninguém mexia comigo não. Eu vivia quando as pessoas davam comida para mim, a pessoa nos bares tinha a uma mulher em um restaurante que me ajudava muito.

Nunca tive problema na rua, o mais próximo, foi um português que me levou para o apartamento dele, só que eu estava tão cansada, tão cansada que acabei dormindo, quando eu acordei ele falou que não ia me pagar, porque eu não fiz as coisas com ele, eu falei tudo bem e fui embora, não tinha feito mesmo.

Depois disso conheci uma mulher que me abrigou depois de um tempão, era uma paraense, ela me levou para a casa de uma conhecida na Praça 14, onde conheci o Francisco bem depois, fiquei trabalhando um tempo em arrumando casa. Eles tinham uma oficina que fazia carroceria de ônibus e caminhão lá na Praça 14, eu ia servir tira-gostos e doses de pinga para eles, essa senhora tinha venda, foi lá que ele me viu. Eu ia trabalhar lá no Beco do Macedo, quando voltei, a senhora me disse que ele tinha me procurado, não teve muito namoro não. Ele perguntou se eu sabia tomar conta de casa, eu falei que ia aprender. Foi assim que eu vim morar aqui em Petrópolis...

Dona Teresinha relata o tempo em que viveu na rua, após retornar a Manaus, um relato curto que parece ser uma mera trivialidade em sua narrativa, ela fala do tempo da rua

¹⁶ A narrativa de Dona Teresinha em alguns momentos parece confusa, pois não segue uma linearidade temporal a qual estamos acomodados, em muitos momentos parece que salta de lugar e tempo, ora indo mais a frente no tempo, ora retornando. Cabe ressaltar que as narrativas sobre si são permeadas de afetividade que as histórias acabam por desencadear nos sujeitos sentimentos, quando rememoramos nosso passado não apenas lembramos-nos de quadros, trazemos junto encadeado em cada palavra um conjunto de sentimentos, nesse momento em que parece ficar mais confuso, ela nos relata na verdade memórias em torno da rejeição e do abandono. (VEENA DAS, 1999)

¹⁷ Expressão *dez tons ou dez toms* relaciona-se a uma medida monetária, como conto de reis, não conhecer dez tons significava não saber coisa alguma.

como sendo um momento difícil, mas não tão perigoso, ela fala das redes de apoio para conseguir comida, de uma espécie de “programa sexual” que não se realizou, ela fala como se fosse ausente de violências ou conflitos, preferindo quem sabe não falar desse tempo, já que hoje ela é uma proprietária da Feirinha.

É importante ressaltar que a rua se torna espaço de sociabilidade importante entre nossos interlocutores, para Dona Teresinha a rua não é um espaço violento, ela não relata ter medo do tempo que viveu na rua, no indica a incerteza que a rua proporciona, sem ter o que comer, tendo que ficar a mercê de outros para conseguir alimento e abrigo. No quadro que constrói com sua narrativa em torno do apartamento e do conflito que teve com um homem, por conta dela ter se recusado a *fazer coisas com ele*, podemos ver que Teresinha buscava meios de preservar sua subjetividade a qualquer custo.

Conhecer pessoas durante esse momento de rua se torna essencial, é através de uma mulher que ela consegue abrigo permanente trabalhando em casa de família para poder se sustentar, a experiência de trabalho informal parece ser uma constante na vida de Teresinha, mudando esse quadro somente quando vai morar em Petrópolis.

Ela conhece seu cônjuge enquanto trabalha na casa dessa senhora paraense, Francisco se interessou por ela enquanto ela trabalhava, ao que tudo indica não houve um cortejo, ou um período de namoro, eles foram morar juntos logo em seguida. Ele pergunta se ela saberia tomar conta de uma casa. A possibilidade de ter uma casa, não em termos econômicos, mas em termos afetivos, assim um lugar para chamar de seu e de lar, é o que mobiliza Dona Teresinha a ir morar com Francisco. A vida conjugal de Dona Teresinha em Petrópolis traz certa estabilidade, tendo um lugar para chamar de *lar*, todavia as violências de gênero não param, perpetuam-se em um relacionamento com um homem violento e que tem diversos casos extraconjugais que afetam os sentimentos de Dona Teresinha.

Quando eu cheguei no Bairro de Petrópolis não tinha rua asfaltada, não tinha luz em poste, era tudo lampião nas casas, a venda do Severino já era existia, o meu esposo comprou um pedaço de terra ali em baixo, quase perto do Igarapé, eu lembro que dava para ver um buritizal inteiro do alto, a gente lavava roupa naquele igarapé e tomava banho. Água só na Caçimba. Não tinha nada no bairro, lá embaixo era o terreno da dona Raquel, quando ela morreu os filhos venderam, lembro que quando falavam que a gente morava aqui era como se fosse um lugar muito longe no centro, o ônibus só ia até ali na Codajás se não me engano, a gente tinha que vir a pé, ou de Rural¹⁸.

¹⁸ Uma marca de carro

O meu esposo tinha uma Rural, a gente ficou um tempo lá embaixo depois nos mudamos aqui para cima, ele montou uma oficina de carpintaria, junto com o compadre Antonio, éramos vizinhos, ele era pequeno, tinha o corpo bem magrinho.

Ai veio a primeira filha, nunca conversaram comigo sobre isso, de se cuidar essas coisas, então, tive a segunda e a terceira também, meu filho naquele tempo as coisas eram difíceis, sabe eu era feminista antes disso existir, eu nunca ia deixar homem pisar em mim, lembro que o meu esposo levantou a mão uma vez para mim, foi só uma vez, eu disse “vem, se tu for homem vem, se tu der um tapa eu engato no teu pescoço e não sei mais”, ele falou que não ia bater em mim, mas no meu atrevimento sabia, eu peguei uma garrafa de vidro e segurei, ele podia até me bater, mas eu ia bater mais ainda nele.

A terceira filha ele ficou alegando que não era dele, ficou falando que eu o tinha traído, tu acredita, como se eu tivesse feito aquela filha com o vento, ele chegou a tentar me bater nessa época, mas eu não deixei, segurei um porrete, tava ali grávida e tendo que segurar um pedaço de pau, depois ele ficou com remorso.. Ele era um homem muito difícil, apesar de tudo, lembro que tinha que deixar a casa toda preparada, o almoço preparado, as meninas preparadas para quando ele chegasse, se não era maior confusão, uma vez ele tacou um panela de mingau em mim, sorte que não pegou. Mas era muito estúpido, lá fora as pessoas respeitavam ele, mas em casa muitas vezes ele era um monstro.

Meu marido era muito mulherengo, ele se achava um pavão se exibindo e ficando com outras mulheres, eu tinha que ficar só em casa, cuidando da casa, do lar, minha vida foi isso, eu até cheguei a lavar roupa pra fora escondida para poder pagar os materiais escolares da mais velha, naquela época era muito caro, ele veio me afrontar achando que eu tava traindo ele, porque ele soube que estava na risadaria com as mulheres numa esquina, onde já se viu.

*Eu nunca arrumei confusão sabia, em casa, eu lembro que ele tinha uma amante uma vez, olha, ele comprava comida essas coisas para ela, vestido, teve uma vez que ele fez eu preparar comida para ele levar, aquilo que deixou com raiva, **não era ciúmes, era a falta de respeito sabe**, ele tinha que aprender a respeitar filha de homem sabia, aquilo me deu um ódio.*

*Lembro que ele saiu, eu fui atrás, quando eu cheguei na casa dela, eu estava com uma chave de fenda da oficina, eu invadi a casa, puxei ela pelo cabelo, ela tinha um cabelão, puxei ela para rua, e comecei a bater, ela era mais alta do que eu, mas não teve isso não, senti a porrada nela, ela gritava “segura ela, que ela ta doida” eu falei “to doida não, vem cá ver a doida”. **Eu puxei a chave de fenda e passei no rosto dela, falei que era para ela aprender a respeitar**, o meu esposo ficou só rindo e olhando até eu marcar o rosto dela, só ai ele me tirou, com raiva ainda...*

A vizinha perguntou se eu não tinha medo, eu falei que só “tinha medo de Deus, que se ela viesse com graça eu batia nela de novo”, as meninas eram bem pequenas nunca viram essa história, mas ele era um safado sabia. Anos mais tarde teve outra, mas eu não a peguei não, quem pegou foi as minhas filhas, as três se reuniram, nem me contaram nada. Eu sempre ensinei a elas que resolvessem os problemas delas na rua, não trouxessem problemas para casa, “façam seu angu e por lá comam vocês mesmas”, elas pegaram essa outra mulher, deram tanto nela, cortaram o cabelo dela com tesoura e tudo, elas nunca foram flor que cheirasse olha.

É interessante que nessa perspectiva Dona Teresinha se coloca como uma mulher de família, falando sobre os abusos que sofreu do marido, mas sempre em caráter de

enfrentamento, novamente a questão do respeito parece emergir como um enunciado em torno da violência, ou da definição do que seria violento.

A ambivalência que sente em torno da figura seu marido se decorre do fato dele ter sido uma constante em uma vida até então cheia de instabilidades, sem laços familiares fortes o suficiente, em primeiro momento, quando ela passa a morar com ele, relata uma sensação de conforto, mas não expressa que sente amor, pelo menos não inicialmente.

Conforme as violências intra-familiar vão acontecendo ela procura lidar com isso *na mesma moeda*, podemos observar que a disposição de autodefesa na infância que se refletia como rebeldia, é acionada e reforçada para resistir às ameaças de violência que sofria por parte dele, “*se ele fosse me bater eu ia bater mais ainda nele*”. Ao relatar que ele é um monstro em casa, busca demonstrar que existe uma disparidade entre o modo como as pessoas viam seu esposo e como ele era visto dentro de casa, ao falar sobre isso ela está falando sobre si, sobre como teve que resistir a todo tipo de violência. Na infância o que a mobilizava para preservação de si era luta contra a questão do abandono, agora a ameaça de sofrer violência passam a ser mobilizadores para uma disposição de defesa de si.

Se no passado, devido a sua condição de ser criança e jovem, sua maneira de resistir e reagir envolvia negar-se a trabalhar, responder verbalmente e fugir quando possível, ao sofrer ameaças em sua vida conjugal, ela opta pelo enfrentamento, tanto discursivo como corpo a corpo, a força da sua palavra se torna necessária para se preservar dentro de um relacionamento abusivo, mesmo durante a gestão ela precisa buscar meios de se proteger, mesmo que com *um porrete*. Essa disposição para autodefesa através de um enfrentamento irá ser parte dos traços de personalidade de Dona Teresinha ao longo de toda sua trajetória de vida, em alguns momentos mais fortificados e em outros mais enfraquecidos.

Vemos os efeitos do regime de violência *na mão* quando ela ataca a amante de seu esposo, é importante ressaltar que o que a move não é ciúmes, mas o *respeito*, quando ela afirma que ele precisava “respeitar filha de homem”, ela está afirmando que também que ele precisava reconhecer em Dona Teresinha como pessoa, para isso ela necessita comunicar isso através da violência, acaba que ela passa isso para suas filhas, uma disposição para crer *na mão*, isso significa que os conflitos precisariam ser resolvidos através do combate corpo a corpo.

Mas parece que suas filhas herdaram uma disposição para agir violentamente, algumas delas mais fortes e outras mais fracas, mas que agem dentro de regime de violência *na mão*, ao que tudo indica é sua filha do meio que parece possuir mais fortemente essa disposição, diferente de uma autodefesa desenvolvida por Dona Teresinha, suas filhas agem para impor determinados valores e para a manutenção de um possível *respeito familiar*, ao cortarem o cabelo da outra amante de seu pai, baterem na mulher, elas não sofrem sanções morais, pois elas precisam aprender resolver seus problemas na rua.

Dona Teresinha, viveu essa segunda metade de sua vida tendo como centro de suas preocupações suas filhas. Dessa forma ela nos descreve como eram suas filhas na adolescência, misturando com problemas mais recentes em sua narrativa, que envolvia maneiras de agir sobre mundo que suas filhas desenvolveram conforme entravam em contato com regimes de violência diferentes, podemos observar que a resolução de conflitos *na mão* é parte presente do modo como a sociabilidade assumida pelas filhas de Dona Teresinha em sua narrativa.

A mais velha sempre aprontava as coisas ficava calada, a do meio era a mais estourada, sempre foi a mais estourada. Quando elas brigavam entre si, eu mesmo batia nelas para elas aprenderem, nossa, a mais nova aprontava muito, mas nunca foi de brigar não, ela sempre apanhava.

*Uma vez eu fui chamada na delegacia porque a do meio queria esfaquear outra garota porque ela mexeu com ela, acho que tinha haver com o namorado dela, o meu esposo não poderia saber que a do meio namorava, então eu fui a delegacia. **Elas viviam se metendo em briga de rua**, muitas vezes saiam para seguir meu esposo para descobrir sobre outras amantes, de vez em quando ouvia algumas coisas que aconteciam, mas deixava elas resolverem mesmo.*

Agora meus genros, nenhum presta nenhum deles, Deus me livre, a minha filha do meio casou com um cara que era louco, ele batia a cabeça dela na cama, eu queria matar ele, lembro que a mais nova uma vez pegou um martelo para cassetar ele, ele se mudou, só sei que ela só deixou ele depois que o meu esposo morreu. Homem é uma merda mesmo sabia? Um bando de covarde, se eu fosse mais nova, eu dava um tiro nele mesmo.

Dona Teresinha foi relegada ao mundo privado. O fato de seu esposo não deixar que ela tivesse amigos e amigas se tornou barreira para o desenvolvimento de redes de relações que lhe servissem de apoio extra-familiar, estratégia dele para impedir que ela falasse dos maus tratos que sofria em casa. Acaba que ela é empurrada para uma vida familiar atravessada por conflitos e violências, sendo ela mesma ora uma pessoa que sofre da agência da violência – por parte do esposo que a ameaça fisicamente – mas também como agente de violência – por exemplo, ao cortar o rosto da mulher que era amante de seu esposo. Em alguns momentos Dona Teresinha nos revela que aqueles quadros narrados por ela anteriormente a

respeito de suas filhas são mais recorrentes, com diversas histórias que envolvem até mesmo ela ser chamada para a delegacia por conta da filha do meio ter tentado furar uma vizinha, que mexeu com seu namorado de escola.

Suas filhas incorporam parte dos regimes de violência centrados *na palavra e na mão*, tanto que algumas vezes elas se reúnem para brigar na rua e para investigar o pai em suas relações extraconjugais. Conversando com algumas delas, elas relatam que isso era *coisa de criança, besteira da juventude*, mas afirmam que se resolviam as coisas de forma diferente naquela época. Sem contar as brigas intra-familiares que elas se envolviam, no caso ela cita mais adiante uma *briga por calcinha*. E também relata com pesar o período da ditadura, como sendo um momento de incertezas.

Retomamos em parte o relato da construção da *Feirinha*, onde ela descreve rapidamente sobre a paisagem do lugar antes da construção do *Quartel*, como isso alterou drasticamente a vida no bairro, relatando um sentimento de medo em relação ao prédio no período da ditadura.

Depois fomos fazendo os boxes, alugando, sempre foi difícil lidar com aluguel, às vezes o inquilino não pagava direito, mas todos respeitavam o meu esposo, então ele resolvia logo as coisas se não pagassem. Não tinha Quartel quando começamos os boxes, depois que foi chegando, era uma área linda aquela ali, tinha mangueira, goiabeira, todo tipo de fruta, só sei que limpavam aquilo muito rápido, construíram muito rápido, o muro era baixinho, era a época da ditadura, você não podia se reunir na rua, se tivesse um ou três na parada, ou na praça, já era tachado de subversivos, eles pegavam.

Isso que falam hoje da ditadura é tudo mentira, a gente tinha que fazer fila para comprar as coisas, e tu tinha que comprar só tanto, o que eles definiam, faltava comida, tinha inflação, era tudo mentira, a gente vivia assustados, isso que esse pessoal tá pedindo é loucura, é insanidade. O que a Dilma fez foi dar comida para os pobres, fizeram isso porque ela é mulher, são uns canalhas, tudo bando de bandidos, foi isso que ela fez, me dá uma raiva, agora esse daí vai cortar tudo, agora o povo vai sentir, na minha época não tinha bolsa família, o material da escola a gente tinha que pagar agora tu imagina quantas crianças ficaram fora da escola.

*A gente tinha que dividir comida certinha para todo mundo, porque se não passava fome, a mais velha e eu passamos muita fome nessa época, depois que foi abrindo, quando teve as Diretas Já, os Ulisses Guimarães, que a coisa foi melhorando. Mas se você fosse estudar, se ti pegassem com um livro te prendia, era comunista, não tinha nada de paraíso, era um inferno. **E aqui, o Quartel a gente ficava com medo, todo mundo obedecia por medo, não era outra coisa não.***

Na época que fizeram, não mudou nada, acho que o mudou foi à própria modernidade, a cidade sabe, foi crescendo, as pessoas ficam sem emprego, a fome, o medo faz as pessoas roubarem, mas tem gente que assim mesmo, ruim. Nunca tive problema com inquilino, nem quando o meu esposo era vivo.

A sorte que meu esposo deixou isso aqui para mim, porque daqui eu tiro meu sustento, tem a aposentadoria dele também, do solado da borracha, mas a renda maior é da feira, o terreno aqui atrás tinha uma vila, quando ele adoeceu a primeira vez, eu tive que vender para pagar a conta do hospital.

O período da ditadura se apresenta na narrativa de Dona Teresinha como uma época de incertezas, de dificuldades e do *medo da rua*. A chegada do *Quartel* é entendida como uma ruptura no cotidiano, onde ela afirma que as pessoas obedeciam por medo, à relação entre a incerteza, o medo e a fome parecem ser centrais nesse momento de sua narrativa sobre si onde suas preocupações políticas atuais se mesclam com um período em sua memória que foi de longe um “milagre econômico”. Ela relata a repressão imposta à sociedade tanto através da perseguição as pessoas que eram taxadas de comunistas, como as dificuldades econômicas do período que acabava por atingir de modo crítico indivíduos da classe popular, ela e sua filha mais velha sentiram a fome em período sem seguridades sociais em que o medo parecia permear o contexto social.

Ao final da entrevista pergunto a respeito da violência, o que seria a violência, ela fala sobre *respeito*, nos apresenta outro quadro narrativo em que precisou se impor diante de novas ameaças de violência, conta suas filhas, mas que ela sente como se fosse contra ela mesmo. Ao mesmo tempo em que revela que teve que aprender a fazer outras coisas após a morte de seu esposo.

A violência meu filho é a própria pessoa, não tem esse negocio de demônio, de espírito não, as próprias pessoas fazem, é falta de respeito com o idoso, a filha que pega o cartão, que briga com a mãe, é o homem que bate na mulher, na minha época não tinha Maria da Penha, era horrível.

Quando ele morreu, não vou dizer que não senti, eu fumava muito meu filho, desde criança. Eu passei a fumar mais ainda e bebia de vez em quando, sabe quem resolvia as coisas era ele, eu tive que aprender a viver de novo, sabe ele não deixava eu ter amigo ou amiga, era horrível, então quando ele morreu eu fiquei sozinha, as minhas filhas todas criadas, eu dei minha vida por elas, então não aprendi a fazer as coisas, a mexer com o dinheiro. Foi horrível, eu tive que aprender a fazer as coisas.

Então eu tive que me impor. Eu lembro que meu esposo tava com dez dias de morto, teve uma confusão entre as minhas filhas, a do meio bateu na mais nova, por causa de uma calcinha, foi horrível, aí meu genro falou que ia bater nela se tivesse aqui, só sei que eu bati na mesa, eu virei a mesa, eu já idosa, falei que queria ver quem ele iria bater, aqui na minha casa. Eles queriam montar em cima de mim, eu só sei que o expulsei daqui de casa. Aquele homem não vale nada, nunca valeu, eu lembro que o meu esposo nunca deixou ele entrar aqui, acho que ele sentia alguma coisa.

Só sei que foi assim meu filho, é isso. É essa minha vida. Foi assim que vivi.

Eu me sinto segura, minha filha que tem medo, uma vez roubaram lá em cima, até hoje ela vive com medo, vive trancando as coisas, sabe vejo violência no jornal e na TV, aqui é bem calma, eu conheço todo mundo, conheço as pessoas,

é tranquilo. Uma vez o outro, que é rádio cipó¹⁹ do bairro relata alguma coisa, esse pessoal é muito fofoqueiro (risadas), essa língua aqui não tem osso, mas quebra caroço.

Violência para mim é a miséria também, sabe não ter um teto, não ter comida, isso tudo é violência, isso que machuca muito as pessoas, graças a Deus eu não passo mais por isso, mas não consigo sair de casa, só vivo para pagar conta.

É interessante que ela encaminha o final de sua trajetória de vida tendo que explicar que ainda depois de idosa precisar se impor dentro de sua própria casa ao escutar a ameaça de um homem sobre uma de suas filhas, isso lhe proporcionar acionar atitudes para impedir que isso aconteça, tendo sua vida inteira tendo que lutar contra esse tipo de ameaça ela busca impedir que isso acontecesse de alguma forma com suas filhas, na verdade Dona Teresinha após a morte de seu esposo se torna a figura central familiar, ao mesmo tempo em que assume o papel de autoridade dentro das redes de relações familiares se utilizando isso para resolução de problemas, envolvendo os negócios da família.

Seu conceito sobre violência atravessa elementos como *respeito e miséria*, a falta de respeito por idosos, pela mãe como sendo mecanismos para emergência do que seria a violência, conforme falta esse respeito pelas relações familiares acaba acontecendo à violência, do mesmo modo que ela nos indica que a violência também é *miséria*, a fome e as incertezas que passou ao longo da vida proporcionam uma visão de mundo para Dona Teresinha onde a miséria é parte de um conjunto de violências. Algo que *machuca as pessoas*, a incerteza de não se ter uma casa e comida.

¹⁹ Referencia as fofocas que correm a respeito de roubo na rua, que normalmente alguém fala um para os outros sobre eventos violentos.

3.5. Lidiane

Tive a oportunidade de conversar duas vezes com Lidiane, mas realizamos somente uma entrevista em torno de sua trajetória de vida, ela trabalha como diarista em um a casa na *Feirinha*, sua residência fica no que é chamado aqui em umas das ruas de trás, ela possui dois filhos, um mais velho que sofreu um assalto que lhe deixou paraplégico e uma filha mais nova, com a qual possui diversas preocupações, principalmente com a carreira escolar de sua filha. Lidiane possui uma trajetória de vida parecida com de Dona Teresinha, crescendo sem muitos laços familiares, vinda do interior do Estado ainda pequena, tem que enfrentar diversos ambientes sociais ao longo de sua vida, desde a casa de sua vó onde apanhava constantemente, até mais tarde as violências físicas sofridas por uma mulher que explora sua força de trabalho em condições análogas a escravidão.

Sua narrativa é recheada de momentos que vão da seriedade a tristeza, a momentos de raiva e alegria, ao recordar sua trajetória de vida podemos sentir como sua afetividade transcorre pelos diversos momentos de sua vida, como se estivesse também revivendo os sentimentos que sentia em cada período, sua narrativa flui conforme ela vai contando detalhes de sua infância e juventude. As entrevistas aconteceram em um quarto, ela sentada em uma poltrona antiga que fica em seu quarto, uma cama de casal, sua casa fica é de alvenaria e tem um pequeno quintal nos fundos.

Ela inicia sua narrativa contando a respeito de sua vida no interior e de como ela veio para Manaus, fala sobre suas rupturas familiares desde a mais tenra idade e depois nos relata sobre sua experiência urbana e sua vida na cidade.

Meus pais são lá do Juacá, há um dia de viagem, perto de Manaquiri. É uma comunidade, um município, sou neto de uma família chamada América, eles são Cearense com Colombiano, eles são bem conhecidos lá. Meu pai é o José da Crença Barbosa e minha mãe é Maria do Carmo Barbosa, minha mãe faleceu quando eu ainda era pequena, éramos oito irmão entre todos, depois do falecimento dela, ela morreu de parto de gêmeos, aí ele abandonou nós tudo, não quis ficar.

Meu nome é Lidiane, eu fui adotada por outra família, tive que tirar outra certidão de nascimento, éramos oito, tudo pequenos, aí ele foi dando, acho que quando isso aconteceu eu tinha uns oito anos. Tipo todas as barrigas que minha mãe teve foi de gêmeos, só dois irmãos que não foram. Aí ele deu todos os filhos, ele foi embora e depois voltou, quando ele voltou dessa viagem, ele saiu dando nós tudinho. Porque quando ele veio, ele veio casado com uma mulher e ela não aceitava os filhos dele.

Ele foi dando pro pessoal da família por parte de mãe, ele foi procurando e dando cada um dos filhos, foi separando a gente. Ele trouxe nós para cidade, ele foi dando, a minha vida passou então aqui na Cachoeirinha, com a mãe da

minha mãe. Eles tinham uma casa de brega, ali na Silves. Eles foram um dos primeiros moradores ali da Cachoeirinha, eles eram donos de um lugar do lado do terminal, onde primeiro foi o Super Star, depois o Tropical, ali atrás do terminal. Foi ali que fiquei um tempo, faz muito tempo, nisso eu tava com uns doze anos, aí eu não tive mais proximidade com meus irmãos, tudo mundo se perdeu. Ninguém teve mais contato com ninguém.

Depois que vim para casa da minha vó, passei a conviver com droga, com bebida – cachaça mesmo, porque naquele tempo não tinha esse negócio de cerveja não – muita prostituição e ela dava muito em mim, ela batia muito em mim. Assim eles bebiam, ela queria a gente fizesse as coisas, num sabia fazer, tipo assim limpar as coisas, fazer comida pros bebos, limpar os quartos das mulheres, tudo era de madeira. Era uma casa muito bonita, me lembro vagamente que era uma casa branca, aí foi o tempo que não conseguiram mais pagar o IPTU, então naquele tempo o Estado tomou, foi daí que passou a ser discoteca, depois que eles perderam.

Lidiane sofre diversas perdas nos primeiros anos de vida, primeiramente sua mãe que morre em um parto de gêmeos, depois a relação com seus irmãos, sendo rompida devido a decisão de seu pai em dar as crianças para parentes distantes, devido ao novo relacionamento que assumiu após a morte da esposa, desse modo Lidiane se encontra sozinha em mundo estranho, a vida na casa de sua vó não é fácil, a violência se torna cotidiana na medida em que sua vó lhe bate para que ela realize “afazeres” de casa, mais tarde ela nos revela que essas “peias” têm outras motivações. Apesar disso ela busca desenvolver habilidades em torno de saber para onde ir, quando as coisas apertarem, em primeiro momento ela procura como fuga um irmão de sua mãe que mora em Petrópolis, no *campo do Peñarol*, local considerado por outros moradores como sendo um lugar violento e inseguro, sendo um dos primeiros lugares no bairro a se ter relatos de armas de fogo e de tráfico de drogas. Mas ela afirma que tanto na casa de sua vó como na casa desse irmão de sua mãe, a relação com o crime ou a *bandidagem* parecem sempre ser presentes.

Depois a gente foi pra perto de um igarapé, era um rio de madeira, antigamente era casa de madeira lá na cachoeirinha, então eu não aguentei mais essa vida e fugi. Me lembro que eu fui para casa de um outro irmão da mamãe, aqui no campo do Peñarol, lá eles mexiam com muita droga naquele tempo, muita droga, eles ainda vieram atrás de mim, a casa ficava perto de uma escadaria, o nome do meu tio era João, minha vó foi atrás de mim de novo, depois eu fugi de novo. Depois mandaram o juizado atrás de mim, fiquei uns tempos no juizado, que era ali na Sefaz.

A minha vida foi assim, mas nunca me envolvi com droga, foi o tempo que tinha a Praça do Ypiranga, daí o juizado não ia atrás de mim porque eles já sabiam onde eu ficava, passei a dormir na praça. Dormi uns tempos na Praça, fui crescendo, fiquei mais um tempo na praça. Naquele tempo era bom, tinha umas meninas e tinha outros meninos. Nós só comia porque o pessoal lá dava, os vigia sempre ajudavam a gente, e as mulheres quando chegavam de manhã lá, era assim nossa vida.

As fugas de Lidiane se tornam recorrentes, sendo parte de um comportamento que assume diante das situações de crise familiar em sua infância, as violências, os mal-tratos que sofriam enquanto criança, tanto por se negar a fazer que lhe era imposto, a disposição de defesa de si se apresenta através das constantes fugas que realiza ainda criança, na faixa etária entre 12 e 13 anos, acabando por ir morar na rua, em uma região no bairro da Cachoeirinha que era uma praça, mas que hoje é Universidade do Estado do Amazonas, unidade de medicina. A construção de uma autonomia sobre si ainda cedo decorre tanto da necessidade de buscar mecanismo para viver em meio um caos que sua vida se encontrava e tanto da necessidade de buscar sentidos de vida outros e antagônicos a sua família materna, na busca por outra vida, mas sem condições de poder realizar isso materialmente, ela busca a rua como lugar de acolhimento maior que sua casa.

A gente não tinha muito medo da polícia porque quando eles pegavam assim, levavam a gente para o juizado, eu tinha mais medo de briga, rolava briga assim porque às vezes se alguém ganhasse uma roupa, ganhasse uma sandália o outro queria e eu sempre fui assim, nunca gostei de dividir nada, além de ter pouco eu não gostava de dividir nada, porque era difícil fazer as coisas. Quando eu fugi de lá, meus avós não entregaram nada, eles tacaram fogo nas minhas coisas.

Depois eu saí da rua, voltei de novo para bocada, para casa do meu tio e da minha tia. Eu estava lá uma vez e uma menina veio mexer comigo, eu briguei com ela, eu me lembro que eu furei ela, depois eu fiquei um tempo escondido, lá na Colônia Antônio Aleixo, quando fui pra lá era uma área isolada, tinha uns pavilhões, eu me lembro, tinha muita gente doente, eu fiquei um tempo lá com os doentes, porque para mim se eu voltasse pra cá, eu tinha certeza que ia ser presa.

Quando ela se refere à bocada, ela está falando a casa de seu tio, que era uma boca de fumo, às vezes ela relata que tinha muito contato com o tráfico no lugar assim como o faz de modo a achar “*esse tipo de vida nojenta*”, ela mora no lugar mais por uma necessidade que uma vontade de querer participar, tanto que ela faz questão de afirmar o quanto esteve distante do uso das *drogas*, acaba que na casa do seu tio ela se envolve em um conflito que acaba por esfaquear outra pessoa, para se preservar ela foge para um lugar de conhecidos de seu tio em outro bairro da cidade, a Colônia Antônio Aleixo, um bairro na zona leste de Manaus que anteriormente era um hospital fechado para receber portadores do bacilo de hansen, ela relata esse tempo nesse lugar com certo medo – tanto pelo fato de poder ir ser presa, quanto pelo contato com os internos no lugar.

Eles ainda falavam “Menina tua é de menor, tu não vai ser presa”, quem me deu esse conselho era parente do meu tio, era do tráfico. Eu acho que ela não morreu, só que ninguém não falou mais nada desse caso, eu passei mais ou menos um ano para lá, sempre meu tio ia me visitar, sempre o pessoal vendia droga para ele iam me visitar. Ai tem uma senhora que o nome dela é Silvia, que

o marido dela era traficante, ela também era traficante, mas pouca gente sabia disso. Foi com eles lá que fiquei um tempo.

Lá na Colônia eu vi muita coisa ruim, acho que pra lá foi pior do que aqui, porque aqui quando eu vim do interior eu já conhecia, passei a conhecer a cidade, lá foi uma vida muito triste, até hoje eu não acredito em religião. Acredito que Deus existe, mas não acredito em religião não e eu não tenho religião.

Justamente nesse momento de instabilidade e incerteza que Lidiane consegue um lugar estável e seguro para viver, mesmo não sendo um lugar que ela julgue ideal, por conta da relação com o tráfico de drogas, mas é em Silvia que ela encontra uma figura estabilidade emocional que irá cuidar dela ao longo de sua vida. Em diversos momentos de necessidade Silvia surge como uma mulher que irá acolher Lidiane e cuidar dela, inclusive dando conselhos. Apesar disso Lidiane não reconhece nela uma figura materna ou familiar, mas a respeito como sendo parte de sua família, uma espécie de tia, já que ela era conhecida de seu tio.

A morte de seu tio parece não ser algo que marcou a vida de Lidiane, mas é um momento em que outro ciclo de instabilidades se inicia, principalmente porque Silvia não pode cuidar dela, então ela passa a ir viver com uma conhecida de Silvia. Nesse momento Lidiane não irá mais fugir, justamente porque as incertezas da rua irão lhe deixar mais assustada, mas um conjunto de violências irá atravessar sua história de vida.

Depois voltei para a casa do meu tio, foi quando mataram ele, foi quando me pegaram de novo eu fui para o Juizado, aí fui parar na casa de uma conhecida dessa Silvia...

Passei a conviver com essa conhecida, mas só para ser escrava, eu criava os filhos dela, eu tinha uns quinze anos, era uma casa no Coroado, o nome dela era Nonata, em frente a UFAM, aquela área ali era tudo dos pais dela. A gente morava na casa dela, mas ela sempre teve medo de mim por causa da minha maneira de vida, depois ela teve problema com a família dela, daí foi o tempo que nós viemos para Petrópolis.

Nesse tempo nós viemos para cá, foi só para cuidar dos filhos dela, incluindo cuidar da comida, da roupa, cuidar dos filhos dela, ela dava também em mim, ela passou a me bater, eu tinha um trauma que era horrível, sabe é aquele tal negocio, quando você ta na rua, quando você ta na casa dos outros, os seus filhos nunca fazem nada, os seus irmãos nunca fazem nada, sempre é aquela outra pessoa que faz.

Se em primeiro momento Nonata tinha medo de Lidiane, devido a sua relação com Silvia, isso se desfaz conforme ela vai convivendo e impondo suas vontades sobre ela, nesses mecanismos de imposição vemos emergir a violência física como um dos elementos primeiros, depois uma violência verbal que visa deteriorar a identidade de Lidiane, conforme ela vai se desenvolvendo. Xingamentos, levantamento de suspeitas sobre seu caráter e as violências físicas – do mesmo modo que sofria na casa de sua vó – passam a ser uma constante na vida de Lidiane que aos poucos busca meios de superar. Ela passa a se ver com

um bode expiatório, recaindo sobre ela qualquer coisa que aconteça na casa, o fato de Lidiane não recorrer novamente a fuga se dá pela incerteza dela não ter para onde voltar, já que seu tio morreu e aos poucos o medo de se envolver com a Justiça parece tomar forma, já que ela passou diversas vezes pelo juizado, essa situação lhe empurra de modo compulsório para um ambiente extremamente hostil e agressivo. Que resulta em um estupro dentro da casa dessa senhora, um tipo de violência que dilacera ainda mais a subjetividade e o reconhecimento de si em Lidiane.

Nessa época eu fui estuprada... Por dois homens na casa dela, eu fiquei entre a vida e a morte, naquele tempo o PAM da Codajás não era como agora, só sei que fiquei internada entre a vida e a morte, fiquei vários meses internada. Naquele tempo não existia pronto socorro da criança. Prá cá só tinha uma mata, ficava bem ali. Eu sei que passei por duas cirurgias, passei uns quatro meses internada, não conseguia andar, tava entrevada, fiquei com sérios problemas de saúde. E ela simplesmente me abandonou, chamaram minha tia, minha vó, elas não queriam saber de mim não. Quem ainda foi lá, foi a mulher desse meu tio e também essa Silvia que cuidou de mim, ela ainda mora lá. Que é uma senhora agora, depois de um tempo eu tive alta, essa Silvia foi me buscar. Me trouxe, de volta para a casa dessa Nonata, e o sofrimento só aumentou. Ela me chamou de tudo, de puta, de ordinária.

Foi umas das piores humilhações que passei na minha vida, coisa que quando eu tava na rua, esse negócio de violência sexual nunca teve, nem negócio de droga, nem de nada. Foram parentes dela que fizeram isso comigo. Eu convivi desde pequeno com o mundo das drogas, eu odeio esse Alberto Neto que era marido de uma tia, se eu pudesse matar esse homem eu matava. Ele bebia, ele batia muito em mim, sabia, era marido da minha tia, agora que vive com outra família.

Alberto Neto é um cantor local, ela aciona as lembranças dele devido ao som da televisão que está ligado em outro cômodo em que passa um comercio de um show desse cantor. Logo em seguida a isso nós damos uma pausa, pois ao falar do estupro ela fica extremamente emocionada, lembra-se da sensação de abandono que sentiu ao ficar meses internada em um hospital, novamente que aparece é Silvia para conversar e visitar ela, mas também fazendo com que Lidiane retorne a casa de Nonata, onde novamente todo tipo de violência verbal contra ela é acionada, em seguida ela deixa a casa de Nonata. Lidiane conta em um encontro subsequente, que soube mais tarde que os dois morreram, também me revela fora da entrevista que ambos eram conhecidos de Nonata e deixa entender que quem cuidou do assunto foi Silvia.

Nessa segunda etapa sobre a sua trajetória de vida, podemos observar a busca por Lidiane em torno de um lugar para viver, um espaço que possa chamar de lar, ao mesmo tempo em que conflitos conjugais acabam surgindo conforme ela passa a se relacionar

amorosamente com pessoas, iremos poder observar como determinadas disposições são reforçadas e desenvolvidas ao longo dessa segunda parte de sua vida.

Depois fui pro Educandos, em frente da igreja, em frente a um mercado grande chamado Boa Ventura, eu tava lá, era uma família muito bem, eram portugueses eles me tratavam muito bem, passei uns sete meses lá. Aí a Silvia foi lá comigo falou que essa dona Nonata tava operada, com uns pontos e tava muito mal. Como eu conheço a cidade eu fugi da casa desse pessoal, na hora do almoço eles estavam tudo dormindo, eu peguei fugi, deixei tudo pra trás, roupa, tudo tudo... quando cheguei eu vi a situação crítica dela. Foi aí que eu passei a cuidar dela, passei uns tempos, ela melhorou, foi se recuperando. Eu já tinha me apegado com ela pelos filhos dela, mesmo ela me maltratando, mas tinha aquela coisa, de ter um lugar certo para se viver, sabe, que não ia precisar viver na rua ou pulando de casa em casa.

Ela trabalhava naquele R.I.P Motel, ela me levava para lá para ajudar ela, lá eu conheci umas pessoas que lutavam capoeira, comecei a lutar capoeira também aqui no Adelson, no Marupiaras, fiquei um ano praticando luta, ela não aceitava que eu lutasse, acabei me envolvendo com um rapaz. Eu ainda não tinha namorado, eu já tinha passado por muita coisa, eu não pensava em namorar não. Mas eu conheci esse rapaz, acabei engravidando., passei mal, ela me jogou... Ela falou que puta já bastava ela dentro de casa. Botei uma mochila na costa, fui la com o cara, ele morava ali no São Francisco, ele também não queria que eu ficasse. Daí fui para um casa, comecei a trabalhar, tinha um senhor que me paquerava, comecei a transar com ele, aí falei que o filho era dele, ele pegou e disse para eu tirar.

Isso foi um pecado muito grande... Sinceramente até hoje me arrependo... Eu pensava assim, eu não tinha nada, não queria que o filho passasse por isso sabe... Naquele tempo era fácil consegui o Citotec... eu tomei tomei e não consegui sabe. Aí eu comecei a passar mal, daí eles não queriam que eu morasse mais na casa. Aí eu passei e tomei de novo, depois me ensinaram que tinha que tomar e injetar, injetei em baixo e tomei os remédios, foi aí que passei mal, tive hemorragia, fui para o hospital, parei lá no Balbino Mestrinho. Quando ele [o médico] examinou, falou que eram duas meninas, já pensou uma coisa dessa?

Eu sei que fiquei jogada, uns quinze dias lá... Só o médico tirou porque já tava morta, aí fiz uma outra cirurgia para retirar, hoje não posso ter filho, todos que eu tenho eram cesariana, por causa do incidente que houve anteriormente, aí o médico que examina a gente sabe. Como eles sabiam que tinha acontecido o acidente comigo, eles me operaram e tiraram.

Depois de alguns dias eu voltei para a casa dela, aí foi pior, foi humilhação direto, depois eu conheci o rapaz que tive o Caio, mas fiquei completamente no sofrimento, eu conheci esse outro também na academia do Adelson, ele me levou para casa dele, fiquei um tempo com ele. Ele bebia muito, ele dava muito em mim, mesmo sóbrio ele brigava, ele me chamava um monte de coisa, falava que eu não tinha nada, que era uma vagabunda, uma puta, eu pensei até em matar ele. A família dele quase me lincha. Primeiro eu dei uma terçadada nele, pegou na perna dele, só não acertei outra porque a mãe dele não deixou. Eu voltei pedi para deixar ficar com o menino, ela não deixou eu ficar com o menino.

Eu voltei para a casa da dona Nonata, ela então disse que ia colocar esse homem na justiça para pegar a criança, para eu cuidar, e a pensão para as crianças, foi aí que comecei a trabalhar na casa dos outros. Fui trabalhar na casa de um homem, que trabalhei até ele morrer, mas também trabalhava em outras casas como diarista. Também passei a me envolver com espiritismo e até hoje frequento o espiritismo, não é negócio de macumba, não é outra coisa nem nada. E foi assim trabalhando nas casas do Carlitos, ele era padrinho do filho da dona Nonata.

Depois de todo tipo de humilhação sofrida por Lidiane é Nonata que se torna um lugar seguro para onde Lidiane pode ir, ao que tudo indica devido a Lidiane não querer participar do estilo de vida de Silvia, acaba que Nonata se torna a sua única referencia de estabilidade, apesar da instabilidade emocional criada por esta, através de violências verbais e físicas, ao crescer Lidiane não sofre mais violências físicas dela, no entanto passa a ser criticada pelos seus relacionamentos, apesar de tudo Lidiane nutre um sentimento de cuidado por Nonata, uma relação ambivalente parecida com que Dona Teresinha sente pelo seu esposo. A interrupção da gravidez é outro momento em que Lidiane nos indica como marco em sua vida, em sua visão se trata de um pecado, apesar dela não ser religiosa e negar qualquer tipo de crença que envolva catolicismo, o protestantismo, ela sente o peso imposto por uma moral instituída em torno do aborto como uma questão social debatida, ela me conta também fora da entrevista que cuida de mulheres, tanto gestantes, como com problemas ginecológicos, como um meio de poder fazer o que não fizeram por ela, mas o peso que sente sobre isso se manifesta do enunciado de *pecado*, novamente se emocionando ao falar sobre o assunto.

De lá para cá foi que vim morar aqui, moro ali, onde tem uma oficina, atrás, lá onde fiz um quarto, pedindo ajuda, esse Marcos Rota tava começando o programa dele daí ele me pegou levou ali na URBAN, tiramos o registro de terra, e foi assim que consegui a minha casa.

Com a chegada do primeiro filho, preocupações em torno da construção de uma casa própria e meios de estabilidade na instabilidade econômica de sua profissão passam a ser estratégias utilizadas por ela para poder continuar vivendo. Na medida em que violências exercidas por Nonata vão se diluindo em sua narrativa, tanto por um afastamento que acabou ocorrendo devido a uma preocupação maior consigo mesmo e devido a carreira de diarista que passa a seguir, ela tem que encarar outro tipo de violência, dessa vez por parte de seus conjugues, tanto o pai de Caio, seu filho mais velho, como pela parte do pai de Kalifa sua filha mais nova, durante esse tempo Lidiane tem que fortificar a disposições de autodefesa e de cuidado sobre si, buscando ampliar esse cuidado para seus filhos, apesar de seu medo da Justiça, acaba recorrendo a instituição para acioná-la dispositivos jurídicos da Maria da Penha para garantir sua integridade física.

Lidiane nos conta que Caio foi para o exército, enquanto estava servindo foi vítima de um assalto a mão armada que resultou em disparos que lhe deixou paraplégico, ela conta que depois que se livrou do pai de Caio, seu filho assume uma posição de organizador da casa, tendo que trabalhar cedo como sua mãe, mas consegue entra na escola e finalizar o

ensino médio, aos dezoito se apresenta ao serviço militar e aos 21 sofre o assalto. Lidiane então retoma o cuidado maior sobre seu filho e junto com o pai de Kalifa ajeitam a casa para poder ter acessibilidade para Caio, que passa a receber pensão do exército por invalidez.

Depois eu conheci o pai da Kalifa, e foi outro inferno, foi à mesma coisa, não foi vida fácil, até hoje. Ele tentou me matar duas vezes, duas vezes eu cortei ele, duas vezes eu botei ele preso, ele tem processo lá, ele ficou preso uns 15 dias, foi na delegacia, porque a família dele contratou um advogado e não deixou ele descer pra penitenciária. Foi assim que passei a minha vida toda.

O homem para quem eu trabalhava morreu, nunca assinou minha carteira, nunca pagou nada, só meus vizinhos que estão de testemunha que eu trabalhava lá, saí sem nada desse trabalho, meu único filho que me ajudava que agora que ele foi pro quartel, teve um acidente com ele, ele ficou paraplégico. Ele levou um tiro, um cara foi assaltar ele, assaltou as coisas dele e ainda deu um tiro no meio do peito dele. Vai fazer uns dois anos que isso aconteceu.

Eu conheci meus dois irmãos, mas não é aquela coisa, que você vai dizer, não adianta num é igual o amor que a gente sente se tivesse sido criado juntos. Não é o que eu sinto pelos meninos que nós vivemos juntos, os três meninos da dona Nonata, o amor é diferente.

Agora o que ela fez, ela vendeu tudo que ela tinha aí, ela é rica, ela tem um mercadinho no Distrito, um filho é diretor da Coca Cola, o outro é delegado em Parintins, outro ta muito bem na Honda, outra filha tem casas para alugar, essa mulher hoje comprou um apartamento onde ela ta morando, em frente ao Cj Tiradentes. Eles passam na rua nem levantam a mão, passaram foi direto, eu não acredito nas pessoas, onde fui achar uma paz mesmo foi no espiritismo.

Onde eu vivo é uma área vermelha e muito violenta, não me sinto segura lá, por causa de muito assalto, ali teve muitas mortes, teve um tiroteio lá que um homem matou o outro assim, de tiro, um rapazinho assim novinho. Simplesmente ele não tinha pagado a droga e foi e matou o rapaz, ficou o corpo estirado um tempão lá no beco. E é direto, é briga, é furada de faca. Tudo acontece lá.

O único bem que esse homem fez pra mim, o pai da Kalifa, que ele era pedreiro ele fez as paredes lá de casa, com a indenização lá do Caio e o dinheiro que peguei de outro trabalho, comprei os tijolos e ele fez a casa de alvenaria, mas eu dando dinheiro.

Um tempo desses conheci meu pai, mas eu não gosto dele, não gosto dele não... Ele era uma pessoa que sempre teve dinheiro lá no Janaucá, ele a família dele, com o pais deles e tudo. Quando foi agora, eu soube que a mulher que deixou ele por nós, roubou ele, deixou ele, levou tudo dele, que ele veio procurar a gente que agora ele ta sem nada... o Pessoal fica perguntando "como ta teu pai? E eu falo: Pai!? Meu pai é Deus... Meus irmãos todos estão por ai, num sei muito deles não, tem um que ta morando no Jorge Teixeira.

Bem o Caio tem a casa ele, mesmo com o acidente ele ta amparado no exercito, e a Kalifa sempre fiz a mesma coisa que fiz com o Caio, botei ela na aula, paguei reforço para ela, sempre estive do lado dela... Agora felicidade, isso eu nunca tive não... Porque as pessoas dizem... por causa dos outros eu fiz tal coisa, por causa dos outros eu fiz isso, isso é tudo mentira, porque quando a pessoa não quer ela não faz. Porque eu vou dizer, eu guardava droga, eu guardava ouro...

Esse marido da dona Silvia era assim... Eu sempre tive contato com isso, primeiro meus avós, depois pelos meus tios aqui, o irmão da minha mãe que foi esse que eles mataram, depois a mulher dele, que acabaram matando ela com o

tempo também. Quer dizer da família dele não existe mais nada, nem mulher, nem filho, nem nada. A única raça que ainda existe é a dona Silvia, mas o marido dela mataram, era um traficante muito famoso na cidade de Manaus.

Olha eu chorava muito, às vezes tinha gente que tinha medo de mim porque eles achavam assim por causa da maneira que eu vivia achavam que eu roubava, por eu ser assim explosiva. Mas faz dez anos que eu entrei pro espiritismo e eu mudei muito olha, porque lá tem psicólogo, fica ali no Japiim. Já estou a dez anos. A Kalifa nasceu com uma doença e com o acidente do Caio, eles me ajudaram até hoje, com remédio, com apoio com tudo. Na terça tem associação de médicos que ajudam de graça, se não for muito caro eles te ajudam no remédio.

É na associação espírita que Lidiane passa a achar algum conforto e estabilidade de relações, tanto pelo caráter filantropo, como pelo fato de poder se relacionar com pessoas sem se preocupar em desfazer esses laços, ela busca uma relação de aproximação, tendo em vista sua trajetória de vida com dificuldades de poder criar laços fortes e de apoio, onde esses laços possam também cuidar um pouco dela, é na associação espírita que ela encontra um espaço de cuidado. Tanto que faz mais de uma década que ela frequenta a associação no Japiim, e apesar seu afastamento da igreja ela nos relata certas participações, principalmente influenciada pela sua filha Kalifa que gosta de frequentar a igreja católica do bairro.

Ela fala sobre o que considera ser violência, para isso ela constrói em sua narrativa experiências tidas como violentas ao longo de sua vida, também se coloca com o uma pessoa que age violentamente diante das situações, a disposição para o enfrentamento físico é parte de sua trajetória de vida, onde a fala fica em segundo plano, cabe ressaltar que é também um mecanismo de defesa decorrente as várias violências que sofreu ao longo de sua vida.

Inicia essa narrativa falando sobre os lugares e indica que a violência está dentro de casa, alertando para os perigos da violência intrafamiliar e dos abusos sexuais empreendidos contra meninas e meninos, tentando demonstrar que existe uma saída somente através da educação, principalmente da escola como instituição de controle e de cuidado com as crianças.

Olha acho que todo lugar é violento, mas o lugar mais violento é Manôa, agora pode até estar um pouco violento, mas não ta como está por aí, pelos lugares. Cansei de andar a noite e não acontecer nada comigo.

A violência ta mais dentro de casa, nem na rua, eu me sinto muitas vezes mais segura na rua que dentro de casa, eu vejo por aí, ela gera dentro de casa já, É o marido dando na mulher, nos filhos, espancando os filhos, irmão... Eu vejo homem idoso andando sozinho, eu não tenho pena não, cadê os filhos dele? Saca, vai saber o que ele fez pra tá sozinho, para não ter ninguém por ele. Vai saber se não deixou os filhos largados por aí, se num batia nos filhos.

*Eu acho que não tem mudança na violência, porque **já estamos nos fim dos tempos**, não é nada de admirar não, hoje mesmo eu vi no jornal que um avô*

casou com a neta, e disse que vai ficar casado, ele disse que não vai deixar a vida dele só porque o filho dele fez uma filha que ele nem sabia, porque ele casou ele nem sabia.

Eu acho que pra mudar tem que partir das Escolas, os professor conversar com as criança. Eu sempre trabalhei com o Caio assim, a gente só faz uma casa quando a gente quer...

O conceito de violência construído por Lidiane envolve compreender a violência como um fenômeno particular na esfera doméstica ou da casa como ela coloca, devido tanto a sua história de vida e os tipos de violência que sofreu, como buscando explicar que existe a necessidade das instituições – Escola, Justiça – observarem os tipos de violência geracionais, de gênero e sexuais sofridas no lar, ela cita exemplos a respeito, elencando o fato do descrédito dado às falas das crianças nesse caso.

Em meio a essas falas sobre a violência ela busca também se apresentar como uma pessoa que busca se defender das ameaças externas, buscando também ajudar outras pessoas em situações, nesse sentido temos duas cenas em que vemos de que forma Lidiane aciona a violência para resolução de conflitos, tanto para autodefesa quanto para cessar conflitos com vizinhos e com seu ex-conjuge, pai de Kalifa, que ainda frequenta a sua casa.

Ah, eu tinha uma arma dentro de casa, ainda esqueci isso, eu comprei uma arma depois de tudo que eu passei com o pai do Caio e com esse daí eu tinha a intenção de matar mesmo. Quando ele botou pra cima para me matar, ele saiu de lá, eu comprei uma arma... só que me denunciaram e a polícia foi baixar lá em casa, levaram... Comprei um 38 e uma caixa de bala, era preto o 38, quando a polícia chegou, tinha um policial velho que me conhecia alí da Cachoeirinha, mostrei o papel da delegacia e levaram aqui para o DP...

Mas sempre dei conselho pro Caio, num é porque um amigo meu rouba que eu vou roubar entende, eu nunca fui criado em igreja, mas o Caio foi batizado, crismado, primeira eucaristia, ele e a Kalifa, porque eles sempre estiveram lá chamando, eu nunca impedi. Trabalhei inclusive um tempo na pastoral. O padre daí sempre me dava conselho, eu trabalhei pelos idosos, três anos com as crianças.

A Silvia dizia isso para mim, “tu fica sem dinheiro, porque tu fica assim?” Isso porque ela queria que eu me envolvesse nas coisas que ela fazia. Tipo eu via a vida que minhas tias levavam, que minha vó levava, depois eu ví o pessoal ali nas drogas, eu era pequena eu vi minhas tias na cachorrada e as meninas novas, eu tinha um nojo, eu tinha uma raiva. E às vezes quando fazia um aniversário ela trazia essas coisas, que ela trabalhava num motel, tinha festa lá, ela trazia... Ela só chamava eu de abestada, tu é muito abestada, isso daí tudo acaba, quando a gente morre quando a gente vai pro buraco tudo se acaba...

Nessa etapa da entrevista Lidiane buscou apresentar sua convicção como elemento fortificador de si, o fato de não se envolver com “as drogas” mesmo convivendo desde criança com isso colocado como uma forma positivada de se ver no mundo, apesar dela ter conflito com a lei por conta da decisão de comprar uma arma e dos conflitos que acaba envolvida que

levaram a lesões corporais de outra pessoa, ela fala que mantém sua integridade e do mesmo modo seus vizinhos a percebem como uma mulher bem quista, que sentirão falta se um dia ela saí dali, porque ela é uma pessoa que *resolve as coisas*. Nesse ponto podemos observar que na rede de relação de vizinhança Lidiane possui certo prestígio pelo seu modo de agir, que mesmo sendo violento é respeitado e compreendido pelos outros sujeitos, o respeito que é criado em torno dela advém tanto pelo fato de *não baixar a cabeça para homem nenhum* quanto o fato de ser vista como uma *mulher trabalhadora que cria seus filhos*, esses tipos de adjetivos vieram de interlocutores que conhecem Lidiane em sua casa, quando fui fazer entrevista eles falaram para mim sobre ela antes de eu entrar, incentivando a fazer a entrevista com ela, porque ela uma *mulher de respeito*. Apesar de eu não ter me anunciado como pesquisador, mas como disse *nas ruas de trás* você é sempre visto.

Tipo olha o que aconteceu, o pai da Kalifa trouxe uma mulher pra transar lá dentro de casa...

A Kalifa foi lá no meu trabalho, pegou a chave, quando ela chegou lá, ela tava lá com essa mulher, com a porta trancada, aí a vizinha disse, faz é tempo que ele tá com esse mulher pra aí, e a mulher casada, eu a conheci muito tempo, ela vinha pra cá e ficando com essa pavulagem. Quando eu soube eu fui bater lá dentro, fomo pra porrada, porrada mesmo, só parei depois que ele começou a gritar, depois sentei a porrada nela até ela não aguentar mais.

Passou um tempo depois, encontrei ela na rua de novo, me subiu aquele ódio, fui lá sentei a porrada nela, arrastei ela pelo cabelo, pela rua, sabe esse negócio de brigar para da de mãozinho, de arrancar o cabelo, num é comigo não. Eu amarrei minha mão no cabelo dela e dei só de murro na cara dela, sentei a porrada mesmo, ela só não apanhou mais porque ela começou a gritar, a pedir socorro. Eu não quero nada com ele não, só quero que ele ajude a pagar a luz e sustentar a própria filha.

“Agora é muita sem vergonhisse tua, tu ir na casa do meu filho, da tua filha, fazer uma putaria dessa?” Eu falei para ele, desse jeito. “Fazer sem vergonhisse lá dentro de casa”. Sabe eu ainda pensei assim em fazer uma besteira, só dei umas porradas nela, só não apanhou mais porque o filho dela intercedeu. Ela disse que ia me denunciar, mas nunca veio nada.

Teve uma novata também que vivia reclamando, lá em casa tinha um abacateiro, essa mulher vivia reclamando das folhas, dos galhos, porra o abacateiro dá maior sombra pra todo mundo. Quando foi um dia ela foi bater lá no portão de casa, daí outro vizinho pegou ela, acalmou ela, levou ela. Passou uma semana, ela foi lá no meu trabalho, falou para o homem que eu tinha enchido de folha a porta dela, ela gritando no portão de onde eu trabalhava “Sua puta, e tal...”. Lá é bem calma, qualquer coisa dessa chama atenção, aí ficou “Sua puta, sua fudida, num sei o quê”. Tinha uns dois motoristas lá, de onde eu trabalhava, chegaram comigo... “Linda ta ouvindo o que tão falando pra ti?”. Era essa mulher gritando os absurdos.

Olha só o que aconteceu, eu peguei uma barra de ferro, nem falei nada não, abri o portão e dei-lhe duas cassetadas na mulher. Saí partindo a cabeça da mulher, porque eu acho que minha mente é assim ou então o assassino já pensa assim. Porque eu falo duas vezes, três vezes, eu já tinha falado com ela, mas quando eu dou uma porrada assim, minha vontade é de acabar, eu quebrei a cabeça dela e

fui arrastando ela pro beco que tinha do lado. Eu ia acabar de vez com ela, dei duas cassetadas, dei duas porradas na costela dela, ela ficou se cambaleando no chão tentando se levantar, dei outra pancada na cabeça dela, só parei porque me pararam.

Me puxaram de perto dela mesmo, um grandão que tava por lá me pegou pela cintura, o outro já foi pegando a barra de ferro e eu não queria soltar, eu esperneando querendo sair... Minha coisa era de acabar com ela. Sabe eu não fico assim, nesse negócio de ficar gritando, chamando atenção, chamando nome, não é comigo, tu não sabe como meu sangue sobe, quando eu vejo eu já tenho feito o negócio.

Olha na vizinhança tem gente que diz, que quando eu for embora dali vai sentir falta de mim, mas eu não sou de tá discutindo, eu sei que pegaram ela, veio os parentes da mulher levaram para delegacia, eu fiquei lá mesmo. No outro dia chegou à intimação pra mim, ela foi encaminhada para fazer o corpo delito, eu tive que pagar uma fiança. Olha, eu tinha um conhecido no IML, que me disse que ela tinha feito sim. Teve audiência no Fórum da Aparecida, teve tudo.

O Juiz chegou falando “Dona Lidiane a senhora já viu seu histórico aqui? Aqui há muitos anos atrás falavam que a senhora tinha uma arma, sem porte, num passou muito tempo à senhora botou seu marido na cadeia” “Doutor, mas o negócio é que o homem tentou me matar, tem testemunha dos vizinhos do lado”. E ela já tinha cortado uma mulher na Zona Leste e veio pra cá, por isso que ela se mudou, parece que tinha uma mulher que tava devendo ela na Feira, essa mulher não quis pagar, dai essa mulher que eu bati, meteu a facada nessa outra mulher e veio embora. Ela deve ter ticado a mulher, porque olha... Eu sei que fiquei respondendo o processo em liberdade. Paguei a fiança, por um ano, duzentos reais por mês para ela.

Então eu acho que a violência precisa ser combatida na Escola, sabe por que? Lá perto de casa a garotinha, eles não moram aqui, mas o irmão dela mora lá, aí essa garotinha só vivia triste, uns dois meses isso, a criança só vivia triste. A tia dela vivia perguntando, “o que tu têm?”. Ai quando a mãe saiu com o pai, ela pegou e falou “Tia é que a mamãe trabalha no restaurante, aí quando o papai fica comigo, ele tira minha roupinha de noite, amarra minha perna com a camisa dele, aí ele fica esfregando o negocio dele no meu bumbum, ele joga um negócio que fede, ele faz isso uma vez por semana, quando a mamãe vai trabalhar no restaurante”. Uma criança de seis anos... Aí chamaram a individua para ter uma conversa com ela, sabe o que ela fez? Deu uma pisa na criança e sumiu com marido e tudo, ele pegou e vendeu a casa, se mudaram, não foi atrás, ninguém sabe disso, só quem sabe é família....

Então psicólogo que chama as pessoas, então tem que ser por aí, tem que ouvir as crianças, chamar as crianças para conversar para descobrir, tem que fazer reunião com as crianças, as pedagogas, porque a criança fala. Eu acredito no que a criança tava falando, eles venderam a casa e sumiram, mas pensa o que vai acontecer com essas crianças, tiraram a menina de escola e sumiram, a maioria, as mulheres são coniventes. Foi através da escola que descobriram aquele picolozeiro que se trancou com três crianças, conversando, conversando as crianças falaram, o perigo tá aqui dentro de casas, com o irmão, com o avô ... A minha vó dava em mim, porque meu avô vinha me alisar, eu contava, ela dava em mim, não acreditava, por isso que não quis mais viver com eles.

É nos últimos momentos da entrevista que vemos Lidiane falando o motivo que iniciou sua saída de casa, que desencadeou uma trajetória de vida difícil, tendo que resistir a todo tipo de violência e buscando outros meios se resolução de conflito, ora através da fuga,

ora através do enfrentamento e ora se utilizando da violência como instrumento de ação, em todo caso vemos o desenvolvimento de disposições para autodefesa sendo construídas em um ambiente que visavam deteriorar sua identidade, no caso de sua Vó, de Nonata e de seus ex-conjugues, uma defesa de seu corpo e de si diante das diversas violências que sofreu.

Apesar disso tudo temos em suas explicações finais a confiança na Escola como instituição capaz de combater o tipo de violência que ela define, a violência sexual, de gênero e intra-familiar, tendo na figura central do psicólogo e do pedagogo a confiança para ouvir a crianças e agir sobre isso. Ainda ressaltar o caráter participativo de várias mulheres nesse tipo de violência, a convivência que seria um fator que agrava o problema, nos apresentando tanto experiências que sofreu, como cenas do cotidiano de sua vizinhança que explicam sua posição.

3.7 Disposição para autodefesa.

Ambos os relatos possuem algumas características em comum mesmo que tenham ocorrido em períodos diferentes, enquanto Dona Teresinha fala de eventos ocorridos entre os anos 1940-1950, Lidiane apresenta elementos que ocorreram no início dos anos 1960, temos um recorte temporal de aproximadamente cinquenta anos que nos apresentam conjuntos de práticas sociais que atravessam a vida de nossas interlocutoras.

A prática do trabalho compulsório infantil parece ser uma característica pertinente ao se analisar as condições de mobilidade de determinados sujeitos, principalmente as mulheres. Essa divisão do trabalho imposta a Lidiane e Dona Teresinha, nos revela a posição das mulheres, desde a infância, em uma sociedade hierarquicamente estruturada em valores patriarcais, onde a função de afazeres domésticos recai sobre as mulheres, bem como o confinamento aos afazeres de casa. Mesmo que Dona Teresinha relate que era empurrada na direção do roçado quando vivia no interior, ainda sim sua posição de subalternidade era constantemente reforçada, tanto pelo fato de ser órfã, quanto por ser mulher.

Tanto Dona Teresinha como Lidiane foram crianças órfãs, tendo forte a instabilidade nas relações de parentesco, não tendo um contexto de apoio e de acomodação mútua enquanto crianças, sendo forçadas desde a infância a ter que lutar para preservar sua integridade. Essa disposição para autodefesa e para o enfrentamento se desenvolve em contextos de conflitos, tanto em casa, quanto no período em que viveram na rua. A representação dessa experiência da rua não é vista nas suas narrativas como sendo algo negativo ou perigoso, mas relatam que existia uma tranquilidade parcial. No caso de Lidiane ela nos relata que os conflitos de rua, em sua trajetória de vida, ocorriam por conta de disputas por recurso que eram dados entre as próprias crianças que viviam em condição de rua. Para Dona Teresinha sua maior preocupação era a instabilidade que a rua proporcionava e a dependência de uma rede de relações que obrigava a uma condição de exploração sexual para manter-se, mudando somente quando foi abrigada por uma mulher paraense.

Esse processo fluido nessas relações de parentesco na fala de nossas interlocutoras nos revela como a violência cotidiana sofrida por elas acabaram por ser condicionadora para suas visões de mundo, na construção de narrativas sobre família, sobre segurança, sobre violência e conflitos.

Dona Teresinha incorpora os regimes de violência *na palavra e na mão* de forma a se proteger das violências domésticas e para resolver as traições do marido, sua preocupação é na manutenção equilibrada entre o *respeito* e a preservação de sua integridade física e psicológica em um relacionamento conjugal conturbado. Essa manutenção acaba por criar um patrimônio disposicional que é herdado, em parte, por suas filhas, mais fortemente na filha do meio. A resolução dos conflitos *na mão* é parte da vida familiar de Dona Teresinha, apesar de ser um recurso utilizado somente quando o conjunto de práticas *na palavra* perdem sua efetividade, as brigas por causa de calcinhas, com genro, as brigas com as filhas são consequentes de discussões anteriores. Assim agir violentamente *na mão* no cotidiano só é uma via quando falha as estratégias *na palavra*, tanto que em sua relação conjugal as ameaças utilizadas por ela servem como estratégia de defesa para que seu esposo não parta para as vias de fato, mas Dona Teresinha possui a disposição para o enfrentamento corpo a corpo se necessário.

Lidiane age violentamente conforme se depara com ambientes hostis ao longo de sua trajetória de vida, quando um conflito surge ele precisa ser resolvido o quanto antes, através do corpo a corpo. Quando ela enfrenta seus cônjuges, devido ao grau de violência física sofrida a estratégia uma via corpo a corpo. Se utilizar da palavra só tem efetividade se houve contexto para que efetive a possibilidade de negociação ou mesmo de ameaça, seus relacionamentos conjugais foram extremamente violentos, o que a coloca em uma situação onde não há outra opção a não ser reagir por qualquer meio necessário para preservar a si. Nesse sentido pode parecer que Lidiane é mais impulsiva, na verdade essa impulsividade é parte da disposição para o enfrentamento que foi adquirida ao longo de diversos contextos de violência e conflito, em sua narrativa o uso das palavras ficam para um segundo plano, em um situações em que as estratégias de resolução *na mão* perdem efetividade – por exemplo, quando tem que falar com a polícia sobre a arma adquirida ilegalmente e quando está diante do juiz por ter agredido sua vizinha.

As disposições desenvolvidas para autodefesa em ambas são construídas a através de processos constante de enfrentamento de conflitos, advindo de parentes que acolheram temporariamente estas e mais tarde vindo de cônjuges violentos, esse ambiente violento acaba por construir normas de relações pautadas na mão como mecanismos de resolução de conflitos, já que uma disposição para negociação só é possível quando existe o mínimo de reconhecimento do outro em um jogo de relações de respeito.

Ao nos depararmos com a construção disposicional diante das violências, ambas desenvolvem uma disposição para autodefesa e do cuidado de si, se identificando como *rebeldes, esquentadas* na verdade nossas principais interlocutoras estão reagindo a uma violência imposta a elas, ressignificando a própria violência em outros termos, legitimando suas ações para incorporarem as normas dos regimes de violência para dessa forma poderem reagir e agir como legitimidade dentro das redes de relação, ou dos quadros de interdependência do qual fazem parte.

Suas trajetórias de vida nos apresentaram as nuances que os regimes de violência podem produzir em escala individual, as narrativas sobre si se tornaram elementos analíticos importantes na construção de tipologia em torno do fenômeno, sendo essencial para uma compreensão e explicação sociológica de um quadro específico, a *Feirinha*, que é também um fragmento importante de uma correlação mais geral. O caminho que fizemos foi a partir das narrativas construir quadros sociológicos que nos permitisse analisar a emergência da violência enquanto um fenômeno cotidiano, para tanto formalizamos as recorrência como sendo regimes desenvolvidos na interação entre indivíduos que mobilizam e condicionam os sujeitos diante de um tipo de violência positivada, que criar regras, disposições e comportamentos, os seus sentidos recaem sobre a forma como os sujeitos tratam desse fenômeno no dia a dia.

Existe um recorte de gênero que precisa ser citado, necessitaria ser aprofundado, no que tange as formas como a violência é empregada sobre corpos femininos e corpos masculinos, do mesmo modo como elas são agenciadas, é importante ressaltar que nas narrativas de Dona Teresinha e Lidiane, elas estão o tempo inteiro na direção do enfrentamento como mecanismo de autodefesa, no caso de Falcão sua disposição para agir violentamente não necessariamente se ampara na autodefesa, mas se relaciona com um tipo de sociabilidade masculina de afirmação sobre outros, as violências físicas e corporais que sofreu e exerceu ao longo de sua trajetória de vida são distintas pelo fato de ser homem, pois ele encontra-se em outro jogo de relações que o gênero é marcador hierárquico. E mesmo que Falcão ou Sebastião tenha uma forte disposição para negociação, sua eficácia possui também um caráter amparado na masculinidade, uma coisa é um homem falando e negociando, devido a própria estrutura patriarcal que sustenta nossa sociedade, outra coisa são as negociações empreendidas por Lidiane que muitas vezes se submete os diversos tipos de violências impostas por Nonata, justamente pelo fato de ser mulher e engravidar sem ser casada.

Do mesmo modo as imposições e *castigos pedagógicos* impostos na infância são diferenciados por uma questão de gênero, enquanto elas são impostos compulsoriamente afazeres domésticos, Falcão e Sebastião são direcionados para uma vida escolar desde cedo, sem sofrerem com os assédios sexuais e tentativas de estupros como nos casos apresentados. Isso modifica drasticamente as formas de percepção do mundo, as maneiras de se relacionar e como acionar as disposições em que contextos. Seria necessário um aprofundamento nessas questões em uma pesquisa futura.

3.8 Regimes de Violência

Os regimes de violência evidenciados a partir dos quadros sociológicos analisados na *Feirinha* põem ser representados através das narrativas de diversos interlocutores em enunciados em torno da violência e do conflito. Esses regimes de violência encontram-se elucidados, em primeiro momento, através dos instrumentos de uso da ação, dessa forma observamos pelos menos três formas de regimes de violência: centrados *na fala*, centrados *na mão* e centrados *na arma*. Nós podemos ver/observar seus efeitos através dos sujeitos no jogo de relação no qual fazem parte.

Quando centrados *na fala* a posição individual do sujeito interfere no grau de respeito acionado que mede a eficácia da ação violenta a partir da posição hierárquica que este possui nas relações micropolíticas do cotidiano, os casos que vemos seus efeitos sugerem que necessário um conhecimento em torno daquele que age violentamente que garante sua ação e justifica o exercício da violência, a garantia que existirá um consenso parte do grau de respeitabilidade possuída pelo sujeito.

Nos casos centrados *na mão*, existe, além desses elementos apresentado *na fala*, a necessidade de uma disposição corporal para conflito ou enfrentamento, isto é, o sujeito utiliza o corpo como instrumento de ação, nesse caso não é posição do sujeito individual que auxilia na legitimação da ação violenta, mas o pertencimento a um segmento, que pode ser um grupo – no caso as *galeras, vizinhança, familiares* – em relação a outro grupo que torna-se mais importante que a posição individual, o respeito ou consideração é a medida da eficácia e da legitimação da ação.

Já nos regimes centrados *na arma* a disposição corpora para o conflito, a disposição para agir, requer também a crença em uma potencial disposição para matar e exterminar o outro, elemento que é utilizado para ameaçar ou violar o corpo da outra pessoa, a posição do individuo é ignorado para o sentido da ação, o calculo é feito a partir da representação e do consenso em torno de um segmento maior, no caso instituição, Estado, Policia, Crime. O respeito não mais medida de eficácia em âmbito geral, apenas particular, é substituído pelo consenso como elemento de avaliador da ação.

Essas formas se encontram em processos dinâmicos que se impõem entre indivíduos de modo interdependente e intersubjetivo, demarcando (dis)posições através de marcadores sociais – gênero, raça, geração, parentesco e status. O status, nesse sentido, envolve um

patrimônio disposicional em torno de capitais políticos, econômicos e simbólicos pertencente ao indivíduo nesse jogo de interação, que legitima a ação e seu reconhecimento como sendo violência ou não violência.

Entre os diversos quadros sociológicos que atravessaram a presente reflexão, que nos ajudaram a elucidar a emergência desses regimes de violência, podemos observar que a questão do *Respeito* se torna recorrência de semântica que tende a atravessar esses regimes como dispositivo axiológico que nos ajuda a entender os sentidos de violência atribuídos pelos sujeitos. Nesse sentido, o *respeito* é medida da vida cotidiana que legitima ou ilegítima a violência enquanto um comportamento aceito dentro das microrrelações nesse lugar.

Ao longo dos três capítulos este construto social se apresenta de diversas formas, quando os sujeitos justificam a violência, quando os sujeitos acionam a violência e muitas vezes para explicar o que seria a violência. Ao justificar a violência o *respeito* se torna elemento valorativo da ação, no caso *respeito é bom e preservar os dentes* um ditado popular nos anos 90, citado por Ezekiel, nos indica que o sujeito necessita de respeito para que sua ação encontre validade no jogo de relações cotidiana, Baiano nos indica que *é a falta de respeito* que muitas vezes leva a violência, do mesmo modo que Sebastião ao categorizar a violência o faz como sendo a medida necessária para *se respeitar o ser humano*.

Esse construto se torna essencial para compreender os regimes de violência, pois é o *respeito* dentro desse jogo de relações se torna uma moeda de troca que permite a ação dos sujeitos dentro desses regimes de violência, mas ela só pode ser quantificada ou classificada através trajetória dos sujeitos nos jogo de relações da vida cotidiana, a consideração que Lidiane possui por seus vizinhos por ser uma *pessoal que resolve as coisas assim* é dessa maneira através da trajetória de vida, assim no jogo das narrativas do cotidiano o indivíduo emerge em interações de escala individual que produzem os quadros sociológicos, do passado e do presente.

São justamente esses mecanismos de interação que nos permitem compor os quadros sociológicos apresentados, pois eles resultam da ação social dos indivíduos, através de suas disposições comportamentais e de suas disposições para crer, essa é maneira como o *respeito* se torna valor, construto e moeda simbólica de relações sociais, nesse lugar. No entanto, o respeito como Richard Sennett propõe é uma palavra polissêmica, esse enunciado é atravessado por outros sentidos, como o status, o prestígio, o reconhecimento, a honra social e dignidade (2004). No caso de quadro sociológico apresentado, o respeito é a forma como a

comunicação anterior ao indivíduo e posterior ao indivíduo ocorre no momento de sua ação presente.

É essa forma de respeito que permite que seguranças particulares se utilizem da força para manter um lugar seguro, é esse respeito que se permite que se preserve uma memória em torno da representação de alguns sujeitos, que explica porque grupos de jovens em um passado recente foram violentos, é o famoso *tem que ser assim* explicitado por um de nossos interlocutores, mesmo que exista um consenso sobre a ação de policiais, seguranças particulares e criminosos preconcebidos, ainda sim em escala individual que as violências são incorporadas, legitimadas ou negadas pelos sujeitos.

Nos linchamentos podemos ver que é o consenso que move os indivíduos a retirar de um sujeito que sofre um linchamento qualquer possibilidade de respeito, devido a marcadores sociais comunicados através de práticas sociais contínuas, como vimos o que aciona é a possibilidade disso é um misto entre afetividade e disposição para agir sobre o outro, “pessoas comuns” juntam-se com o intuito de exterminar esse outro, mesmo que a morte não esteja conscientemente no ato, o extermínio do outro ocorre nessa dinâmica pela ausência da moeda simbólica, extraída arbitrariamente por ser considerado ladrão, por ter cometido um crime “imperdoável” no conjunto de normas que regem essas práticas.

Esse consenso é produzido na dia a dia, nas falas dos indivíduos compartilhadas entre si, em processos conscientes e de rotina, podemos observar que a construção de um *lugar seguro* requer tempo e esforço, muitas vezes de diversos indivíduos interagindo para a construção desse lugar, indiretamente as ações do dia a dia produzem efeitos diversos e inesperados, esse lugar só é possível devido a controle que a violência exerce sobre os corpos dos sujeitos, condicionando suas rotinas e sendo elemento de cálculo, a violência é fundamento da vida cotidiana, tanto em seu caráter explícito para os nossos interlocutores, quanto em seu caráter implícito, os *castigos pedagógicos, a violência doméstica, o linchamento, violências inter-familiar e os conflitos de vizinhança* são elementos que acionam disposições para o enfrentamento, para disciplina, para crença na justiça, na educação e nas leis ou mesmo para descrença nesses modelos.

Quando afirmo que a o monopólio da violência compõe parte de um discurso com finalidade específica para manutenção de um consenso da ação institucional dos sujeitos, não estou afirmando que monopólio não possa ser requerido, quero dizer que um modelo centralizado de produção desse monopólio é incapaz de dar conta de realidades tão distintas,

quando reduzimos a escala de análise, como no caso desse trabalho, podemos observar que existem monopólios em níveis individuais, definidos pela interdependência de indivíduos, por isso entender essas relações através de regimes de violência, como práticas e crenças em torno do que é a violência e de como ela age em nossa sociedade é importante, pois nos revela que a compreensão dos sentidos e representações é o que potencializa a violência como um instrumento de imposição do poder.

Se tomarmos a assertiva de Hannah Arendth em seu tratado Sobre a Violência como paradigma interpretativo onde a violência seria esvaziada dos sentidos do poder, não poderemos ser capaz de compreender o caráter produtivo ou positivo da violência nas relações cotidianas como produtoras de políticas. A violência pode até não ser poder, mas podemos ver os efeitos da violência sobre o poder e pelo menos considerar que essa relação entre violência e poder está em um processo de coação. Só podemos observar isso através da micropolítica que nossos interlocutores nos apresentaram, do medo de denunciar uma pessoa que é policial por está possuir poder dentro de uma rede de relações de legalismos e ilegalismos, do medo de se intrometer em uma discussão familiar por conceber que mesmo que esteja em âmbito público existe um limite da esfera privada consensualmente e arbitrariamente é preservada quando se convém. O poder se relaciona com a violência através daqueles que detém a legitimidade do uso da violência, não através de um aparato burocrático, mas de disposições de ordem moral e da esfera cotidiana.

Capítulo 4 – Nas Margens da Violência

[...] conciliar a paz de forma violenta.

Racionais Mc

Os regimes de violência apresentam dessa maneira diversas práticas que legitimam e escondem a violência do dia a dia, poderíamos perguntar que formas de regimes de violência seriam encontradas em contextos diferenciados, por exemplo, na faculdade ou a universidade, no mundo do trabalho como em shoppings e fábricas. E que práticas se inter cruzam conforme as relações do cotidiano se efetivam? Como as microrrelações estruturam e reivindicam monopólios de violência diferenciados, que normas legitimam e ou não o uso da violência?

Às vezes as palavras nos vêm como se fossem naturais, boa parte do tempo não pensamos em cada passo que damos na rua, ou nas formas como agimos no trabalho, quando estamos confraternizando entre amigos, quando estamos nos relacionando amorosamente. Apenas vivemos, apenas seguimos em frente um dia de cada vez e em vários anos de vida. O que nos cerca, os nossos contextos falam um pouco sobre o que somos, o que fazemos denúncia outra parcela do que somos e nossas crenças sustentam outra parte de nós mesmos.

E precisamos admitir que somos violentos, que estamos imersos em relações violentas cotidianamente, direta ou indiretamente. As narrativas construídas sobre esse lugar seguro, as narrativas sobre o tempo e as narrativas sobre si, que pudemos apresentar ao longo desse trajeto reflexivo indicam que a violência no cotidiano não é reconhecida, mas que persiste como construtora de normas morais, comportamentos e disposições sociais múltiplas.

A violência multiforme parte de práticas sociais do dia a dia, produzindo crenças, elaborando normas e condicionando comportamentos, apreendidas em diversos contextos. Pôde ser observado através dos quadros da *rua da frente* e da *rua de trás* que existem condições diferenciadas para o reconhecimento da violência, que nos indicam normas morais pautadas em práticas socialmente compartilhadas. Quando vemos seguranças particulares, que sob o discurso de manutenção da segurança exercendo a violência e ao mesmo tempo quando vemos o exercício legítimo da violência por diversos atores nas ruas de trás, passamos a questionar como a legitimidade da violência é construída.

A legitimidade atuando através de um consenso produzido socialmente, a força dessa produção não se desenvolve em contextos institucionais – como observamos no caso dos seguranças particulares – mas é incorporado a partir da vida cotidiana ao longo de suas trajetórias de vida, quando obsevamos que os regimes de violência são esses conjunto de práticas atravessam o tempo e o lugar, que constituem forças sobre os indivíduos e ao mesmo tempo em que são constituídas pela força exercida por esses indivíduos, em um processo de interdependência, passamos a compreender que forma o discurso da violência difusa, da

violência como crime e da violência institucional servem como balizadores para que essas práticas cotidianas sejam invisibilizadas, colocando dessa maneira formas de violência à margem.

Ocorre que sob o discurso da violência difusa, vinda de todos os lados e potencialmente de qualquer lugar, acaba se tornando determinante na tomada de ações sobre os espaços para a contratação de seguranças particulares para vigiar estabelecimentos comerciais, que acabam servindo de “apoio”²⁰ para os aparatos públicos de segurança, ou melhor, há um fluxo direto entre o segurança privado e o agente público, que muitas vezes se divide entre essas duas funções. Diferente de um segurança patrimonial existe um mecanismo elaboração de ilegalismos que se estruturam na sociedade, que empurram o agente público para serviços privados, para tanto são seguranças privados que atuam armados e possuem um treinamento militar de enfrentamento ao crime adquiridos através de aparelhos públicos, consequentemente atuando constantemente dentro de áreas urbanas. Gerando assim uma via de empregos não formais, mas que auxiliam na manutenção da renda e na complementação de um padrão de vida aceitável para estes que se encontram no exercício dessa função.

Se analisarmos através de uma ótica proposta por Wieviorka (2007), que após o fim da Guerra Fria, o Estado assume outra forma de lidar com conflitos, através do que poderia ser nomeado de, uma *gestão negociada democrática* dos conflitos, que acaba por indicar de que forma outros conflitos surgem ao lado de uma nova tese de organização político social no ocidente, uma tese neoliberal que propõe que o Estado assuma determinados conflitos como sendo função sua administrá-la, de qualquer jeito possível. A mediação democrática dos conflitos passa a ser um discurso incorporado pelas agências de controle social, construindo o que os agentes de segurança pública chamam de policiamento cidadão acaba por desenvolver diversos dispositivos institucionais, onde o uso da violência instrumental como equipamento de coerção continua a ser condicionante para ação policial, a informalidade dessa ação por esses agentes não é vista como um desvio ou um problema.

²⁰ Apoio no sentido em que tanto essa segurança particular informal que atua nesses centros comerciais compõe uma rede de segurança que interage com o que seria o aparato estatal de segurança, isto é, a segurança pública devido à própria defesa da tese do monopólio da violência legítima não poderia admitir oficialmente que isso ocorra, todavia fora das regiões de legalismos os agentes legítimos tendem compor redes de ilegalismos que coordenam estruturas de segurança por todas as partes em todos os lugares da cidade. A cidade, nesse caso de Manaus, é um complexo controlado por redes de seguranças independentes que interagem entre a ordem Estatal e gerencia privada da segurança, sem problema algum.

Na verdade, quando lançamos esse discurso para além das instituições e das normas jurídicas que estabelecem o uso legítimo da violência sobre os cidadãos encontramos formas estratégicas de lidar com o conflito através de uma violência instrumentalizada informal, atrelando dispositivos e agentes públicos em campos do setor privado. A segurança privada empresarial e a segurança privada informal são diferentes quanto a seus campos de ação e responsabilidades jurídicas junto ao Estado Democrático de Direito, todavia no que se referem a um processo de neoliberalização da segurança, os mecanismos que desenvolvidos para assegurar o patrimônio – a propriedade privada – encontram-se em patamar de igualdade em seus procedimentos nesse jogo de relações. O agente de segurança informal, público e empresarial mesclam-se em face de uma nova dinâmica imposta por condições econômica de um modo de produção capitalista.

Em contrapartida, quando essa violência passa a ser agenciada por outros atores, ela é escamoteada sob outros significados, ela se torna justiça, se torna educação, se torna honra, se torna direito sobre o outro, mas não é violência, pois a violência encontra-se externa as relações do cotidiano, a violência é criminal, mas não é o espacamento de crianças. Ela é um assalto a banco, mas não é ameaça de morte de marido sobre a mulher. A violência é acomodada em outro campo semântico que não nas relações cotidianas.

A *feirinha* evidencia elementos importantes a respeito das margens da violência, o significado da violência para a construção de um *lugar seguro* exige que ela esteja deslocada desse lugar, pelo menos na construção narrativa de seus moradores e trabalhadores. A violência encontra-se externa aos sujeitos, sendo práticas dos outros, localizada em outro lugar – *Manôa, Zona Leste, Mauzinho, Zonas Vermelhas* - pertencentes a outro tempo – *no tempo do galeral, nos anos 90, na ditadura, antigamente, no tempo do coronel de barranco*. Encontra-se dessa forma sempre a margem do lugar seguro, justamente essa margem que nos permitiu compreender que a violência encontra-se instrumentalizada em práticas sociais que chamei de regimes de violência, que transpassam o cotidiano da *feirinha* e que a torna *um lugar seguro, um lugar bom de morar, um lugar não violento*.

A violência se torna dispositivo estruturante para a justificação do que seria o gerenciamento da segurança diferenciado, na verdade a violência é parte integrante do cotidiano nas grandes cidades, sendo fator mobilizador no que se refere à qualidade de vida e consumo de bens materiais, Caldeira (2003), ao analisar o processo de fortificação das cidades, ao que ele chama de *enclave fortificado*, já nos dava pistas de como a elite e a classe

média incorporaram o papel da segurança total em suas vidas, tanto através da construção dos muros de condomínios, como os sistemas de segurança privados.

A *feirinha* pode ser comparada a um enclave fortificado proposto por Caldeira, com a diferença que não são condomínios, mas é resultado de décadas de práticas sociais no espaço, onde a segurança é administrada pelos próprios moradores. É um *lugar seguro* que possui seus dispositivos de segurança – *grades cerradas, cacos de vidro nos muros, cães de guardas, seguranças armados* – diferente de um condomínio apontado por Caldeira, estamos falando de *ruas da frente e ruas de trás*, onde regimes de violência atuam de forma dinâmica para gerenciar corpos, decisões e compreensões a cerca do que é violência e do que não é.

Tendo em vista o caráter de uma sociedade de controle, como proposto por Deleuze (1992), que não se organizaria através de dispositivos disciplinares, mas de dispositivos de controle, a questão da vigilância nessa sociedade se ampararia não apenas a um prédio, mas seria um *continuum* perpétuo que mobilizaria sentidos a respeito da necessidade de vigilância contínua. A câmera digital de segurança é o dispositivo desse processo, enquanto tecnologia esse dispositivo tem se tornado presente em toda a paisagem urbana das grandes cidades, seu formato cada vez menos imperceptível, ou muitas vezes perceptíveis exerce um a função para além da proposta panóptica, pois o observador não precisa de modo algum estar localizado em um ponto fisicamente, ele se torna o próprio registro que pode ser acessado a qualquer tempo, em qualquer lugar, em fluxo de informação constante, isto é, a segurança é parte de uma cifra em qualquer lugar que se tenha um computador com acesso as imagens.

Nesse controle social a imagem se torna uma cifra divisível que recorta o corpo, invade a personalidade dos sujeitos e a captura em um tempo, transformando em um registro de atividades de controle para que aqueles que de alguma forma sejam “indesejados” e mesmo sobre aqueles que são desejados. Todos passam ser registrados em um tipo de vigilância contínua que esquadrinha os sujeitos, *na empresa, da formação, no monitoramento*, onde não importa uma arquitetura de vigilância, mas a disposição do controle de um fluxo contínuo, se nos tornamos amostras, a vigilância controlada em uma sociedade de gerência “democrática” nos sujeita a bancos de dados dos quais não temos controle, empresas dentro de empresas que flui o controle dos corpos e da imagem dos corpos.

[...] A vigilância suaviza-se especialmente no reino do consumo. Velhas amarras se afrouxam à medida que fragmentos de dados pessoais obtidos para um objetivo são facilmente usados com outro fim. A vigilância se espalha de formas até então inimagináveis, reagindo à liquidez e a reproduzindo-a. Sem um contêiner fixo, mas sacudida pelas demandas de “segurança” e aconselhada pelo

marketing insistente das empresas de tecnologia [de segurança], a segurança se esparrama por toda parte. (LYON, p.7, 2013)

No entanto, a lógica empreendida nesses processos digitais de imagem é rompida e passam a ser incorporados no uso de celulares que filmam linchamentos, na troca de imagens em aplicativos de comunicação, na própria narrativa dos sujeitos e na tomada de decisões, como no caso da “blitz policial” onde o policial se utilizou de um celular para falar com o dono do mercadinho sobre o suspeito parado no bairro. A lógica incorporada ao corpo nesse sentido tornando nossos olhos câmeras que registram o mundo conforme seus filtros.

A tecnologia de segurança se esparrama por toda parte, pois o discurso da violência difusa venceu no cotidiano, ela está em todos os lugares e em lugar algum, mas sobretudo ela é empreendida pelo outro sobre si, talvez somente Lidiane reconheça seu caráter violento ao afirma que *eu sou assim mesmo esquentada*, mas podemos observar como a violência é parte cotidiana das vidas de nossos interlocutores e como ela é parte de nossa vida.

Também podemos perceber que não se trata de uma economia de bens materiais como centro dessas seguranças e do uso da violência legítima, mas uma economia simbólica que atravessa os indivíduos e encontra no *respeito* sua moeda de troca, aquilo que mede a ação dos indivíduos sobre outros indivíduos. Uma moeda que varia conforme o gênero, o status dentro do lugar e os contextos que são apresentados.

Pode-se observar nos relatos de Lidiane e de Dona Teresinha, como a violência assume um caráter de autodefesa, de resistência e de enfrentamento necessários para o reconhecimento, à preservação física e subjetiva dos indivíduos. Ou como no caso de Ezekiel e Falcão como a violência organizam relações entre grupos de jovens, de policiais e de moradores. Como o *respeito* ou sua falta se torna mobilizado da violência cotidiana, como dito é transmutado para outros significados, como respeito à justiça, respeito a família, respeito a segurança, respeito aos policiais, respeito ao crime. Esse valor que transpassa os regimes de violência no tempo e no espaço encontra-se no centro dessas violências cotidianas.

O *respeito* pode ser entendido inicialmente como uma palavra, que acompanham outras palavras em uma construção narrativa, mas ele é um valor central para interação entre indivíduos que se encontram em um determinado lugar, é o *respeito* que rege as relações de vizinhança, que fortifica relações de compadrio, inimizades, relações familiares.

Karina Biondi (2014) já indica a importância que a questão do *respeito* assume no jogo de relações nas quebradas de São Paulo, um verdadeiro cuidado com as palavras

relacionado ao *ideal de Paz do PCC*. Onde se trata tanto de uma escolha cuidadosa de palavras como uma postura assumida por aquele que *dá uma ideia*.

O cuidado com relação ao correto arranjo das palavras, por sua vez, conduz à escolha das palavras certas, do momento adequado, mediante uma forma (que inclui entonação e disposição corporal) apropriada [...] Essa noção de *respeito* está intimamente relacionada com o *ideal de Paz do PCC* e acompanha a centralidade que o correto manejo das palavras ganhou em detrimento a força física. Muitos dos conflitos que, anteriormente, eram resolvidos *na mão* (por meio da força física), *na faca ou na bala* (de armas de fogo), hoje são solucionados por meio de conversas, argumentações, *debates*. Mas as palavras não só substituem a força física como também, e principalmente, são manejadas a fim de evita-la (BIONDI, 2014, p.137-138)

Em nosso contexto esse arranjo correto das palavras varia ainda mais, pois não existe uma narrativa que ancore um ideal de paz, existem as dinâmicas cotidianas das *ruas da frente e das ruas de trás* que definem a partir de seus regimes de violência de que forma um conflito pode ser resolvido ou como um conflito é iniciado, conforme essa dinâmica a palavra pode ter efetividade ou não. Isso no cotidiano, em um lócus que não é nem crime e nem estado, onde encontramos um interlocutor como *Falcão* que aciona disposições sociais de enfrentamento fortemente violenta, no entanto, não menos legítimas dentro do *fazer pelo certo e pelo errado* que ele nos apresenta. Ou como *Saulo* que coage seu cunhado que roubou dinheiro de sua irmã em uma rua movimentada cheia de policiais e trabalhadores, com uma arma na mão.

Podemos retomar a questão do monopólio legítimo da violência como premissa weberiana de uma sociedade com Estado. Esse monopólio como afirmado não pode ser encontrado centralizado, pois existem legitimidades em relações microrrelacionais que o discurso oficial não pode alcançar, onde os não-ditos se encontram efetivamente. Eis a necessidade de se tomar a perspectiva proposta por Veena Das e Poole (2008) em uma análise a partir das margens, não concebendo o Estado como ordem e seu contrário como desordem, mas assumindo que o Estado é um conjunto de práticas sociais interagindo de forma nem sempre coesa.

O Estado não é tanto sua estrutura institucional, mas suas práticas, que se tornam (in) discernível conforme suas práticas avançam sobre o cotidiano, pois esses cotidianos também violento se lançam contra o Estado. Subverte seu discurso em cada contexto, sendo o *Quartel* e os policiais são parte importante de explicação da construção de um *lugar seguro*, que poderiam sugerir que é a presença policial, vemos que isso não é dessa maneira, que na verdade o jogo de relação do cotidiano é bem mais complexo, envolve disposições sociais em um processo de interdependência muito maiores.

O mesmo policial se torna morador, se torna parente, é segurança, é dono de bar. Ao mesmo tempo em que não há aqueles que sofrem, existe um constante processo de interação, que os policiais encontram-se sujeitos às práticas sociais estabelecidas. Como no caso dos linchamentos, o consenso e ação das pessoas sobre os corpos dos suspeitos, dos “bandidos”, impede uma interferência policial de imediato, e que o contexto da *rua da frente* essa interferência é imediata enquanto que *na rua de trás* pode ser que nem aconteça antes do término da “punição”.

Como Paiva e Freitas (2015) a presente reflexão assumiu que a violência é muito mais que crime, que instituição, ela assume formas diferenciadas de produção de narrativas, disposições e contextos, muitas vezes aparecendo nas narrativas como “ecos” que tendem a significar relações mais complexas, onde a palavra violência se quer pode ser citada, mas é surge de forma afetiva no corpo, no modo de falar, na maneira de agir. Os interlocutores dessa reflexão nos auxiliaram a compreender a violência em seu campo fenomênico, onde a experiência se mescla em nível subjetivo, vem acompanhada de afetividade e de racionalizações em torno do mundo.

As narrativas sobre o lugar, sobre o tempo e sobre si foram os eixos condutores dessa reflexão, necessários para que apreender a violência em outro campo semântico como proposto por Rifiots, Cesar Barreira, Simmel, Walter Benjamin, Fanon, em seu caráter produtor e pertencente à dinâmica do nosso cotidiano. Pode-se supor que *lugares seguros* não são tão seguros e pacíficos como um discurso hegemônico tende a criar, do mesmo modo que não existe uma relação direta entre uma economia de bens econômicos legais e ilegais na produção de uma violência cotidiana, apesar do discurso explícito ser utilizado como justificativa para empreendimento da violência. Também vemos que marcadores sociais de gênero, raça e geracionais importam quando estamos falando de violência e que disposições para o enfretamento à violência se encontram incorporadas de diversas formas em nós.

Em outros termos este trabalho buscou, entre os muitos quadros apresentados, contribuir para explicitar os regimes de violência como um possível conceito interpretativo da violência enquanto um fenômeno, um instrumento sociológico de elucidar práticas cotidianas que muitas vezes não são vistas como violência, desse modo são incorporadas impedindo outras reflexões, buscou-se afastar-se de generalizações em escalas macrossociológicas, todo esse trabalho, desde a construção de seus quadros, a elaboração do conceito de regimes de violência atende mais a um ensaio reflexivo em torno de um campo particular, de um

fragmento da realidade que visa constituir leis gerais em torno do fenômeno. A busca por abordar a violência a partir das suas margens, tendo como fio condutor a fala dos sujeitos, sua construção narrativa sobre o lugar, sobre o tempo, sobre o outro e sobre si, esse trabalho então se encontra em sua forma experimental, buscando colocar a perspectiva da violência em outro campo de análise (RIFIOTS, 1998) que nos permita compreender seus efeitos nos indivíduos e na construção de quadros sociais passíveis de análise.

Meu eixo reflexivo se encontrou em uma busca de entendimento, de esclarecimento e de formalização entre os limites do que seria violento e não violento, em outros termos, como é possível *conciliar a paz de forma violenta*? Podemos ver que a paz de um lugar, a paz de uma pessoa é atravessada por práticas violentas cotidianas, que vão desde a escolha por morar em condomínio fortificado, cercado de potenciais práticas de segurança, até mesmo escolher se envolver em determinados conflitos – como linchamentos – ou não se envolver em outros – no caso de espancamentos de criança e de mulheres – essas escolhas são cercadas por sentidos, pois esses elementos apresentados nessa pesquisa se encontram no campo da afetividade, do axiológico e das razões práticas antes de uma escolha puramente racional.

Talvez a contribuição desse trabalho esteja em desmascarar o caráter civilizador que tentamos impor a nós mesmo enquanto sociedade e desmistificar o elemento da barbárie como explicações em torno da violência, os regimes de violências são práticas de indivíduos comuns, de trabalhadores e trabalhadoras, não são disposições de “monstro”, não são condições afastadas, mas são transpassadas em nossas subjetividades. E nossa subjetividade sempre procura um meio de seguir em frente, sejam evocando mecanismos de defesa, justificações racionais, blindando formas afetivas e desenvolvendo disposições de enfrentamento, nossa subjetividade busca atravessar da melhor forma possível esses regimes de violência, elaborando explicações e acomodações semânticas a partir da experiência.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ADORNO, Sergio. **Monopólio Estatal da Violência na Sociedade Brasileira Contemporânea**. In: MISSELI, Sergio (org). O que ler nas Ciências Sociais Brasileira – Vol. IV (1970-2002). São Paulo. Editora Sumaré, 2002.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, RJ. 2009.
- ARANTES, Pedro Fiori. **Em busca do urbano: Marxistas e a cidade de São Paulo nos anos de 1970**. In: Novos Estudos, n.83, CEBRAP, Março, 2009, pp.103-127.
- ARAÚJO, André Vidal. **A sociologia de Manaus**. Manaus, 1973.
- ARAÚJO, André Vidal. **Introdução à Sociologia da Amazônia**. Manaus, Editora da Universidade do Amazonas – EDUA, 2003
- BARREIRA, César. **Cotidiano Despedaçado: Cenas de uma violência difusa**. Fortaleza, CE: FUNCAP/CNPq-Pronex; Campinas, SP: Pontes Ed. 2008
- BARREIRA, César. **Violência difusa, medo e insegurança: as marcas recentes da crueldade**. In: Revista Brasileira de Sociologia, Vol. 01, N. 01, Jan/jun, 2013, pp. 219-242.
- BALZAC, Honoré. **A comédia humana. Vol. XIII (Estudos de Costumes)**. São Paulo: Globo, 1954.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, RJ 1999.
- BECKER, Howard. **Conferência: A Escola de Chicago**. In: Mana 2(2), 1996, p.177-188.
- BENJAMIN, Walter. Para a crítica do poder como violência. In: **O Anjo da História**. Rio de Janeiro, Autêntica Editora, 2016.
- BIONDI, Karina. Etnografia no Movimento: Território, Hierarquia e Lei no PCC. Tese de Doutorado em Antropologia, pela Universidade Federal de São Carlos, (334pp), 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **Violência Simbólica e Lutas Políticas**. In: Meditações Pascalianas. Bertrand, Rio de Janeiro, RJ. 2001 .
- BOURDIEU, Pierre. **Introdução a Sociologia Reflexiva**. In: O Poder Simbólico. Editora Bertrand, Rio de Janeiro,RJ. 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O Senso Prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo – 8ª Edição**. Rio Janeiro: Editora Vozes. 2011.
- CASTRO, Viveiros de. **O Nativo Relativo**. In: MANA 8(1):p 113-148. 2002.
- CALDEIRA, Teresa. Enclaves Fortificados: erguendo muros e criando uma nova ordem privada. In: **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. São Paulo: EDUSP; editora 34, p.257-300, 2003.

- DAS, Veena. **Fronteiras, Violência e o Trabalho do Tempo: alguns temas wittgensteinianos.** In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 14, n. 40. P.31-42. Jun, 1999.
- DAS, Veena. **Violência e Tradução.** In: RBSE 6 (18), Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury, p. 623-636, Dezembro, 2007.
- DAS, Veena e POOLE, Deborah. **El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas.** In: Cuadernos de Antropología Social. N.27, pp.15-53, 2008
- DAS, Veena. **O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade.** In: Cadernos Pagu (37), p.9-41, julho-dezembro, 2011.
- DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum Sobre as Sociedades de Controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990).** Rio de Janeiro, Editora 34, p.219-226, 1992.
- ECKERT, Cornélia, ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia de Rua. Etnografia de Rua: estudo de antropologia urbana.** Porto Alegre, In: Série Ilunimuras, BIEV/IFCH, 2003
- DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum Sobre as Sociedades de Controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990).** Rio de Janeiro, Editora 34, p.219-226, 1992.
- ECKERT, Cornélia, ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas de vida urbana.** Porto Alegre, Marcavisual, 2013
- ELIAS, Norbert. **Sociedade de Corte.** Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População: Curso dado no Collège de France (1977-1978).** São Paulo, Martins Fontes, 2008
- FRUGOLI Jr, Heitor. **O Urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia.** In: Revista de Antropologia, São Paulo, Usp, v. 48, n. 1, 2005, p.133-165.
- GADEA, Carlos A. **O interacionismo Simbólico e os estudos sobre cultura e poder.** In: Revista Sociedade e Estado, Vol. 28, n.2, Maio/Agosto, 2013. pp.241-255.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Editora UNESP, São Paulo, SP. 1991
- GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience.** Boston, Northeastern University Press, 1986.
- GOLDEMBERG, M. **A arte de pesquisar; como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 10. ed.** Rio de Janeiro: Record, 2007.
- HALBAWCHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Editora Vértice, São Paulo – SP, 1990.
- HIRATA, Daniel Veloso. **Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida.** Tese de Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia, USP, pp.367, 2010.

- HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991)**. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.
- IANNI, Octavio. **Capitalismo, Violência e Terrorismo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004.
- JACOBSEN, Michael Hviid. Introduction: Goffman Through the Looking Glass: From ‘Classical’ to Contemporary Goffman. In: JACOBSEN, Michael Hviid. **The Contemporary Goffman**. Nova York, Routledge, Taylor& Francis Group. 2010.
- JOUTARD, Philippe. Nuevas Polémicas Sobre Historia Oral: algunos retos que se le plantean a la historia oral del siglo XXI. In: JOUTARD, Philippe & BOFIL, Mireia. **Historia, Antropología y Fuentes Orales. No 21, Entre la Exclusión y El Trabajo**, pp. 149 – 162. 1999.
- LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: Disposições e variações individuais**. Porto Alegre, Artmed, 2004.
- LAHIRE, Bernard. **Partimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual**. In: Sociologia, Problemas e Práticas, nº 49, p.11-42, 2005
- LAHIRE, Bernad. O Singular plural. In: **Cadernos do Sociófilo – Quarto Caderno**. Lisboa, 2013.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l’espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006.
- LYON, David. Introdução: Vigilância líquida?. In: BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância Líquida**. Rio de Janeiro, ZAHAR Editora, 2013.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência**. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul/dez 2009.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Q. (Org.). **Metrópoles: entre a fragmentação, a cooperação e o conflito**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004a.
- MACHADO DA SILVA, Luiza Antonio. Sociabilidade Violenta: uma dificuldade a mais para a ação coletiva nas favelas. In: PATRICIA, Lânes. **Rio: A democracia vista de baixo**. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Análi, 2004b.
- MARQUES, Adalton. **Crime, proceder, convívio-seguro: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

MARQUES, Adalton. **“Maior respeito” e “cuidado com as palavras”:** considerações de moradores sobre transformações nas periferias de São Paulo. In: ANAIS - 36º Encontro Anual da Anpocs, GT33 – Sobre Periferias: novos conflitos no espaço público. Setembro, 2012.

MARQUES, Adalton. **Quando outras “cenas” entram em ação: considerações de moradores sobre transformações em periferias de São Paulo.** In: Anuário Antropológico. UNB, Brasília, v.41, n. 1, p.173-201, 2016

MEIHY, J. C. S. B.. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, J.C.S.B. Os Novos Rumos da História Oral: O Caso Brasileiro. In: **Revista de História 155** (2º - 2006), p 191-203. 2006.

MENDONZA, Edgar Salvador Guitirrez. **Sociologia da antropologia urbana no Brasil: década de 70.** Tese de Doutorado , Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, pp. 342, 2000.

MICHAUD, Yves. **A Violência.** São Paulo, Editora Ática, 2001.

MILLS, C. W. **Do artesanato intelectual.** In: MILLS, C. W. A imaginação sociológica. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Octavio. **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro, Editora Guanabara, p.25-66 1967.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos Lugares.** In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação do Departamento de História da PUC-SP, p. 7-28. 1981

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever.** In: Oliveira, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo São Paulo, SP. UNESP; PARALELO 15. 2000.

PAIVA, Luiz Fábio Silva. **A violência como evento de resignificação.** In: ANAIS – 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, Bahia, Junho/2012.

PAIVA, Luiz Fábio Silva. **Contingências da Violência em um Território Estigmatizado.** Campinas, SP. Editora Pontes, 2014. (1)

PAIVA, Luiz Fábio Silva. A violência como evento de resignificação e construção da realidade social. In: BARREIRA, César; RUSSO, Mauricio Bastos; PAIVA, Luiz Fabio S.

(ORGS). **Violência como campo de pesquisa e orientação** Campinas, Sp. Pontes Editores, 2014.(2)

PAIVA, Luiz Fábio Silva e FREITAS, Geovanni Jacó de. **Ecos da violência nas margens de uma sociedade democrática: o caso da periferia de Fortaleza.** In: Sociedade e Cultura, v. 18, n.2, Goiânia, p.115-128, Jul/Dez. 2015.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e Conflito no Porto de Manaus, 1899-1925.** Manaus: Edua, 1999.

POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol2, n. 3, p 3-15, 1989.

RIFIOTS, Theophilos. **Nos campos da violência: diferença e positividade.** In: Antropologia em primeira mão (19), p.1-18, 1997.

RIFIOTS, Theophilos. **Dilemas Éticos no campo da violência.** In: Comunicação e Educação, n.13, São Paulo, p.23-32, set/dez, 1998.

RIFIOTS, Theophilos. **Violência Policial e Imprensa: o caso da Favela Naval.** In: São Paulo em Perspectiva, Vol(n) 13(4), p28-41. 1999.

RIFIOTS, Theophilos. **Sujeitos de direitos e direitos dos sujeitos.** In: SILVEIRA, R.M.G. Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos. João Pessoa, Editora Universitária, pp.231-244, 2007.

RIFIOTS, Theophilos. **Violência e Poder: Averso do avesso?** In: NOBRE, Renarde Freire (org). **O poder no Pensamento Social: Dissonâncias.** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.

RODRIGUES, Tiago Nogueira H. C. **Contando as Violências: Estudo de narrativas e discursos sobre eventos violentos em Florianópolis (SC).** Dissertação de Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 210 pp, 2006.

SENNETT, Richard. **Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

SILVA, Sérgio Luiz Pereira da. **Sociedade da diferença: formações identitárias, esfera pública e democracia na sociedade global.** Rio de Janeiro, Rj. Maud X;FAPERJ, 2009.

SIMMEL, Georg. **A Metrópole e a Vida Mental.** In: VELHO, Octavio. **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro, Editora Guanabara, p.10-24, 1967.

SIMMEL, Georg. **A ponte e a porta.** In: Política e Trabalho 12, Setembro, 1996, p.10-14.

SOARES, Luiz Eduardo. **Violência e Política no Rio de Janeiro.** ISER, Rio de Janeiro, 1996.

- SOUZA, Alex Sandro Nascimento de. **O urbano na fronteira amazônica: o comércio peruano em Benjamin Constant, Amazonas-Brasil.** In: ANAIS XIV Simpósio Nacional de Geografia Urbana no Século XXI, Fortaleza, 2015.
- SOUZA, Jessé. **Ralé Brasileira: quem é e como vive.** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.
- SOUZA, Perci. **Uma crítica francesa acerca do espaço urbano.** In: Ser Social, Brasília, n.17, jul/dez de 2005, pp.59-112.
- TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. **As conflitualidades como um problema sociológico, contemporâneo.** In: Revista de Sociologia, ano 1, n.1, Porto Alegre, 1999, pp.10-13.
- TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. **Violência e Dilemas do controle social nas sociedades da “modernidade tardia”.** In São Paulo em Perspectiva, 18(1), 2004, pp.3-12.
- TOPALOV, Christian. **O saberes sobre a cidade: tempos de crise?.** In: Espaços & Debates, n.34, 1991, pp. 28-38.
- VANSCONCELOS, Thiago Rocha. **Esboço de uma sociologia das Ciências Sociais contemporânea. (1968-2010): a formação do campo da segurança pública e o debate criminológico no Brasil.** Tese de Doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo – USP, 519 pps, 2014.
- VELHO, Gilberto. **O desafio da proximidade.** In: VELHO, Gilberto; KUSCHINIR, Karina (org). Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro, RJ. Jorge Zahar, 2003.
- VELHO, Gilberto. **Narradores Urbanos: antropologia urbana e etnografia nas cidades brasileiras – Gilberto Velho.** Documentário do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela UFRGS. Disponível em Banco de Imagens e Efeitos Visuais do Laboratório de Antropologia Social – UFRGS, 2006.
- WAGNER, Roy. **A invenção da Cultura.** São Paulo, Cosac Naify, 2010.
- WEBER, Max. **Conceito e Categorias da Cidade.** In: VELHO, Otávio Guilherme. O Fenômeno Urbano, Rio de Janeiro, RJ, 1967.
- WEBER, Max. **A “Objetividade” do Conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política.** In: Metodologia das Ciências Sociais. São Paulo, Sp. Cortez Editora. 2001.
- WEBER, Max. **Conceitos Básicos em Sociologia.** São Paulo, SP. Centauro Editora, 2008
- WIEVIORKA, Michel. **O novo paradigma da violência.** In: Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S.Paulo, 9(1):5-41, maio de 1997.
- WIEVIORKA, Michel. **Violência hoje.** In: Ciência & Saúde Coletiva, 11(sup), 2007, pp.1147-1153.

YPIRANGA, Mario. **Fundação de Manaus, 3.Ed.** Manaus, Editora da Academia Amazonense de Letras, 1971.

ZALUAR, Alba. **Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização.** In: São Paulo em Perspectiva, 13(1), 1999, p.3-17.

ZALUAR, Alba. **Teoria e prática do trabalho de campo, alguns problemas.** In: CARDOSO, Ruth C. L. A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa. 4ª Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2004.